– VERTYGO –

O SUICÍDIO DE LUKAS

AUTOR:

MARCUS DEMINCO

A Título De Prefácio, de Protesto, ou de Propósito?

Cabe aqui, uma primeira explanação, a minha relação com o Marcus Deminco é *sui generis*, nós nunca nos vimos pessoalmente, e eu só tive algum conhecimento sobre ele, assistindo uma de suas entrevistas num canal da internet. Sua fala pessoal, profissional e emocionante, versava sobre o Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH). Não sei o motivo, talvez as Musas o saibam, mas me senti tocado pelas palavras que ele proferiu naquele vídeo. Não que eu sofra diretamente do Transtorno, bem, ao menos, não deste.

Algum tempo depois, resolvi escrevê-lo, e para minha maior surpresa, sem tardança alguma, obtive uma linda resposta. Começamos então, a nos corresponder virtualmente. Ele me conhecia pelas minhas descrições confidentes, e se deixava conhecer a cada linha escrita. E tudo o que lia dele, sempre me fascinava. Ainda sobre o projeto do livro Helen Palmer - Uma Sombra de Clarice Lispector, senti-me extremamente orgulhoso por ter sido um dos primeiros a ler a obra, e ainda depois comentar sobre uma narrativa tão singular, própria de gênio, às vezes, incompreendido. Conheço bem a incompreensão. A genialidade, sempre a busco.

Conseguir a intimidade suficiente com a grade Clarice foi, certamente, uma tarefa hercúlea. E foi completada com maestria pelo Marcus Deminco. O cuidado ao elaborar as frases, a precisão, ou a proposital falta dela, ao apresentar as ideias, tudo contribuiu para que esta obra fosse grande. A repercussão prova o que digo. Então, eis que o meu amigo virtual, mas tanto real, convida-me a prefaciar seu próximo livro, cujo mote principal seria o suicídio. Seria uma provocação? O exercício arbitrário de um tipo de ironia incompreensível a mim?

Ora, Deminco sabe muito bem que enfrento grave problema de saúde, há cinco anos, sem muita esperança de cura total em curto prazo. Depois de doze cirurgias, será que ele me imaginou um suicida em potencial? Será que para ele, a nefasta ideia, deve ter surgido em algum ponto do meu calvário? Seria este o real motivo de ter me escolhido para prefaciar sua nova obra?

Em nossas conversas, sempre me identifiquei como um estoico. Acredito no dever, na honra, na virtude. Mas, diferentemente dos estoicos da antiguidade, não aceito e nem apoio o suicídio, que me parece uma fuga, um alívio para uma angústia ou engasgo, realizado no mais das vezes

durante seríssimos estados psiquiátricos, quando o ser humano está completamente desprovido do seu livre-arbítrio. Teríamos mesmo livre-arbítrio? Bem, esta já seria uma outra discussão.

Sempre que me mencionam algo sobre o suicídio, lembro-me do poeta William Ernest Henley (1849-1903), que teve uma vida terrível, muitas doenças, amputação de uma perna e que, no auge de seu sofrimento, em 1875, escreveu um poema bem curto, mas que traz umas das frases que mais me emocionam: “Sob os golpes do acaso, Minha cabeça está ensanguentada, mas erguida.” Sob os golpes da sorte, Minha cabeça está ensanguentada, mas não curvada. Para mim, tais versos são um credo. E neste meu credo, a ideia do suicídio não encontra guarida.

Como jurista de formação, é invocar a Legislação Pátria para coibir quaisquer apologias que o tema permite. Muito embora suicidar-se não seja um crime, incitar de alguma forma o ato, pode acarretar uma série de consequências jurídicas. Por exemplo, no contrato de Seguro, fica estipulado pelo art. 798 do Código Civil que “O beneficiário não tem direito ao capital estipulado quando o segurado se suicida nos primeiros dois anos de vigência inicial do contrato, ou da sua recondução depois de suspenso (...)”, e o parágrafo único do precitado artigo prescreve que “(...) é nula a cláusula contratual que exclui o pagamento do capital por suicídio do segurado”. Ainda no mesmo tema, o Supremo Tribunal Federal, nosso Pretório Excelso, já pontificou, por meio da Súmula n° 105 que “Salvo se tiver havido premeditação, o suicídio do segurado no período contratual não exime o segurador do pagamento do seguro”, trazendo para discussão civilista o conceito de premeditação. Como averiguar se houve premeditação a não ser que se encontrem documentos ou gravações? Premeditação é coisa muito difícil de se provar no âmbito civil, remetendo, no mais das vezes, ao Direito Penal.

O Direito Penal admite a conduta de induzir, instigar ou prestar auxílio para que alguém se mate, no seu art. 122, prevendo pena de dois a seis anos de reclusão se a morte se consumar, ou de um a três anos se a pessoa não morrer, acarretando lesão corporal. Induzir ao suicídio... O que é realmente induzir ao suicídio? Voltaremos a isso logo mais.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) em pesquisa divulgada em 2014, prevê que uma pessoa se mate a cada 40 segundos, todos os dias, perfazendo um total de praticamente 800 mil mortes por ano. O Centro de Pesquisas em Crises Mentais de Pequim, por seu especialista Li Xianjun, chama a atenção para o fato de que além dos suicídios consumados, são cerca de dois milhões de pessoas que tentam se matar e não conseguem.

São praticamente 3 milhões de pessoas, todos os anos, tentando dar cabo da própria vida. Por quê? Doença mental? Desilusões? Falências? Independente do que for, o número é por demais assustador.

Daí, preocupa-me que meu amigo Deminco escreva um livro justamente sobre o suicídio. Não seria isso mais um incentivo aos transtornados, ainda sem coragem para puxar o gatilho ou esticar a corda derradeira? Não estaríamos já saciados de tanta morte e violência? Levanto minha voz contra a desistência da vida, por pior que ela seja. Mas, ainda assim, o autor Marcus Deminco, sempre terá em mim um patrono, um advogado, independente do que escreva.

Certa vez, no começo do séc. XIX, um editor recusou publicar uma obra de Lorde George Byron, alegando que a leitura de seus versos e histórias poderia provocar, incitar, estimular, que mentes mais delicadas se pusessem em ritmo de suicídio. O editor Murray conseguiu evitar alguns, certamente. Seria o caso de agir com a mesma prudência?

(**Rodrigo Martiniano Tardeli. Jurista, teólogo, filósofo e professor universitário nos cursos de graduação e pós-graduação em São Paulo-SP**).

Ainda que eu não seja favorável à apologia ao suicídio, com o explícito descortinamento das causas e com sugestões de morte sem dor, ainda que os meus princípios de médica amarrada, como os demais colegas de profissão, ao famoso juramento de Hipócrates, que me viola a liberdade, mesmo assim, eu embarcaria na viagem a São Paulo e depois à Grécia, neste bem urdido romance psicológico.

O protagonista Lukas De Castro é um professor de História especialista em antroponímia. Mora sozinho em São Paulo e se cansou de viver. Quer se suicidar com glamour, e coloca em prática o seu racional plano de autoextermínio. Convence quem lê, de tal forma, que arruma um aliado para torcer pela realização do seu desejo. O emaranhado de sentimentos conduzidos por Marcus Deminco carrega o incauto leitor para os braços da morte, passo a passo com Lukas.

Ampla pesquisa foi feita para tornar a história verossímil, pois o autor, baiano de Salvador, leva seu personagem a andar de táxi por São Paulo, mostrando intimidade com suas ruas e seu trânsito. Também entra no mundo dos muito ricos, falando e consumindo com naturalidade bens e serviços caros, à disposição de poucos.

Como nos filmes, em que a certa altura há uma reviravolta, de repente o personagem adia a sua morte e parte em direção à Grécia. Lá também os conhecimentos do protagonista sobre o lugar são mostrados com propriedade. Então, pode-se acompanhar os sofrimentos mentais de Lukas, um pobre homem mergulhado em seu suplício. O desesperançado professor não tem nada a que se agarrar, apenas a certeza de que a morte trará paz.

Subliminarmente há incitação ao suicídio, potencialmente fatal num mundo de insatisfeitos que, quanto maior o conforto, mais buscam a morte para pôr fim em sua catástrofe existencial. Discordo, mas me rendo ao autor, que, se utilizando dos seus conhecimentos da mente humana e sua hábil maneira de contar, entra nos pensamentos do personagem e fala na primeira pessoa, alternadamente com o uso da terceira pessoa, como se estivesse ao lado do convicto suicida.

Envolve e convence. Convencer e ensinar como não cometer falhas e se matar em grande estilo aumenta a incidência de suicídio eficaz? Os jornalistas pouco noticiam o autoextermínio. Faz parte do código de ética da categoria. E o que dizer do ponto de vista médico? Levantamentos mostram duas mil mortes por suicídio por dia, no mundo. Para que aumentar tal estatística? Desculpe, já não opino de forma isenta. Também me vi envolvida

pela amizade e pela sedução da técnica narrativa de Marcus Deminco, só que não posso concordar de ele tratar tema doloroso, que enche o obituário e dilacera famílias, desta maneira.

Não importa se gostei ou não do drama psicológico, o que incomoda do começo ao fim é a maneira natural de o autor nos levar a compartilhar o último dia da existência de Lukas De Castro, sabendo-se que a morte dele está logo ali. Intrigante, instigante, e com alto nível de suspense, assim é Vertygo - o suicídio de Lukas, uma história que convida a viver com intensidade todos os instantes da vida, inclusive o momento do seu final.

(Mara Narciso é médica, jornalista, autora do livro “Segurando a Hiperatividade” e membro da Academia Feminina de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Montes Claros – Minas Gerais).

Até que a ínfima curiosidade em desvendar a existência de alguma possibilidade de vida após a morte tornou-se mais atrativo do que simplesmente viver [...]

CAPÍTULO 1

Domingo – 05h45min.
Morumbi, São Paulo.

OS PRIMEIROS RAIOS de sol rompiam a barreira do cinzento céu paulistano, e penetravam pelas janelas daquele pequeno quarto e sala sem carregar mais consigo qualquer sinal de renovação. Ali dentro, trancafiado na solidão do seu mundo, Lukas de Castro sequer havia pregado os olhos: mergulhado em morbidez de pensamentos lúgubres, e envolto por uma angústia irremediável. Esmorecido, e sem mais a mínima energia moral para erguer-se, decidiu, juntamente ao alvorecer, que trinta e três anos já havia sido tempo suficiente para nunca mais desejar experimentar novas sensações. Inexcitável, não sentia amor, cólera, libido, revolta, fé... Absolutamente nada! Exceto uma lancinante e invencível vontade de morrer.

À sua volta, nada mais parecia fazer o menor sentido: os diurnos comprimidos de antidepressivos já não triunfavam mais sobre uma renitente sensação de inutilidade; seus risos enferrujaram-se vagarosamente por uma apatia intolerante a tudo e todos; seus sonhos persistiriam atrelados ao acaso, porque não mais encontraria forças para resgatá-los do destino; seus prazeres tornaram-se tão frívolos quanto as suas maiores ambições; seu entusiasmo ficou sequestrado em alguma parte do cérebro que também desativou sua felicidade, e a simples tarefa rotineira de viver, tornou-se um estorvo tormentoso e penitente.

Entediado da vida, e enfadado de si mesmo, doou-se integralmente ao desleixo: parou de lecionar antroponímia na Faculdade, acumulavam-se poeiras em sua tão estimada coleção de *Jazz*, e nunca mais encontrara ânimo para acender seu cultuado cachimbo de roseira brava e piteira de lucite da *Sasieni*. Também não reagia mais aos estímulos comuns: não se incomodava com os rotineiros latidos estridentes do cachorro de seu vizinho, tampouco se irritava com aquelas tantas correspondências lhe endereçadas erradamente. Afinal, àquela altura, chamar-se Lucas ou Lukas, não fazia mais a menor diferença. A letra **K** passara a ser uma tola vaidade, e tão insignificante quanto a importância que creditava na sua própria

existência. E se anteriormente gabava-se por seu prenome originar-se do latim *Luminoso*, agora não via mais nenhum tipo de brilhantismo naquele sujeito opaco ao qual havia se tornado. Muito menos encontrava algum sentido coerente, ou uma mera coincidência etimológica capaz de justificar seu sobrenome Castro, derivar de *Castru*: um castelo fortificado de origem pré-romana. Em seu âmago violado, não experimentava mais ser alguém tão forte ou luminoso assim.

Pávido, ao pressentir com frialdade que matar-se seria a única saída capaz de extirpar de uma só vez todo aquele sofrimento, tentou esboçar uma derradeira reação: levantou-se lentamente da cama, inspirou todo o ar que conseguiu, ergueu o tórax, e a fim de ludibriar-se, disse em voz alta: *Bobagem! Amanhã estarei melhor!* Simultaneamente, pensou em seus pais com remorso, e no fardo que aquela sua tragédia lhes causaria. Em seguida, imaginou o desapontamento que aquela atitude causaria aos seus alunos mais íntimos. Por fim, incomodou-se ainda, ao deduzir que muitos o julgariam covarde diante daquela sua resignação premeditada. Contudo, nenhum ensaio introspectivo de restaurar o uso de suas faculdades, conseguiria ressuscitar novamente sua alegria: os ombros logo recaíram sobre a inércia do seu corpo, denunciando toda sua impotência diante da doença; a testa franziu espontaneamente, e seu intento não conseguiu conter a gota de uma lágrima imprecisa. Estava cronicamente depressivo, e decidido a dar cabo na própria vida. Restava-lhe apenas a urgência e a frieza para elaborar de qual maneira...

Sempre fora sujeito calmo, tolerante e de raras confusões. Havia inclusive votado a favor da proibição do comércio de armas de fogo num determinado plebiscito. Agora, pela primeira vez, sentia-se arrependido por não possuir sequer um revólver: *um tiro certeiro, bem no céu da minha boca... Ou na parte inferior de um dos meus tímpanos para atingir o nervo auditivo, cessaria de vez esse sofrimento.* Desagradava-lhe de imediato a ideia de cortar os pulsos e sangrar sozinho até morrer: *seria lento e agonizante demais! Provavelmente, já morto, após certo tempo, meu corpo entraria em estado de putrefação. Em seguida, terminaria incomodando toda a vizinhança com meu mau cheiro. Não! Isso nunca! Sou digno demais para morrer apodrecido.*

Tomado por um impulso irrefletido, abriu a janela e debruçou-se sobre o parapeito. Mas, analisando a distância do quarto andar do seu apartamento, até o tapete que forrava o chão da entrada principal do prédio, recuou: *talvez não seja alto o suficiente, e eu corra o risco desnecessário de sofrer fraturas, entorses, lesões e ainda por cima não morrer. E terminar*

depressivo e imóvel numa cadeira de rodas, seria um drama infinitamente mais penoso. Isso sem contar que ficando paralítico, provavelmente jamais conseguirei matar-me. Ficarei impotente, limitado, e carregando o fardo de viver na improvável esperança de algum médico me aplicar uma injeção intravenosa com Tiopentato de Sódio, Brometo de Pancurônio e Cloreto de Potássio: deixando-me sedado antes de relaxar meus músculos e paralisar meu diafragma, até finalmente, cessar meus batimentos cardíacos para sempre. Ao menos assim, eu teria uma morte digna e condizente ao sentido etimológico da palavra de origem grega, eutanásia (eu = boa e tanatos = morte). Mas, qual médico compactuaria com isso? Obviamente nenhum! Sobretudo, após declarar solenemente aquele estúpido trecho do tradicional juramento de Hipócrates: "(...) A ninguém darei por comprazer, nem remédio mortal nem um conselho que induza a perda (...)" – refletiu e decidiu não arriscar.

Porém, passados longos instantes, delirando sobre as mais extraordinárias estratégias de matar-se, configurando mentalmente desde o medievalismo do enforcamento, até a inalação de monóxido de carbono com a colocação duma mangueira na boca com sua outra extremidade acoplada ao cano de descarga do seu carro, passou a planejar algo menos agressivo e mais indolor: *tomarei de uma só vez, todos os meus comprimidos de Bromazepam, Fluoxetina e Escitalopram. Provavelmente assim, terei uma overdose com a perda da consciência, antes de fechar meus olhos para sempre. Pronto! Será perfeito! Não pareceria tão dramático como cortar os pulsos, não sujaria toda a casa com sangue, e meu corpo permaneceria devidamente intacto para o velório.*

E mesmo aparentando ser esse o modo mais apropriado, também hesitou. Recordou-se que havia lido sobre diversos casos de suicidas que teriam se arrependido do ato, nos minutos decorrentes da ação. Conscientizava-se, inclusive, que para cada suicídio cometido com êxito, existiam dez tentativas frustradas: *e se por um breve momento de sobriedade eu me arrepender? Seria humilhante demais chamar alguém para levar-me até uma emergência hospitalar. Certamente, não deve ser nem um pouco agradável, ser submetido a uma lavagem estomacal para retirada forçada dos comprimidos ingeridos. Não! Será a primeira vez que tentarei me matar. Pretendo fazer bem feito, sem arrependimentos e preferencialmente sem incomodar a ninguém.*

Entretanto, devaneando em meio a intermináveis ideias fúnebres, uma inusitada pergunta fora capaz de intrigá-lo, trazendo-o à tona por alguns instantes de lucidez: *o que irá acontecer com as faturas do meu cartão de crédito quando eu partir dessa pra melhor?* E

aprisionado nesta incerteza, como a única alegria precedente as poucas horas que antecediam a sua morte, decidiu que, depois de uma vida inteira ordinária, inexpressiva, e repleta de infaustos, mereceria – ao menos – terminar com um final apoteótico.

✡ ✡ ✡

Parcialmente empolgado, tocou então a arquitetar, meticulosamente, tudo que faria durante todo aquele dia – decretado por ele mesmo como último. Redescobrindo, estranhamente, na consecução do seu suicídio, uma única razão sóbria para animar-se: pelo menos *hoje, me permitirei ser feliz! Extravasarei nas compras, estourarei o limite dos cartões, comerei do bom e do melhor, e depois me lançarei do andar mais elevado de um luxuoso hotel. Morrerei com dignidade, refinamento e requinte.*

Contentando-se por quase nada, satisfez-se momentaneamente, apenas por morrer com a mesma idade de Cristo. Afinal, já seria algo simbolicamente glorificante para alguém aficionado por história. Em seguida, passou a fazer novas analogias da sua morte com diversos fatos históricos. Recordou-se, instintivamente, de algumas aulas que havia ministrado sobre suicidas celebres: relembrou do haraquiri, dos kamikazes, de Aníbal, Cleópatra, Códio e Amílcar. Mas, diferentemente de todos eles, o professor De Castro – como também era conhecido – não faria por orgulho, ideologia, muito menos por amor. Dar-se-ia fim, porque, redescobriu no infortúnio "pós-vida", a única maneira de exterminar de vez e para sempre todo aquele sofrimento. Ainda assim, no sigiloso íntimo de seu ego, resquícios de vaidade clamavam por um pouco de glamour no seu final. Não ambicionava partir assim ao léu, como um João ninguém da Silva, como um mero figurante de novela de quinta categoria. Almejou ficar marcado de alguma maneira.

Decidido, iniciou vagarosamente, uma espécie de liturgia pessoal de auto fenecimento: arrumou a cama, estirando os lençóis como nunca; lavou as louças que se empilhavam na imundice da cozinha; varreu cada canto da casa com primazia; tomou uma ducha quente; fez a barba depois de duas semanas; penteou os cabelos; escovou os dentes, e deixou a Secretária Eletrônica ligada com o seguinte recado: "Oi. Você ligou para Lukas de Castro. Nesse exato momento não estou, e, provavelmente, nunca mais estarei. Mas, por favor, não se preocupe,

para onde pretendo ir agora, certamente estarei bem melhor do que aqui. Ah! Também não aguarde o retorno dessa ligação, de lá certamente não terei como telefonar. Obrigado!". Soaria esdrúxulo e até bastante enigmático para quem ouvisse, mas foi realmente tudo o que ele desejou registrar no último recado da sua Secretária Eletrônica.

Em seguida, apanhou na estante seu CD predileto de Billie Holiday, colocou premeditadamente a canção *Please Don't Talk About Me When I'm Gone* e a programou no aparelho para tocar por cinco dias sequenciados. Assim, quando alguém fosse resgatar seus pertences ali dentro, ainda estaria repetindo aquela apropriada faixa quinze. Vestiu-se com roupas escuras, a fim de exibir o seu próprio luto, colocou pouco perfume, calçou sapatos pretos, e reuniu numa carteira de couro, todo o dinheiro em espécie que tinha, junto aos tantos cartões de créditos que possuía. Até aqueles que nem sequer utilizava, filiava-se apenas como fugaz estratégia para livrar-se rapidamente das insuportáveis vendedoras de crediários por *telemarketing*.

Entretanto, antes de deixar a sua casa, demonstrando a contradição exacerbada da frenética insensatez de um suicida, com os confins de suas intactas faculdades mentais, escreveu a punho e atordoado o seguinte missivo:

Aos meus pais,

Provavelmente, se de alguma maneira, chegarem a ler esta carta, é sinal de que talvez eu não mais esteja entre vocês. Não espero que compreendam aquilo que nem mesmo eu consigo entender. Espero apenas que, de alguma forma, algum dia, possam apenas me perdoar por isto. Afirmo, ainda no uso de minha sobriedade, e diante da minha mais absoluta lucidez, ter enxergado no sofrimento que lhes causaria o único motivo coesivo de protelar esta decisão. No entanto, nos últimos dois ou três dias, fui possuído inteiramente por uma repentina e inexplicável vontade de morrer.

Não sei exatamente os motivos oriundos, nem sequer se eles existiram de fato. Não sei em qual momento ou por

qual razão, mas, a verdade é que, há muito tempo, venho findando aos poucos. Perdi o ânimo, a razão e o motivo de continuar vivo. Tentei reagir, lutar, tomar medicamentos fortíssimos, mas, não consigo enxergar remotas possibilidades de melhora. Sei que amanhã vai ser tudo cinza novamente, e que nada vai arrancar de dentro de mim, essa angústia, esse vazio, essa dor, esse sofrimento. Por favor, perdoem-me! Não suporto mais viver com a morte tão latente dentro de mim.

É estranho, mas quando se pressupõe a própria morte, tornarmo-nos muito mais reflexivos. Somente hoje, sou capaz de sentir com exatidão o quanto lhes amo. Somente hoje a fala não mais me calará. Hoje não terei vergonha de repetir: amo vocês. Somente hoje, consigo enxergar através do orgulho, egoísmo ou vaidade o quanto vocês fizeram por mim. Muito obrigado por tudo e me perdoem! Desejo que fiquem com a posse deste apartamento, do meu carro, e de todos os meus pertences. Avisem para Beatriz, que ela foi meu único e verdadeiro amor. Avisem na universidade, aos meus alunos e amigos. Quero todos no meu velório. Por favor, não deixem que me chamem de fraco ou covarde! E mais uma vez, perdão.

Com todo amor que nem me resta,
Adeus

Lukas de Castro

Tomado por uma comoção amargada de culpa, beijou a carta, colocando-a cuidadosamente abaixo do aparelho de som – que naquele instante repetia a faixa quinze pela sexta ou sétima vez. Levantou-se da cama, deu um suspiro profundo, e fitou pela última vez o seu diminuto mundo – tão reduzido e pequeno quanto aquele apartamento: seu canto do sofá preferido; seu bar com algumas garrafas de bebidas; as provas do semestre passado, que por desânimo, jamais corrigiria; as caixas de antidepressivos e ansiolíticos jogadas sobre uma das

cômodas, sem mais nenhuma funcionalidade; os porta-retratos, ilustrados com fotos duma saudosista infância que não mais voltaria; o insignificante travesseiro, porém fiel companheiro da solidão; o apreciado cachimbo de Lucite; a adorável coleção de Ella Fitzgerald, Billie Holiday, e Dinah Washington; os livros que não mais tornariam a serem abertos, enfeitando a estante de mogno... E sem cogitar – sequer por instantes – a possibilidade de desistir daquela obsessiva intenção, bateu a porta com força e trancafiou ali dentro para sempre, parte da sua história e todo o seu passado. Matando-se assim pela primeira vez naquele domingo.

CAPÍTULO 2

O PESO DAS PÁLPEBRAS sobre a roxidão dos seus intumescidos olhos, refletia pelo espelho do elevador um semblante tristonho, imutável e desconhecido. Via-se agora, diante de um individuo estranho, esgotado e no fundo do poço. Contorceu as sobrancelhas, mirou a fundo a própria retina e indagou-se estupefato: *onde fora parar aquele espírito jovial, aquele vigor físico, aquele jeito desbravador? Como posso abdicar de tudo agora, após tantas lutas, tantas conquistas? Como posso desistir da vida? Como posso?* Mas não possuía forças sólidas para pestanejar contra a angústia que o assolava por dentro. Logo, extirpando qualquer esperança de melhoras, a arrebatadora tristeza encarregava-se de responder quase em voz ouvida: “A morte é mesmo a sua única cura!”.

Chegando finalmente ao *Hall* do prédio, deu de cara com um mundo desfigurado e sem sintonia alguma com o seu universo estilhaçado. Via a claridade do alvorecer sem enxergar mais o menor sentido para aquele movimento cadenciado de pessoas caminhando, veículos indo e vindo num vai e vem sem fim, e sem mais a menor lógica. Sem pressa alguma, colocou seus óculos escuros, deixou o carro na garagem – certo de que nunca mais o dirigiria – e resolveu seguir mesmo a pé. Todavia, ao contrario da precipitação de sair rápido pelo portão do prédio, fez questão de caminhar antes até a guarita e cumprimentar educadamente o porteiro:

– Como vai seu Afonso?

– Vou levando seu Castro. E o senhor?

– O senhor está lá no céu – como de praxe o respondia. Porém, dessa vez, deu seguimento num tom mais baixo:

– Mas ainda hoje, hei de encontrá-lo.

– O que falou? O que disse? – questionou o porteiro, impreciso da asneira que acabava de escutar.

– Nada não seu Afonso! Estou apenas brincando – e tentando despistá-lo, para não legitimar aquela disparatada fala, mudou logo de assunto:

– Na verdade, passei aqui para agradecer-lhe por todos esses anos, mantendo-se sempre tão educado e atencioso comigo.

– O senhor está de mudança? – questionou-lhe Afonso desentendido.

– Talvez! Digamos que hoje estou mais reflexivo. Hoje reparei que faz mais de dois anos que moro aqui e nunca, sequer, lhe agradeci.

Mesmo estranhando, Afonso sorriu. Sentia-se, por um instante, importante com aquele tratamento especial, enquanto o professor De Castro parou um táxi do outro lado da rua e partiu sem um itinerário previamente estabelecido.

– Bom dia! Preciso rodar um pouco por aí. Passear, espairecer... – dizia desorientado logo ao entrar no carro, sem saber ao certo para onde ir. O motorista não compreendeu muito bem o que aquele sujeito queria realmente fazer. Muito menos se esforçou para desvendar. Agradou-se apenas com aquela possibilidade de sair rodando por aí, pela imensidão de São Paulo, sem nenhum destino: "Já pensou se todos os passageiros resolvessem passear, simplesmente para espairecer? Possivelmente eu ficaria rico".

No exato instante em que transitavam pelo Jardim Paulistano, mais precisamente na Rua Honório Líbero, o olhar perdido de Lukas avistou, pela janela entreaberta da porta traseira do carro, e através das lentes escurecidas dos seus óculos, a Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Fazendo-o relembrar, temerosamente, de algumas incógnitas e incertezas que permeiam a morte: o fogo eterno, o limbo, o vale dos suicidas. Recordando, inclusive, da conduta desumana da igreja na idade média: isentando os suicidas, até mesmo, de receberem bênçãos no céu. E embora desejasse não crer em nada daquilo – por via das dúvidas – achou melhor desculpar-se perante o sagrado.

– Aguarde-me aqui! – ordenou ao taxista, enquanto caminhou na direção da entrada principal da igreja. Em seguida, ajoelhou-se diante duma bela imagem de Cristo em madeira envernizada, fez breve sinal da cruz e aproximou-se vagarosamente do altar. Mais à frente, deduziu não ser aquela uma missa dominical comum. Existia um número restrito de pessoas enlutadas e um padre com paramentos cristãos, parecia celebrar uma oração em especial para eles: "Oremos aqui hoje pela alma de nossa irmã Catarina, que nos deixou mais tristes há sete

dias. Que Deus a receba...”. Sentou-se então mais afastado, propositadamente ao lado de uma senhora que parecia não compartilhar daquele tristonho luto. Intrigado – para não dizer curioso – retirou os óculos da face e interrompeu indelicadamente uma idosa beata com roupagem de freira:

– O que está acontecendo? – ela suspendia brevemente suas silenciosas orações, contabilizadas amiúde pelas pequenas pedras vermelhas, ligadas a um crucifixo de metal num belo terço, que envolvia uma de suas mãos, para atenciosamente explicá-lo:

– Normalmente, após o horário habitual das missas, ocorrem batizados, eucaristias, casamentos ou celebrações de datas em memória de falecidos.

– Aqueles que choram ali na frente do altar, devem ser parentes e amigos de alguém que faleceu há pouco tempo. Certo? – perguntou, a fim de situar-se mais com os acontecimentos.

– Sim! Normalmente numa missa de sétimo dia, todos continuam muito angustiados. É algo muito recente e doloroso, ainda mais se tratando de uma criança, e da maneira tão trágica qual havia sido. – respondia-lhe com relativa propriedade de quem sabia integralmente – ou boa parte – de todo fato.

Reparando que um senhor no banco da frente, virava o pescoço improvisando uma tosse seca, mirando-os de maneira condenatória – provavelmente por estarem de prosa numa igreja – Lukas não desejou ser mal-educado, muito menos deselegante. Porém, nem mesmo o seu bom-senso fazendo-o reconhecer a impropriedade do lugar para conversa, seria capaz de dispersar sua arrebatadora curiosidade. Prosseguiu sua manifestação verbal – dessa vez – arguindo-a num tom mais baixo:

– Mas o que ocorreu exatamente com essa menina? Como foi? Onde foi?

– O senhor não leu nos jornais? Não assistiu aos noticiários? Foi um trágico acidente. Terrível! Terrível mesmo! Estava ela e seus pais viajando de férias para o litoral, quando bateram de frente num caminhão desgovernado. Todos morreram na hora, exceto Catarina, que deixou o local ainda com vida, mas não resistiu aos ferimentos, morrendo no hospital na manhã do dia seguinte. Tinha apenas quatro anos de idade... Pobre criança... Deus a tenha!

– Deus a tenha mesmo! – repetiu, correspondendo-a com seu assombrado espanto. – Que tragédia! Que tristeza! Coitada... – dando-se por satisfeito com as indesejáveis informações, e demonstrando não mais interesse em protelar a morbidade daquele diálogo, concluiu:

– Orarei agora pela minha própria alma e pela alma da Catarina. Tenha um bom dia irmã. A senhora direcionava-lhe um singelo sorriso, voltando-se finalmente à recontagem de suas rezas, nas pedrinhas de seu terço.

Descrente, sem fé e há muito tempo sem rezar, tentava relembrar na íntegra a oração do pai nosso. Começando e recomeçando a todo o momento: *Pai nosso, que estais no céu, santificado seja o Vosso nome, seja feita a Vossa vontade... Pai nosso, que estais no céu, santificado...* Porém, intermináveis questionários, dúvidas infinitas e incertezas mil, afanavam sua concentração, suscitando-lhe novas perturbações interna: *quanta contradição traz a vida. Uns se vão do nada, outros simplesmente desejam ir ao encontro do nada. Pobre menina, partiu tão precocemente. Será que um dia, mais tarde, ela também chegaria ao fundo do poço e desejaria morrer?* – e com aquela inexplicável mania estúpida de venerar a letra **K** do seu nome, questionou-se: *será que se chamava Catarina ou Katarina? Mas que diabos de diferença isso faz agora?* – no entanto, esmerado conhecedor de antroponímia, uma coisa deu como certa: *o nome Catarina origina-se do grego e quer dizer pura. Se a etimologia dos nomes fizer algum sentido com o destino, esta pobre criança, definitivamente, não findará em nenhum vale dos suicidas. Muito menos queimará no fogo eterno, ou ficará isenta de receber as bênçãos do céu. Enquanto eu, prestes a cometer o profano sacrilégio de abnegar a dádiva da vida, já nem sei do meu depois... Nenhuma pista do meu paradeiro... Se é que existirá mesmo algum paradeiro! Se é que existirá mais algum depois.*

Bastante receoso, sem nenhuma formulação concreta, e sem mera suposição sobre o rumo da sua alma, ajoelhou-se mais uma vez diante da bela imagem de Cristo em madeira, e passou a desculpar-se, implorando misericórdia, rogando com força e devoção. Esperançando que talvez assim, subtraindo parte da sua penitência, as portas do céu se abririam facilmente, ou os anjos se tornariam mais flexíveis, tentando compreender melhor, os motivos oriundos de um suicida.

Repentinamente – por razões ocultas e ignoradas – antes mesmo de deixar a igreja, uma nova reflexão introspectiva, fazia-o, depois de muito, constatar o quase óbvio: *não deve*

ser nem um pouco barato morrer! Deve custar os olhos da cara um enterro digno, num cemitério de bom nível, um caixão vistoso, com arranjos e coroas de flores. Imagina só o preço duma missa de sétimo dia como esta... Não seria justo, além de todo o sofrimento que deixarei aos meus pais, deixar-lhes ainda as pendências com o meu funeral. Preciso cuidar imediatamente disso. – decidido, levantou-se prontamente do assento, colocou de volta os óculos escuros, e fez o último sinal da cruz repetindo consigo: *em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, Amém.* – executando ali, a primeira parte do seu tácito ritual secreto.

CAPÍTULO 3

COMO FOI A MISSA? – indagou o taxista, tentando gentilmente iniciar uma conversa.

– Emocionante... Espero que Deus seja mesmo tão misericordioso como declaram por aí. Somente assim ele será capaz de me perdoar – respondia pensativo, mas sem dar margem à compreensão de sua trama.

– Perdoá-lo?! Mas pelo que senhor? – perguntou instintivamente, demonstrando ser tão curioso quanto o seu passageiro, que sem vontade de detalhar o seu enigmático lapso, fez questão de despistá-lo na mesma hora:

– Sim! Você hoje será meu condutor pela cidade, e nem sequer sei o seu nome. Como se chama?

– Messias senhor!

– Prazer seu Messias! Eu me chamo Lukas de Castro. Mas Lukas com **K**! – enfatizou desdenhando-se, e dando continuidade às suas convicções:

– Sabe Messias, existem momentos na vida de uma pessoa em que a letra **K** é o que menos tem importância. – constatava rindo de si mesmo. O motorista também gargalhou, porém não por achar alguma graça daquela tola piada, sorria deduzindo antecipadamente, ser aquele atípico passageiro, um dos mais esquisitos sujeitos que já transportou em seus longos anos de profissão. E querendo conservar o clima amistoso e descontraído, espirituosamente questionou-o:

– Pois bem... Para onde iremos agora senhor Lukas com **K**?

– Bem, agora tudo o que preciso mesmo é comprar um belo caixão, e contratar alguns serviços funerários.

Apavorado, Messias esbugalhou os dois olhos, fitou pasmo seu passageiro pelo espelho retrovisor e, querendo ficar a par da situação, inquiriu-lhe com relativo medo da resposta:

– O que houve? O que aconteceu? O senhor tem algum parente ou conhecido nas últimas?

– Digamos que sim! Mas é uma longa história. Prometo explicar-lhe por completo. Até porque, precisarei muito da sua ajuda.

Aquela altura, o taxista não só perdeu a momentânea concentração no trânsito, como não ordenava mais seus próprios pensamentos que, independentemente, transitavam pelo ficcionismo mais macabro e sinistro do seu imaginário: *mas que diabos esse maluco está tramando? Será que planeja matar alguém? Por que ele disse precisar muito de minha ajuda? Essa é boa, muito boa... Supondo que ele vá agora e mate alguém, eu acabaria sendo indiciado como comparsa de um assassino? Não! Isso não! Tenho esposa e dois filhos para sustentar, jamais me envolvi em coisas ilícitas. Nunca roubei, nunca matei... No máximo soneguei impostos. O que no Brasil é praticamente agir por legitima defesa. Mas não vou pagar o pato sendo cúmplice do crime de ninguém. Vou mesmo é largar logo esse doido aí, na primeira esquina e sair fora...*

Por sorte, parecendo ler sua mente ou talvez para tranquilizar o tenso semblante do motorista, professor De Castro ludibriou-o, improvisando sua primeira mentira:

– Não se preocupe! Na verdade estou com um grande amigo hospitalizado e seu estado é irreversível. Os médicos já desenganaram, afirmaram que ele pode nos deixar a qualquer momento. Eu queria então cuidar dessas despesas. É a única maneira que me resta de ser solidário e prestativo, entende? – e para relaxar ainda mais o motorista, prosseguiu com sua fábula inventada:

– E quando afirmei precisar muito da sua ajuda é porque amanhã bem cedo, farei uma viagem a trabalho. Como hoje resolvi comprar algumas lembranças para deixar aos meus pais, pensei em contratá-lo para fazer estas entregas na casa deles amanhã. O que me diz? Não se preocupe, pagarei muito bem por isso.

Bastante aliviado e recomposto do susto, o taxista puniu-se por pensar tanta maledicência de um homem tão humano quanto aquele. Isso sem contar na felicidade interna

que gozava, pelo dinheiro que presumiu receber referente ao tal serviço de entregas. Sua concepção sobre aquele excêntrico passageiro mudava logo de água pra vinho:

– Muito bem senhor. Pode contar comigo!

– Pois bem, agora que estamos esclarecidos, poderia por gentileza levar-me numa funerária? Conhece alguma?

– Claro senhor! Existe uma aqui bem próxima – e tentando descontrair um pouco, fazendo com que o clima meio hostil, se tornasse novamente mais amigável, brincou:

– Só não posso afirmar-lhe ser ou não eficiente, porque além de jamais contratar tais serviços, não conheço, nem entendo coisa alguma sobre funerárias.

Aproximadamente seis minutos depois, enquanto o carro parava num sinal vermelho, entre tantos semáforos da Avenida Brigadeiro Faria Lima, emocionou-se ao avistar pelas janelas do carro, no outro lado da rua, uma criança pedinte. Trajando um short, coberto pela brisa fria que varria São Paulo naquele domingo e abaixo das nuvens cinza, lá estava o frágil menino contorcendo-se de frio, mas tentando ganhar algum trocado, lançando seus malabares para o alto e os conduzindo com maestria de uma mão para outra. Os poucos veículos que ali transitavam, não davam a mínima importância para aquele espetáculo, e nem reparavam o show individual e solitário daquela criança. Até porque, não é o tipo de cenário raro assim de deparar-se pelas ruas, raríssimo mesmo são as sinaleiras nas quais eles não estão. Mas talvez, quando perceba a manifestação de morte mais presente em si, também repare com mais sentimentalismo e apreço as lacunas e vertentes da vida. Era justamente assim que Lukas sentia-se cada vez mais próximo do seu fim: reflexivo, sensível, e capaz de experimentar mais efetivamente sentimentos humanitários e compassivos.

Dotado de sensibilidade num grau incomum, assobiou forte e gesticulou com um dos braços – a fim de atrair a atenção do garoto. Em seguida, sem promover estardalhaço, retirou sua carteira do bolso e entregou a ele uma nota de alto valor. A alegria e o semblante de uma

felicidade conformada com tão pouco, estampada na face daquela criança, Lukas carregaria em forma de culpabilidades introspectivas até o seu leito de morte: *como pude deixar tantos não ditos e tantos não feitos? Quantas dessas crianças passaram despercebidas diante de meu olhar egoísta e mesquinho?*

No banco da frente, Messias – por sua vez – partilhava desigualmente seus pensamentos. Reparando, atentamente pelo retrovisor, cada detalhe e atitude do seu misterioso passageiro, diante daquele novo gesto benevolente e caridoso, otimista concluiu: *se dera boa quantia em dinheiro a um pedinte, provavelmente me pagará muito bem por esta corrida, e pelas entregas que farei. Deus me ouça!*

Chegando à Avenida Eusébio Matoso, pelo sentido contrário, seria possível avistar de longe, tomando quase um quarteirão inteiro de esquina, uma enorme casa branca escrito em verde musgo: *Grupo Funeral Paulistano.*

– Será que está aberto senhor? – indagou o motorista, fazendo o retorno para estacionar o táxi frente ao local.

– Bem, se estiver fechado é um péssimo sinal. É sinal de que estamos perdendo cada vez mais nossos direitos. Agora não temos nem mais o simples direito de escolher morrer aos domingos – debochou o professor**,** convicto de que o lugar estaria realmente aberto, enquanto mais uma vez ordenava – com boa educação:

– Por favor. Aguarde-me aqui – bateu a porta e saiu.

– Boa tarde! Em que posso ajudá-lo? – falava um bem trajado vendedor de serviços fúnebres.

– Eu não sei ao certo, mas preciso comprar um luxuoso caixão, belas coroas de flores e um lote num cemitério aprazível – respondeu decidido a não economizar no seu próprio enterro.

– Existem vários tipos de urnas funerárias senhor! Como era a pessoa? – questionava ingenuamente o vendedor, sem entender o que aquele confuso sujeito desejava. Mas afinal, quem desconfiaria que alguém em seu mais perfeito juízo, entraria ali para encomendar o seu próprio funeral? E mesmo sem saber ao certo por qual atalho iniciar suas ambições, tentou reprisar aquela mesma ladainha:

– Na verdade, essa pessoa em questão não está propriamente morta. Mas, como o médico nos assegurou tratar-se de um caso irreversível, achei prudente antecipar-me. É um grande amigo, queria proporcionar-lhe um enterro digno. Com tudo do bom e do melhor.

– Faz muito bem senhor! As pessoas pensam que são imortais e acabam deixando esses detalhes sempre para última hora. Em virtude disso, terminam improvisando um enterro de qualquer jeito. Mas não se preocupe. Veio ao lugar certo. Aqui temos ótimas ofertas! – assegurava-lhe o engravatado vendedor, continuando:

– Como é esse seu amigo? Precisamos, ao menos, ter noções das medidas e do tamanho do corpo, para providenciarmos o caixão mais apropriado. Em qual bairro ele reside? – indagou, explicando-o mais:

– Normalmente, por tradição, muitas pessoas priorizam enterrar seus parentes nos bairros por onde residem, ou em cemitérios onde já se tenham lotes e jazigos da própria família...

Bestificado, Lukas assistia a estranha naturalidade com a qual se vendia um enterro completo, com os mais diversos tipos de promoções. Poderia comprar um lote no Cemitério Morumby e ganhar um desconto para todos os seus familiares, ou no cemitério Jardim Vale da Paz, e ter direito a missa realizada na maior capela ecumênica dos cemitérios da América latina. Entretanto, contratando qualquer um dos serviços oferecidos por aquela assistência funerária, usufruiria gratuitamente de atendimento vinte e quatro horas, acompanhamento do Cerimonial, e serviço de despachante através de um agente social.

– Contamos também com serviço de floricultura, com todo tipo de ornamentação floral fúnebre; serviços de divulgação como internet, anúncios em jornal e rádio; montagem e ornamentação do local do velório com fornecimento dos equipamentos especiais necessários; local próprio com toda infraestrutura para a família aguardar em segurança a liberação do corpo; serviços especiais de tanatopraxia, embalsamento, reconstituição facial, e outros procedimentos executados por profissionais especializados – prosseguia ininterruptamente o vendedor, apresentando-lhe as intermináveis vantagens de se morrer através deles.

Assombrado – e ao mesmo tempo revoltado – Lukas, por um instante, quase desistiu de encomendar seu enterro: *nem mesmo nas mais absurdas situações presenciadas, ou no auge dos meus pensamentos mais sórdidos, imaginei que se vendiam serviços fúnebres em*

liquidação, ofertas ou com pacotes promocionais atrelados. É realmente o cúmulo do absurdo! – Porém, ao invés de desistir do intento de quitar todas aquelas despesas exorbitantes, para não deixar pendência alguma aos seus pais, resolveu não protelar, contratando ali mesmo – a sua própria morte. Contudo, antes de assinar toda a papelada, fez questão de instigar o vendedor*: não é pra agir com naturalidade e frieza? Então veremos se ele está realmente preparado* – pensou vingativamente antes de dizer:

– Bem, já que tratamos da morte com tamanha banalidade, não teria mais porque fazer tantos rodeios para confessar-lhe. – deu uma pausa e seguiu:

– Provavelmente, hoje seja o meu último dia de vida. Planejo suicidar-me nessa noite. E como gostei muito de todo aparato que encontrei aqui, ficarei imensamente satisfeito em ser enterrado por vocês. Pretendo ser sepultado no cemitério do Morumby, espero poder contar com todos os benefícios que vocês oferecem. Desde amparo psicológico para os meus familiares à missa de sétimo dia como cortesia. – deu outro intervalo, retomou fôlego e continuou:

– Já o caixão, ou urna funerária, como preferir chamá-la, ficarei mais feliz se puder ser aquele ali – apontando simultaneamente com o dedo indicador da mão direita, na direção dum vistoso caixão em madeira clara.

Pálido, como se o sangue não circulasse mais por sua face, o vendedor tentou ludibriar-se: crendo consigo, que aquilo não passava de uma troça de puro mau gosto. Mas, a seriedade estampada na face daquele seu cliente era tamanha, que não dava margem alguma para dúvidas ou incredibilidades. Ele estava realmente falando sério! Desarmado, e sem reação, tentou inutilmente persuadi-lo – como se fosse possível – com vagos argumentos psicológicos, e justificativas insignificantes:

– Mas senhor! Não faça um absurdo deste. A vida é assim mesmo. Um dia gozamos da mais plena felicidade, noutros somos tomados por tristezas. Mas depois tudo passa. Não se deixe dominar por isso. Seja forte! Pense em seus amigos, parentes...

Irredutível, optou em não mencionar seus verdadeiros motivos, muito menos explicaria suas razões pessoais. Agradeceu, porém, a humanidade do vendedor – antes tarde do que nunca – pedindo-o apenas para respeitar sua decisão, e providenciar o quanto antes toda a documentação necessária.

Estático, emudecido e sem saber ao certo como proceder naquela inusitada situação, respondeu-lhe resolutamente:

– Nunca vendi algo nessas condições. Nem sei se posso! O senhor encontra-se vivo... – continuava gaguejando, enquanto à sua frente, decidido, seu cliente logo interveio:

– Mas essa é boa! Não tenho nem mais o direito de morrer sossegado? Você mesmo começou me mostrando tudo com a mais absoluta naturalidade, agora age desta maneira? – Empolgado com a morte, arquitetando os mínimos detalhes, lembrou repentinamente de um lindo e-mail que havia recebido de alguém muito especial:

– Tenho mais uma última exigência.

– Qual? – perguntou-o trêmulo, prevendo por antecedências imaginárias, outro novo absurdo que estaria por vir.

– Certa vez, recebi um lindo e-mail de uma amiga, não lembro integralmente do texto, no entanto, o trecho que recordo dele, desejaria que fosse transcrita como epitáfio da minha lápide: "... Eu pedi a Deus para completar meu corpo. Deus disse: não. Seu espírito é completo, seu corpo é temporário. Eu pedi a Deus para me livrar da dor. Deus disse: não. Sofrer te leva para longe do mundo, e te traz para perto de mim...".

Inutilmente, discutiram por mais algum tempo, quando finalmente cada um satisfez-se com suas vantagens pessoais: professor De Castro atingia o primeiro limite de um daqueles tantos cartões de créditos que utilizaria para consecução da sua cerimônia, e com o pacote completo do seu próprio funeral, deixava aquele lugar relativamente satisfeito. O vendedor, em contrapartida, mesmo assombrado diante de todo aquele absurdo – discretamente e sem demonstrar – felicitava-se por dentro com a enorme gorjeta comissionaria daquela venda. Entretanto, cinicamente, fez questão de dissimular, assegurando na saída:

– Não registrarei esta sua compra até amanhã à noite. Assim, caso reflita melhor e resolva mudar de ideia, basta telefonar-me e cancelarei nosso acordo. Então, não será debitada nenhuma prestação no seu cartão de crédito – atestou-lhe garantindo. Provavelmente por fingimento, ou desencargo de consciência, porque, àquela altura, já teria sido impregnado pela ambição. E o suicídio daquele fulano, passava a ser algo totalmente irrelevante.

CAPÍTULO 4

RESOLVEU TUDO SENHOR? – indagou Messias, tão logo seu passageiro retornava depois de horas.

– Sim! Apenas uma coisa me deixou muito entristecido.

– O que senhor?

– A plena certeza de não poder presenciar este velório. Vai ser uma linda cerimônia fúnebre. Queria poder assistir bem de perto, verificar cada detalhe do contrato que fiz. Queria certificar-me se eles vão realmente colocar as coroas de flores prometidas, se vão disponibilizar todos os serviços oferecidos, e se vão cumprir realmente com todos os tratos que fizemos. Sem contar que, adoraria constatar quem vai chorar mais, quem não vai sequer derramar lágrimas, quem vai falar mal do meu amigo, e quem vai se ausentar no enterro dele. Enfim! Vai ser uma pena não poder testemunhar tudo isso – confidenciava-o sinceramente, lastimando-se em seu interior, por não poder participar do seu próprio funeral.

– Mas como pode ter certeza disso senhor? Somente Deus sabe o dia exato que seu amigo partirá. Talvez quando retorne da sua viagem, quem sabe até ele ainda esteja vivo...

– Acho pouco provável...

Embora entristecesse com a constatação – quase óbvia – de sucumbir sem testemunhar o seu enterro, súbitas esperanças renasciam por dentro, diante dos tantos mistérios envoltos da morte. Metamorfoseando a certeza quase crível em suposições realmente contestáveis*: será que existe mesmo uma entidade superior que transcenda à matéria? Será que existe mesmo outro plano, alguma outra dimensão?* E crendo nisso como algum consolo para tantas incertezas que estariam por vir, preferiu apoiar-se nesta possibilidade. Porque, somente acreditando em espiritualidade, poderia acreditar que mesmo depois de morto, visualizaria seu funeral.

Tentou esvaziar a mente de todo desconforto, evitando pensar obsessivamente sobre coisas que pudessem importuná-lo. Porquanto, nem mesmo o remorso que pressupôs causar aos seus pais, nem mesmo a convicção de que poderia ter sido muito mais humano e

generoso, nem mesmo o tolo receio amedrontador do limbo, do fogo eterno, do vale dos suicidas, ou a dúvida intrigante – mas esperançosa – sobre a transcendência do corpo físico, absolutamente nada, seria capaz de fazer-lhe mudar de ideia: matar-se-ia naquela noite. Decidido, fez questão de mudar o curso do assunto:

– Sim... Mas que horas são?

– Já passam das 15 horas senhor. Para onde pretende ir agora?

Se por um lado, Messias estava ávido por comida, Lukas – embora com fastio – tomou-se por uma vontade esquisita e inesperada: *seria vergonhoso morrer sem nunca ter degustado, sequer uma única vez, algum prato da culinária francesa. Recuso-me morrer hoje sem ir antes a um suntuoso restaurante Francês* – pensou inusitadamente antes de dizer:

– Vamos almoçar! Hoje o senhor será meu convidado. Leve-me, por gentileza, ao melhor restaurante Francês dessa cidade.

Novamente incompreendido, mas cada vez mais feliz com o taxímetro que girava perto dos três primeiros dígitos, Messias, àquela altura, pouco se importaria em saber os motivos racionais – ou nem tanto – daquele dispendioso passeio. E sem interpretar aquela estratégia comum – utilizada por muitos – de primeiro ensaiar recusar os convites por pura educação, famélico resumiu-se em responder:

– É pra já senhor! – nesse exato instante, enquanto deixavam finalmente a Avenida Eusébio Matoso, a promessa de chuva começava a concretizar-se, e nuvens carregadas plumbeavam o céu paulistano pressagiando um dilúvio sem muita tardança. Sem trânsito, livres daquele congestionamento habitual, seguiram frente à Rua dos Pinheiros e retornaram novamente pela Avenida Brigadeiro Faria Lima.

Ao passarem pelas mesmas sinaleiras – agora no sentido inverso – De Castro tentava avistar pela última vez aquele pobre garoto pedinte. Limpava com a palma da mão direita o embaçamento da janela traseira – causado pela chuva – e procurava-o desesperadamente em meio às gotículas de água grudadas no lado externo do vidro. Sem encontrá-lo, tristemente concluiu consigo: *jamais tornarei a ver aquele menino quase invisível com seus malabares mágicos.* Deu tempo inclusive de culpar-se mais um pouco, antes de Messias estacionar na Rua Jerônimo da Veiga e entregar as chaves do seu táxi nas mãos de um dos manobristas do

tradicional restaurante francês, *Le Coq Hardy* – que, embora fechasse aos domingos, ocasionalmente neste, estava aberto.

O refinamento e a sofisticação formavam um cenário luxuoso: desde a imponente entrada através de um corredor devidamente decorado por peças rústicas, arranjos de plantas e um longo tapete vermelho, até toda a altivez e requinte do amplo salão principal. Ali dentro, contrastando, perceptivelmente, com o apuro extremo e elegância de todos os outros clientes: o taxista mal vestido e o seu passageiro enlutado. Mesmo destoando-se explicitamente de todo clima, ambos tinham razões plausíveis e pessoais para não darem à mínima importância. Mantiveram-se despreocupados perante aqueles olhares pelo canto dos olhos – discretos – mas condenatórios. Lukas, logo estaria morto, vergonha era tudo que menos sentiria. Além do mais, sabia, convictamente, que aquela seria a primeira e última vez que frequentaria aquele lugar. Seu acompanhante – por sua vez – além de esfomeado, gozava de absoluta despreocupação. Afinal, ficara implícito no convite daquele almoço que seu passageiro arcaria com todas as despesas. Então, resumiu-se apenas a sentar-se ali e deixá-lo conduzir tudo.

Apreciador de *Whisky*, ao passo em que seguia tentando decifrar, decodificar ou mesmo traduzir algumas nomenclaturas atípicas dos pratos expostos no cardápio, pediu uma dose de *Glenfiddich* 21 anos com duas pedras de gelo. Tão desorientado na vida quanto desentendido da culinária francesa, resolveu arriscar, desenvolvendo uma espécie de tática aleatória: escolheria os pratos que possuíam os nomes mais complexos, alongados e de maior dificuldade na pronuncia. Apostando que esses, talvez viessem a ser os mais fartos e saborosos. Deu o último gole em seu *Glenfiddich*, acenou ao garçom e educadamente pediu:

– Desejamos almoçar *Chateaubriand ao Molho de Mostrada de Dijon, e Terrine de Foie Gras de Pato ao Natural* – correlacionando o pedido a sua teoria de escolha, pressupôs que deveria vir mesmo um exagero de comida.

– E para acompanhar senhor? – questionou o garçom, a fim de saber a sua bebida preferida.

– O que o senhor nos recomenda? – retrucou-o sem a mínima ideia do que pedir.

– Os *Bourgognes e Bordeaux* franceses são muito apreciados aqui.

Unicamente por se impressionar com o sotaque do garçom, na caprichosa proeminência dos lábios ao pronunciar *Bourgognes*, convenceu-se, sem titubeios, em optar

pela sugestão. Afinal, pelo canchudo bico do garçom, não se paira dúvidas: seria aquele o melhor e mais chique vinho do *Le Coq Hardy*.

Os pratos não tardaram a chegar, e contrariando a expectativa, em nada correspondeu a tática de pedido adotada por ele. Apesar do complexo, impronunciável e alongado nome, veio uma pequena porção, uma quantidade irrisória e insaciável de comida. Entretanto – ressalvemos – era impressionante a simetria perfeita do que deduziram ser o tal pato: rodeada por folhas finas e verdes, equilibrando-se uma sobre a outra. Visivelmente, teria uma coesão plausível ter sido confeccionado e criado por um artista plástico, ou arquiteto, do que por um mero cozinheiro. Parecia uma obra de arte impressionista, ou uma tela cubista de Pablo Picasso – aliás – parecia-se qualquer outra coisa, menos comida de verdade. Penaram até em iniciar o desmanche do arroz, desarrumando aquela primorosa e impecável arrumação da comida. Sobretudo, justiça seja feita, era verdadeiramente deleitável e saborosa. Todavia, quem sabe como uma espécie disfarçada de castigo, ou uma devida punição pelo pecado da gula, em três ou quatro médias garfadas, terminava-se tudo.

No recatado papel de convidado, Messias mantinha-se naquela situação passiva: qualquer coisa que lhe viesse a ser oferecido sem custos, já seria vantajoso e lucrativo. Optou então por despistar, omitindo não ter gostado tanto assim. Sequer havia chegado perto de saciar sua fome, e se tivesse ele mesmo escolhido o lugar, preferiria algum restaurante que servisse uma farta e gordurosa feijoada. Em contrapartida, a satisfação pessoal por ter almoçado de graça num requintado restaurante francês, era corrompida pela ignorância e pela usura oportunista. Jamais poderia desconfiar, ou mesmo traduzir de que *Foie* queria dizer fígado, enquanto *Gras* significava gordura. Ingenuamente, nunca iria imaginar que acabara de almoçar nada mais espetacular do que fígado de pato.

Por outro lado, Lukas deu-se relativamente por satisfeito. Ao menos poderia dizer, caso viesse a falar sobre culinária com alguém lá no céu, ter almoçado um dia, *Chateaubriand ao Molho de Mostrada de Dijon, e Terrine de Foie Gras de Pato ao Natural*, acompanhado por um vinho *Bourgogne*. Por fim, sem nem se dar ao trabalho de conferir a conta, utilizou pela segunda vez, um daqueles seus tantos cartões de créditos sem préstimo.

CAPÍTULO 5

São Paulo – Zona Sul.
17h 30min.

A CHUVA HAVIA DIMINUÍDO, cedendo lugar para uma suave e frienta brisa, antecipando prematuramente a noite. E naquele entardecer opaco e sem graça, deixaram finalmente o *Le Coq Hardy*...

De Castro estava surpreendentemente feliz, para quem logo se mataria. Havia se distraído bastante, e tivera experimentado, depois de algum tempo, de um dia emocionante. Há muito não se sentia tão vivaz, como durante aquelas poucas horas que antecediam à sua morte: experimentava o sangue pulsar nas veias, o coração bater mais forte, a adrenalina dominar seu corpo, e as mil expectativas de como seria a “pós-vida” conduzindo-o irredutivelmente ao seu final. Pediu então a Messias que o levasse ao *shopping* mais próximo. Restavam-lhe ainda alguns detalhes, acertos e ajustes antes de suicidar-se.

Em poucos minutos chegaram ao estacionamento do Shopping Center Iguatemi – adjacente à Rua Jerônimo da Veiga. Tão logo desceram pelo elevador social e descortinaram o acesso do piso superior, Castro deparou-se, mais uma vez, com um mundo assimétrico, demudado, e sem mais nenhuma coerência ou simbolismo. Ali dentro, insensível a qualquer sensação, caminhava apaticamente, num percorrer vagaroso e compassado. No tempo em que involuntários pensamentos direcionavam seu corpo aleatoriamente para qualquer direção, seus enlevados olhos quase não acreditavam naquilo que, por puro acaso, avistava no final de um dos tantos corredores transversais. Através da brilhosa vitrine da *Tabacaria Lenat*, perdida no meio dos mais variados tipos de artefatos, uma peça pequena, quase despercebida aos olhares desatentos, resgatava-lhe momentaneamente um prazer por muito tempo abandonado. Despertando-lhe assim, mais um desejo antecedente à sua morte: *hoje também não morrerei sem desfrutar deste primoroso cachimbo italiano da Savinelli* – pensou decidido e empolgado antes de entrar na tabacaria.

– Boa tarde! Como posso ajudá-los? – iniciava as normas pragmáticas de boa etiqueta um uniformizado funcionário da loja.

– Desejo comprar aquele cachimbo exposto na vitrine – respondeu-lhe resolutamente. Mas, como se de alguma maneira a quantidade de dinheiro necessário para aquisição daquele artigo, viesse a fazer alguma diferença significativa naquele momento, o vendedor, mesmo sem ter sido questionado, disse numa entonação de sobreaviso:

– Aquele ali custa trezentos Euros...

Deslumbrado com a multiplicidade de artigos da loja, entusiasmado com tantos apetrechos a sua volta, e mais uma vez descomprometido com valores – afinal seria justamente para isso que lhes serviriam aqueles cartões de créditos – Lukas sequer quis saber da cotação do Euro no mercado cambial, muito menos em quantas parcelas poderia financiá-lo. Cada vez mais consciente de que não arcaria com aquelas despesas, e convicto de que jamais tornaria a pagar as intermináveis faturas de compras, pela primeira vez na vida, tomou-se por uma compulsão extravagante: *se hoje é mesmo meu último dia de vida, não faz sentido algum viver essas poucas horas com limitações. Por que acumular, guardar ou poupar dinheiro agora, se amanhã nem mais estarei aqui para vê-lo render?*– constatou empolgado antes de falar:

– Bem... Além do Savinelli, vou levar também um pacote de fumo suave da *Borkum Riff Black Cavendish*, e este isqueiro para cachimbos – dizia-o apontando na direção de um belo isqueiro banhado a ouro da Passatore. Porém, em meio aquele compulsivo entusiasmo, parou por instantes, pressentindo momentaneamente que alguma coisa funcionava em desarmonia. Observando ao seu lado, o semblante sem graça de Messias, extraviado ali dentro como uma espécie de telespectador, acompanhante ou serviçal, sentiu-se pessimamente egocêntrico. Pois se seu resto de vaidade clamava por requinte e glamour no seu último dia de vida, seu ego aniquilado também o coagiam para despedir-se do mundo com uma boa impressão: quis ser lembrado por todos e ficar marcado para sempre, como uma pessoa benévola, solidária e justa. Resolveu então, repentinamente, surpreender aquele humilde taxista, presenteando-o com um lindo chaveiro cromado da Mont Blanc.

O vendedor empacotou as mercadorias em sacolas distintas, regozijando-se por dentro. Afinal de contas, não seria em qualquer dia, muito menos num sem préstimo domingo, que se venderia um *Savinelli*, um *Passatore* e um *Mont Blanc*. Messias também deixava a loja mais

contente, não era nada habitual ou comum assim, ser presenteado pelos seus passageiros. Lukas, por sua vez, mal pudera acreditar que, depois de tanto tempo, dividindo cachimbos dos mais variados tipos, marcas, e espécies, com outros confrades cachimbeiros, finalmente fumaria um *Borkum Riff Black Cavendish* em um legítimo *Savinelli*.

Retornando tranquilamente pela mesma ala, não teria como esquivar a vista do brilho convidativamente vistoso e reluzente, provindo do interior duma belíssima relojoaria. Extasiado, frente a magnífica loja *Bvlgari*, recordou imediatamente da antiga paixão do seu pai pelos relógios*: puxa! Desde criança lembro-me daqueles antebraços finos, carregando vários tipos de relógios, cuidando zelosamente de cada um deles. No entanto, por nossa constante dificuldade financeira, todos sempre muito simples, e de baixa valia. Porém, se tivéssemos melhores condições, ele certamente usaria alguns destes tantos luxuosos.*

Tomando-se por uma ilusória sensação de onipotência – com tanto dinheiro para gastar em um único dia – não titubeou em adentrar firmemente e comprar ali mesmo, um caríssimo relógio *Bvlgari Solotempo* para seu pai. *É triste como a falta de dinheiro por vezes nos limita, nos torna impotente e extirpa muitos de nossos melhores sonhos, deixando-nos reduzidos e conformados com menos do que desejaríamos. Se o mundo fosse realmente um lugar justo, ninguém melhor do que meu pai para merecer alguns destes belos relógios. Bem, ao menos este aqui, agora será dele* – pensou satisfeito e orgulhoso ao comprá-lo. Seguidamente, faltava-lhe ainda escolher um bom presente para sua mãe, acertar de qual maneira Messias faria essas entregas, e decidir, finalmente, o apartamento mais apropriado, num andar bem elevado, de um luxuoso hotel paulistano para se lançar em queda livre.

Vagueando mais um pouco pelo piso superior, uma nova casualidade visual fez-lhe esquecer, efemeramente do primeiro intento. Vendo um belo vestido preto e longo, exposto na vitrine da loja *Dolce & Gabbana*, fez-lhe deixar de lado, por um momento, o presente de sua mãe, recordando-se, inexplicavelmente, de Beatriz – seu primogênito, único e verdadeiro amor. Relembrou como *slides* coloridos, dos seis prazerosos anos de relacionamento: as viagens, as festas, a cumplicidade, a ternura, as poucas brigas. Culpou-se, inevitavelmente, por tê-la perdido de maneira tola e banal: *foi mesmo culpa minha! Minha e desta maldita depressão! Qual mulher no mundo resistiria a tanta desconfiança, tanta insegurança e um ciúme doentio? Certíssima foi ela em me abandonar. Como poderia suportar-me, se nem mesmo eu me tolero mais? Devo ter sido um péssimo companheiro, um estorvo, um tormento...* E, devaneando mais um pouco, em meio às suas contrições pessoais, a fixação

pelos antropônimos, instintivamente lembrou-se de uma única certeza: Beatriz... Beatriz... *Beatriz origina-se do latim Beatrix, e quer dizer aquela que faz alguém feliz. Neste caso, posso assegurar que a antroponímia foi realmente precisa, porque fui verdadeiramente feliz com a Bia.*

Talvez por enrustidas razões vaidosas, ou pelo desejo imperceptível de atrair alguma atenção para a sua morte, idealizou-a cinematograficamente enlutada no dia do seu enterro, visualizando-a trajada naquele lindo e apropriado vestido preto. Estático, enquanto fitava a vitrine da loja, futilmente lastimou-se: *será uma tremenda injustiça! Depois do plano todo arquitetado, eu ser privado de assistir ao meu próprio funeral. Será uma pena não estar presente para poder consolar meus pais, nem verificar quais outras pessoas sofrerão com a minha morte. Infelizmente, não terei mais tempo para agir diferente com aqueles que demonstrarem descaso, desdém, e nem chorarem por mim. Não poderei nem distinguir aqueles que foram apenas por educação, daqueles que foram por livre e singela vontade de dar-me o último adeus. Tampouco terei consciência de quem se ausentou, nem poderei agradecer aos que carregaram o meu caixão. Infelizmente, também não poderei retrucar as inevitáveis críticas, daqueles que certamente me intitularão como fraco ou covarde, por ter escolhido e planejado a minha própria morte. Mas, mesmo assim, nada me parece mais sofrível, do que a triste certeza de jamais tornar a ver Beatriz... A não ser que...* – interrompeu os ligeiros pensamentos funestos e prosseguiu:

... A não ser que seja mesmo verdade esse troço de espiritismo, reencarnação e vida após a morte. Prefiro, e até preciso acreditar que a doutrina espírita não seja uma farsa como tantas outras religiões. Somente assim, poderei de algum lugar, e de alguma maneira fiscalizar tudo isso. Inobstante ao fato de ser católico, pela emergência mutável da fé, amparou-se no texto do décimo oitavo artigo da declaração universal dos direitos humanos, que assegura: “Toda pessoa tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância, isolada ou coletivamente, em público ou em particular”. E por necessidade, medo, ou culpa, apegou-se novamente ao espiritismo, antes de entrar na luxuosa *Dolce & Gabbana* para comprar o suntuoso vestido preto em tamanho médio para Beatriz. Afinal, seu corpo não haveria de ter mudado tanto assim, nesses ligeiros seis meses que rompemos.

Por fim, ao deixar esta terceira loja, irrompeu-lhe o incômodo de preocupar-se com a crível probabilidade de ser lesado mesmo depois de morto: *se não testemunharei o meu próprio cerimonial, como me certificarei se aquela empresa funerária cumpriu idoneamente com todos os nossos acordos contratuais?* E num surto, lembrou-se da angustia de sua mãe, no dia de falecimento do seu tio: *mesmo abalada com a perda de seu irmão, queria, ao menos, oferecer-lhe um enterro digno e honroso. Permeio ao drama, preocupou-se em contratar um serviço funeral. Entretanto, na hora exata do velório, aproveitaram-se inescrupulosamente do sofrimento da minha família, para lograr-nos. Encaminharam o corpo para o enterro num caixão imensamente inferior ao acordado, e até mesmo as flores, murchas, eram estupidamente diferentes das encomendadas. E se fizerem isto no meu enterro? Morto, sequer poderei contestar mais alguma coisa, ou mesmo processá-los. Mais essa agora para não me deixar morrer em paz. É realmente o cúmulo do absurdo, obter vantagens dos mortos...*

Contudo, tranquilizou-se com a mesma frieza, dando uma coisa como infalível: *Se eu vier mesmo a ser punido pelo meu suicídio, e venha realmente a perambular lá pelos vales dos suicidas, essas almas oportunistas e maledicentes se vierem mesmo a trapacear-me, certamente, quando estiverem mortos, deverão ajustar suas contas e pagar suas penitencias lá no quinto dos infernos* – e prosseguiu gargalhando, zombando-se diante da situação calamitosa de mesmo morto, ficar a mercê da possibilidade absurda de ser ou não roubado.

Sem qualquer elaboração mental concreta quanto ao presente que compraria para sua mãe, devaneava indeciso entre passadas ao acaso encontrar nas lembranças memoriais, todos os gostos e preferências dela. Em meio as mais distintas e diversas possibilidades refletidas, surgia uma certeza superior a todas as outras hipóteses cogitadas: o maior e melhor presente que eu poderia proporcionar-lhe, sem dúvida alguma, seria uma viagem para Grécia. Mamãe sempre atribuiu, como sendo seu maior sonho, conhecer as ilhas gregas. Neste exato instante, eu poderia perfeitamente, procurar uma agência de turismo e providenciar isso antes de matar-

me. Mas, seria intempestivo, além da morbidez para uma mãe, viajar posteriormente a morte de um filho, ainda mais com as passagens compradas por ele.

Passou então a idealizar algo mais simbólico e duradouro. Desejava algo que – de alguma maneira – deixasse marcado na lembrança da sua mãe, toda sua preciosidade e relevância em sua vida. E enquanto perambulava desassossegado, olhando sem ver o que nem sabia que procurava, vagando pelos maiores extremismos cogitados, foram casualmente, as joias que reluziam de forma tão soberana quanto sedutora que, imediatamente ofuscou; não apenas as ideias preexistentes como desbancou até mesmo os presentes que nem sequer haviam sido suscitados.

Sem crediário com o tempo para travar ignóbeis embates, ou alguma necessidade que sustentasse a sua prolixidade, decidiu, simplesmente que seria simples e com a praticidade que não tinha foi – ao menos naquele instante – prático. Sem muitos rodeios, nem acatando os apelos da vendedora, naquele momento, Lukas não escolheu a joia. Ela que o faz ser escolhida! Pois, entre os mais variados acessórios expostos, decorados por rubis, pérolas e esmeraldas, uma pomposa gargantilha cravejada de diamantes que, sem ao menos ter sido mostrado, também nem indagou o preço e foi logo mandando colocar aquela joia no mais belo embrulho para presente.

CAPÍTULO 6

Estacionamento do Iguatemi.
19h 43min.

PARA AONDE IREMOS AGORA? – indagava o atencioso e interesseiro motorista, sempre que aquele imprevisível passageiro deixava mais algum lugar para trás.

Em respeito aos mais de vinte e cinco anos de tradição, toda a elegância, imponência, glamour e a fama proferida de ser um dos melhores hotéis cinco estrelas de São Paulo, Lukas sequer cogitou, nem mesmo em efêmeros pensamentos, outro lugar mais apropriado para morrer. E enquanto Messias manobrava o táxi para fora do estacionamento do piso superior, respondeu-lhe prontamente determinado, e declarando além do que deveria confidenciá-lo:

– Desejo passar essa minha última noite nesse tal de Maksoud Plaza.

– Última noite? Como assim última noite senhor? – perguntava-o Messias intrigado, temeroso e a fim de certificar-se da esquisitice que acabava de ouvir.

– Eu disse última?

– Sim! O senhor disse!

– Não! Eu não disse última! – esquivou-se rápido, desenrolando uma ligeira e astuciosa desculpa:

– Bem! Se eu disse realmente última, devo ter-me confundido. Quis dizer apenas que, depois do dia exaustivo, corrido e dispendioso de hoje, desejo descansar num lugar excepcional – e para deixá-lo ainda mais desentendido, acrescentou com uma ambígua franqueza:

– Hoje tirei o dia inteiro pra mim. Permitindo-me gastar, esbanjar e me divertir sem limites. Nunca havia feito isso na vida. Nunca! Sempre vivi com limites, com regras e

economizando... Enfim! Hoje eu posso e quero tudo do bom e do melhor! Descobri que às vezes, além de tarde, o amanhã pode vir a ser incerto demais.

– Ah! Bom. Se for mesmo esta sua vontade... E como pouco que pude notar, não tem tantos problemas financeiros assim – deu um riso trocista e prosseguiu:

– Embora não saiba sobre os seus desejos, creio que estamos seguindo para um local bastante apropriado para realizá-los. Devo-lhe admitir que, nunca entrei em um daqueles quartos, mas por tantos comentários e pelo que ouço dos passageiros que lá busquei é, sem dúvida alguma, um dos hotéis mais luxuosos desta cidade.

– Eu, da mesma forma, nunca entrei. Vejo-o apenas de passagem, a distância e quando casualmente transito por ruas defrontes. Mas, de tanto ouvir falar na imprensa que artistas célebres, cantores renomados e outras tantas pessoas famosas hospedam-se por lá, fiquei com uma presunçosa vontade de um dia conhecê-lo. Afinal, eu não sou nenhuma celebridade, mas também sou filho de Deus!

Seguiram tranquilamente pela Avenida Rebouças, tomaram a Avenida Paulista no sentido da Estação Paraíso, e sem nenhum tipo de congestionamento, entraram pela Alameda Campinas e estacionaram na fachada principal do opulento Maksoud Plaza. Antes de pagar pela corrida, Lukas tomou cuidado em anotar num pedaço de papel os endereços de seus pais e de Beatriz, solicitando com confiança para que Messias entregasse aqueles presentes, impreterivelmente, na manhã do dia seguinte.

– O senhor pode ficar despreocupado! Amanhã, não pegarei um só passageiro antes de fazer estas entregas. Telefone-me então ao meio dia para confirmar tudo – assegurou, dando-lhe em mãos uma espécie de cartão pessoal, contendo todos os seus contatos: desde números telefônicos, e-mail, fax, até a placa do seu táxi.

Embora soubesse que jamais telefonaria para nenhum daqueles números, e consciente de que não mais tornaria a ver aquele taxista, educadamente dobrou o cartão e guardou no fundo do bolso direito da sua calça preta. Mesmo parecendo-lhe absolutamente sincero na concretização das entregas do dia seguinte, sossegou-se muito mais ao concluir consigo*: vou confiar mesmo, porque você não sabe que logo, logo, eu estarei morto. Queria ver se soubesse... Se soubesse, possivelmente ficaria com o relógio, a gargantilha e ainda por cima o vestido serviria de presente para sua esposa, namorada, amante ou sei lá a quem*.

Despediram-se fraternalmente: Lukas abraçou Messias com maior intensidade. Afinal, era o único entre os dois a possuir conhecimento, com precisões exatas de que não mais se encontrariam. Messias, entretanto, sem desconfiar de nada, falou com certa ingenuidade:

– Assim que o senhor souber o dia e a hora de sua viagem, não hesite em telefonar-me para levá-lo ao aeroporto.

– Combinado! – atestou o professor, saindo pela porta dianteira do carro, carregando na mão direita a pequena sacola contendo seu cachimbo, seu fumo e seu isqueiro, acenando com a mão esquerda ao transitório amigo:

– Adeus!

– Até mais ver!

✡ ✡ ✡

Estupefato, penetrando em passos lentos e expressões bestificadas, pelo fascinante *Hall* de entrada do majestoso saguão do *Maksoud Plaza*, surpreendia-se com cada detalhe que via à sua volta: fontes, galerias de lojas, restaurantes, bares, elevadores panorâmicos, jardins com plantas tropicais, obras de arte e um escultural teto solar, acrescentando uma sofisticação praticamente irretocável. Seus olhos se perdiam em meio aquela imensidão de requinte, quando enxergou à meia distância, escrito no crachá de um bem trajado recepcionista: *Raimundo*. E, como por hábito, mania, e viciosamente fazia, correlacionou instintivamente o nome da pessoa, com a sua origem e derivação. Todavia, desta vez, com certa implicância: *com tantos outros nomes próprios para me receber, por que justamente um Raimundo?*

Raimundo origina-se do nosso próprio português e quer dizer um protetor sábio. Hoje percebo, com obviedade em evidências, que a onomástica, a antroponímia e a etimologia nem sempre fazem o menor sentido. Ao menos com relação ao nosso futuro. Se ele fosse lá algum grande protetor mesmo, provavelmente tornar-se-ia um soldado, um policial, ou quiçá um agente secreto. Se fosse realmente alguém tão sábio assim, certamente não seria um recepcionista. Entretanto, devo reconhecer também, que caso eu fosse tão fortificado e

luminoso como se traduz meu prenome, obviamente eu jamais chegaria um dia a firme decisão de matar-me. Enfim, adoraria ter poupado meus alunos destes assuntos lendários e sem fundamentos. É pena! Agora não caber mais tempo para retratar-me e afirmar categoricamente em minhas aulas, que na maioria das vezes, estes estudos não têm prevalência alguma. Pelo menos perante as incertezas indomáveis dos nossos destinos – pensou inutilmente consigo, enquanto dirigia-se ao tal Raimundo, para formalizar logo sua hospedagem.

– Boa noite senhor! – saudava-o educadamente o apresentável recepcionista, ao passo em que ele se aproximava. E sem fixar o olhar em outro lugar, senão naquele crachá devidamente preso ao bolso da camisa do sujeito, o professor De Castro indagou-se parcialmente desapontado: *mas será possível? Será que a última pessoa com a qual falarei nesta droga de vida, vai ser este mero Raimundo? Justamente um Raimundo?* – sabe-se lá por que, mas, as implicâncias secretas do seu íntimo, fazia-o simplesmente antipatizar por este nome. *Poderia ser qualquer outro nome. Inclusive algum tão comum quanto este. Poderia chamar-se Antônio, José, Joaquim... E eu sequer me importaria. Mas porque diabos, justamente um Raimundo não sei das quantas?* – refletiu brevemente em silêncio, sem externar de forma alguma sua frustração. Mantendo-se cortês e tentando corresponder a boa educação do atendente, fez força para ser gentil e superar seu desafeto infundado:

– Boa noite! Desejo um bom quarto apenas para passar essa noite. Preferencialmente num andar bem elevado, com uma vista panorâmica da cidade – *na verdade, alto o suficiente para lançar-me sem riscos de não morrer* – idealizava, enquanto o atencioso recepcionista começava a exibir todas as multiplicidades de opções disponíveis, em um texto primorosamente decorado:

– O Maksoud Plaza oferece quatrocentos e dezesseis quartos e suítes muito confortáveis, decorados com muita elegância, renovados recentemente, todos equipados com uma avançada tecnologia, incluindo a moderníssima proteção contra incêndio Classe A, acesso aos quartos protegido por cartões magnéticos de segurança, controle remoto especial de ar condicionado, cenários de iluminação...

Impaciente, e tentando encurtar as detalhadas explicações, Lukas mal quis saber o significado exato, ou para qual finalidade se destinaria *o Room Office, Fast Track Internet, ReadyWeb, Business Cells Center, Skyline Lounge Club...* Muito menos se interessou em

saber sobre as vantagens, ou os serviços oferecidos para hospedes. De todas aquelas extravagâncias, assegurava-se de que nada usufruiria. Ou mesmo lhe seria imprescindível para complementar a sua liturgia sigilosa. Aquele instante precisava de muito pouco, apenas um quarto confortável, poucos adornados, mas principalmente, em um andar bastante elevado, de onde pudesse tomar um banho caprichoso, pedir uma boa comida, acender o seu cachimbo sossegado, e depois de saborear um pouco das tantas sensações que nunca teve, finalmente morrer em paz e com glamour.

Relativamente inquieto diante daquele falatório ininterrupto sobre os mirabolantes e inimagináveis serviços oferecidos naquele esplendoroso hotel, com intento de fazê-lo cessar De Castro intercedeu abreviando:

– Na realidade, não terei sequer tempo para desfrutar de nada disto. Preciso apenas de um quarto bom e aconchegante para pernoitar. Só isto!

– Mil perdões! – desculpou-se sinceramente Raimundo, continuando:

– O senhor já havia inclusive avisado que passaria somente esta noite, mas estamos todos aqui, tão habituados a seguir replicando tudo isso, que continuei falando além do necessário... Desculpe!

– Sem problemas! – respondeu tranquilizando-o. Após verificar apressado, percorrendo os olhos ligeiros numa espécie de *folder*, vendo e analisando desde o quarto Executivo com uma Cama Casal, até a Suíte Trianon Presidencial com uma Cama King, deu-se por satisfeito dizendo com expressões resolutas:

– Pronto! Estou decidido. Ficarei neste quarto aqui – afirmou bastante entusiasmado, apontando com o dedo indicador da mão direita para a impressão gráfica escrita: *Grande Suíte Brasiliana Premium luxo. Afinal, lançando-me do 22º andar, não me restaria chance alguma de sobreviver Será perfeito! E como naquela agência funerária, também contratei os serviços de embalsamento e reconstituição facial, certamente eles irão restaurar os muitos danos causados no meu corpo em consequência do violento impacto da queda, deixando-o devidamente impecável para o dia do velório. Ao menos foi exatamente isto o que acordamos e assim espero que seja!*

– O senhor fez uma ótima escolha! – assegurava-lhe o recepcionista, interrompendo seus desacompanhados delírios e ressaltando repetitivamente:

– A *Grande Suíte Brasiliana Premium luxo* conta com um luxuoso *lounge* de trezentos metros quadrados, uma maravilhosa vista de toda cidade, ampla sala de estar com bar, sofá conversível, mesa de jantar, *Room Office* com: *Fast Track Internet*, *ReadyWeb* e, múltiplos telefones, TV com programação internacional. Aposento com cama *King* ou duas *Double*, área de leitura, *closet*, e cofre digital. Dois banheiros em mármore Carrara, secador de cabelos, roupão, chinelos e amenidades. Ambientes sociais com controles portáteis para iluminação, ar condicionado, TV e música. Blindagem da luz e rígido controle de ruídos. *Concierge*, e *room service* vinte e quatro horas por dia, com uso gratuito do *Fitness Center*, e quartos para fumante e não fumantes...

Mesmo enfadado, diante daquelas repetitivas explicações, naquele momento, o professor reconheceu o quão – por raríssimas vezes – pode vir a ser imprescindível, um mísero detalhe dentro desses roteiros preestabelecidos, chatos e cansativos que nos são repetidos maçantemente por funcionários, objetivando exibir integralmente, todos os benefícios e vantagens dos estabelecimentos nos quais trabalham.

– Bem... Desejo um desses quartos próprio para fumante – pediu-o. Afinal, aquilo que mais almejava, era morrer sossegado e preferencialmente sem incomodar nenhuma outra pessoa. Logo, não seria justo, por uma insignificante fumaça exalada depois de acendido o seu autêntico *Savinelli*, correr o risco desagradável de ser importunado, interrompido ou mesmo advertido por não respeitar as normas impostas ali. Queria simplesmente matar-se tranquilamente, sem maiores estardalhaços e sem causar problemas ou estorvos a mais ninguém.

– Qual o seu nome senhor? – indagou o recepcionista, enquanto simultaneamente, entregava-lhe em mãos um formulário e exigia a apresentação de alguns documentos rotineiros.

– Chamo-me Lukas com **K** – salientou como costumeiramente fazia. Pensando consigo mais uma vez: *grande asneira essa insignificante letra* ***K****, logo nada disso terá mesmo a menor importância* – iniciando em seguida o preenchimento dos papeis, apresentando os documentos exigidos e pagando antecipadamente – pela breve hospedagem – usando mais um dos tantos cartões que trazia na carteira.

Tudo parecia dentro dos seus mais devidos conformes. Despediu-se então do seu desafeto – por implicância linguística. Apanhou o cartão magnético que abriria a porta da sua

suíte e seguiu entrando aleatoriamente por um dos quatro elevadores panorâmicos do *Atrium Lobby*. Na altura do vigésimo andar, apreciou por breves segundos, a incrível arquitetura interna do Maksoud Plaza. Avistou, bem abaixo de seus pés: fontes, galerias de lojas, escadas rolantes, jardins, e uma imensidão de formidáveis detalhes que, embora não lhe fizesse mais tanto sentido assim, orgulhava-o plenamente por – ao menos – morrer, num lugar tão requintado, renomado e esplendoroso como aquele.

CAPÍTULO 7

ENLUTADO, CARREGANDO APENAS uma sacola, entrou pelos trezentos metros quadrados da *Grande Suíte Brasiliana Premium luxo*. Sem saber ao certo, como proceder diante daquela imensidão exagerada de quarto, caminhou pela espaçosa sala de estar, tentando encontrar o quarto. Surpreendentemente tranquilo, e desprovido de qualquer tipo de afobação, retirou, em movimentos serenos, os óculos escuros, o isqueiro Passatore, o cachimbo Savinelli e o fumo *Borkum Riff Black Cavendish* do interior da sacola, colocando-os delicadamente sobre uma cômoda de madeira rústica, ao lado da televisão e abaixo de um abajur desligado. Fatigado, sentou-se numa confortável poltrona de couro, frente a enorme cama *King*, retirou os sapatos, esticou os pés e passou a fitar todos aqueles artefatos e apetrechos à sua volta, vedo-os sem nenhuma funcionalidade: *mesmo se eu não fosse definitivamente matar-me hoje, de nada me serviria metade disso!*

Em seguida, sem jamais cogitar desistir do suicídio, apoiou os braços nos joelhos, levantou-se num impulso e passou a caminhar de pés descalços de um lado para o outro, pretendendo remexer e bisbilhotar cada detalhe daquela extraordinária suíte. Sua mente oscilava entre a lucidez e a irracionalidade. Sem nexo, sentido ou coerência, abriu e fechou o *Closet*, ligou a música ambiente numa estação qualquer, mexeu no cofre digital, brincou com o controle remoto de iluminação, e, diante dos dois banheiros disponíveis naquele incrementado aposento, optou pelo que possuía uma convidativa banheira de hidromassagem para banhar-se. Retirou lentamente a camisa e a calça de fibra sintética preta, vestiu-se com um belo roupão e falou sozinho com requintes de frialdade e premeditação: *estou imundo! Depois de tudo, não posso morrer tão maltrapilho e sujo assim. Preciso mesmo de um bom banho antes de saborear meu Savinelli.*

Olhou-se no espelho do banheiro, e, mais uma vez, era como se aquela imagem refletida não fosse mais a sua. Deparava-se com uma face medonha, distorcida, abatida e apática. Revelando desânimo e sem enxergar mais algum sentido de perpetuar vivo, indagou-se desentendido àquela estranha face: *mas por onde fora parar aquela minha força, minha alegria, minha felicidade? O que aconteceu comigo? Por quê? Por quê? O que houve com a beleza que havia em mim? O que houve?* – esforçava-se inutilmente por descobrir. E

enquanto a água começava a escorrer aos poucos, gotejando cadenciadamente através de mines jatos laterais, embutidos ao redor da banheira, resolveu verificar aquilo que lhe seria mais imprescindível ali dentro: as janelas pelas quais, lançar-se-ia em queda livre.

Saindo do banheiro com o corpo envolto pelo elegante chambre do hotel, caminhou até uma espécie de sacada – próxima à sala de estar. Entusiasmado, abriu com ambas as mãos as janela laterais de correr, permitido avistar do topo alto daquele vigésimo segundo andar, a impressionante vista panorâmica de quase toda cidade. Lá embaixo, o mundo parecia-lhe tão reduzido e pequeno, como diminutas peças de quebra-cabeça, placas de circuitos eletrônicos, carros trafegando de um lado para o outro, como verdadeiros vaga-lumes. Sentiu-se forte, poderoso, autônomo e finalmente livre. À medida que a suave brisa, frienta e úmida, soprava gotículas da garoa que insistia em cair, deixou molhar seu rosto, gozando duma sensação de liberdade jamais experimentada antes: *pela primeira vez em toda minha vida, sinto-me verdadeiramente dono de mim mesmo! Não estou mais sujeito a nada, nem a ninguém. Tenho em mim o pleno poder de agir desprendidamente livre, leve e solto.*

Aproximou-se mais, mirou àquela imensa dimensão vertical ao chão que amorteceria seu corpo, e sem dúvidas ou desconfianças disse para si mesmo*: hoje finalmente descobrirei sobre a transcendência da vida e os mistérios envolvidos na "pós-morte". Hoje descubro se perambularei pelo vale dos suicidas, pelo limbo, se queimarei no fogo eterno, ou se Cristo é mesmo tão misericordioso como proclamam por ai. Testemunharei hoje por quem serei recepcionando no céu. Será mesmo São Pedro ou anjos celestiais? Descobrirei, também, se poderei coexistir, presenciando de alguma maneira o meu próprio velório, ou se o espiritismo é mais uma forma de consolar a humanidade, dando-nos a esperança de que existe mesmo algum outro lugar e plano além deste. O pior, porém, será, se nada disso acontecer realmente. Morto, sequer terei como reivindicar, rebelando-me contra alguma coisa* – e ali, tomado por euforia descontrolada, permitiu que suas indagações incompreendidas fossem além: *será que após voar tão alto assim, a minha cabeça espatifar-se-á naquele rígido chão, apagando todas as minhas lembranças, igual a um computador velho quando pifa? Não ficarei vagando nem mesmo em forma de átomos, poeiras cósmicas, plasma, fantasma ou sei lá o que? Será possível que simplesmente mergulharei num infindável breu?*

Mesmo atormentado por intermináveis questões sem respostas, mesmo diante daqueles receios temerosos e mesmo desapontado em pensar que poderia simplesmente pifar, deteriorando-se para sempre como um computador velho, mesmo assim, preferiria livrar-se de

vez daquela dor sofrível, daquela angústia latente e daquele vazio irremediável: *não posso mais continuar vivo, com a morte tão manifestada dentro de mim!* – mas, antes de atirar-se em queda livre, fechou as janelas, retomando para administração meticulosa, das últimas ações que restavam concretizar, dentro da sequencia arquitetada do seu próprio ritual de suicídio...

A água atingia a metade da espiralada banheira de hidromassagem, e como jamais ousaria acender aquele legítimo, raro e precioso cachimbo italiano, sem estar esmeradamente limpo, resolveu aguardar um pouco mais. Acomodou-se ao lado, numa espaçosa sala de estar. Sentou-se num macio sofá de tecido floral, pôs os pés descalços sobre uma mesa de centro – decorada com um belo arranjo de flores e algumas revistas espalhadas. Do lado oposto, um abajur e duas poltronas devidamente alinhadas, encostavam-se na mesma parede que dividia aquele compartimento principal da nobre suíte, com o bar e a mesa de jantar. À sua frente, dois rústicos móveis em lustrosa madeira cerejeira: um mais compacto, sustentando uma grande televisão desligada, outro arredondado e menor, portando um computador, um aparelho de telefone e uma cadeira acoplada. Mesmo apaixonado por história e apreciador de quase todo tipo de arte, não encontrou muito atrativo numa enorme tela abstrata, pintada de tinta óleo, exposto num quadro, bem acima de onde sentava.

Por casualidade instintiva, enquanto a banheira enchia-se, apossou-se de um incrementado controle remoto, que estava sobre a mesa de centro. Sem exata determinação sobre o que fazer, ligou o aparelho de TV a sua frente, e em despretensiosos movimentos sistemáticos, seguiu passando por quase todos os canais disponíveis. Porém, deparando-se com as repetitivas tragédias noticiadas, tomou-se por abrupta fúria, e tocou a extravasar toda sua contida indignação, num discurso fundamentalista e solitário:

Desde que nasci, e desde que me entendo por gente, assisto essas mesmas notícias. Vou morrer com plena certeza que os homens continuarão se guerreando por gerações e gerações... Desde que liguei uma dessas joças pela primeira vez na minha vida, lembro testemunhar guerras intermináveis, infundadas e injustificáveis. Uns dizem lutar pela posse da terra sagrada, santa ou sei lá mais o quê... Outros desejam petróleo, nova demarcação de territórios, intervenções de órgãos internacionais. Na verdade, a grande maioria não sabe nem ao certo o motivo, o porquê, ou o que almejam. Mas digladiam-se assim mesmo. Aonde este mundo vai parar? Não suporto mais assistir ao vivo e a cores, terrorismo, sequestros, atentados. Revolta-me assistir passivamente, líderes mundiais disfarçados de super-heróis,

intitulando-se como salvadores do mundo! – deu uma breve pausa, e, sem desvencilhar-se daquela forte perturbação interna, mais encolerizado ainda, soletrava ao vento, toda sua verborragia revoltosa:

Desde que nasci, vejo políticos inescrupulosos, prometendo acabar com a fome, com a miséria, com a pobreza... Desde que nasci, escuto essas mesmas ladainhas e vejo essas mesmas notícias. Não suporto mais isso! Não tolero mais ver, ler ou ouvir falar em tragédias, desonestidades, corrupções! Não suporto mais ser inteligente! Deveria ter sido mais alienado e não ter sofrido tanto com os noticiários. Certo mesmo faz minha sábia mãe, que diz preferir se alienar assistindo novelas e programas banais a assistir jornais que ultimamente só noticiam tragédias, trapaças de políticos e a miséria do povo esquecido, marginalizado, que, verdadeiramente, não é tratado como nossos semelhantes, que só são lembrados nas tragédias, quando viram notícias para aumentar audiência. Prefere mesmo as novelas. Estas, quando não caem na mesmice, nos distraem bastante, funcionando como verdadeiros analgésicos. Fazendo-nos esquecer, parcialmente de tanto caos e horror. Acredito que às vezes é sábio alienar-se um pouco.

Como estratégia indolor, ou iludente fórmula de abrandar o estorvo pela contrição de um suicídio, satisfez-se convenientemente com todas as vantagens, e alguns poucos benefícios que se desprenderia com a morte: *estou farto deste mundo! Farto mesmo! Farto de fingir que estou satisfeito! Farto de interpretar e fingir ser aquele e aquilo que não sou! Farto de seguir repetindo metodicamente à todos que estou bem! Ao menos hoje, finalmente hoje me libertarei de tudo! Estarei livre de ter que manter a conduta, ser educado, paciente, passivo e tolerante, mesmo, por vezes, querendo sair da linha e "perder as estribeiras". Livre das disputas discretas e sigilosas entre amigos, em duelos enrustidos para demonstrar, indiretamente, quem tem o melhor carro, a melhor casa, a melhor namorada. Quem vive melhor, quem tem mais dinheiro, quem faz o sexo mais incrível... Também estarei livre da escravidão das dietas, e de ter que manter a estética perfeita, dum protótipo socialmente aceitável. Sinto-me tão feliz e despreocupado hoje, mesmo estando sete quilos acima do meu peso ideal. Ah! Se eu tivesse a chance de ter morrido mais algumas vezes antes, talvez me sentisse bem mais vivo hoje* – retomou seu fôlego e continuou incessantemente:

Sei que hoje, definitivamente irei morrer, mas, se por alguma ventura do desconhecido, eu retorne reencarnado por mais mil vezes, em mil gerações diferentes, o mundo e os homens, continuarão agindo deste mesmo jeito estúpido. E o mundo inteiro, sem

dar-se conta, permanecerá tripudiando de nossa moralidade, e violentando nossos míseros direitos...

CAPÍTULO 8

O GOTEJAMENTO JÁ HAVIA ATINGIDO a altura côncava máxima da banheira, quando resolveu – enfim – desligar o interruptor que acionava a vazão de água pelos mines jatos laterais da hidromassagem. Em seguida, despejou um recipiente inteiro, contendo sais aromatizados de camomila. Intencionado em fazer crescer bastante espuma, para incrementar mais, aquele que seria seu último asseio, ajoelhou-se, ajeitou cuidadosamente até a altura dos ombros a manga do roupão, e com um dos braços totalmente imerso, seguiu remexendo em movimentos circulares para diluir melhor os sais de banho na água.

Porém, antes de banhar-se imediatamente, por dois motivos distintos, decidiu usufruir dos serviços de quarto: primeiro, porque desejou brindar com mais glamour o seu final. Segundo – e não menos importante que o primeiro – por superstição ou implicância, almejava morrer, tendo visto e falado pela última vez com alguma outra pessoa, senão com aquela, de nome Raimundo.

Pelo interfone, pediu que lhe trouxessem uma garrafa de *Champagne Francês Krug Grande Cuvée Brut*. Em pouco mais de dez minutos, tocaram a companhia da suíte. O professor, ainda coberto pelo chambre, logo abriu a porta. Contudo, antes de observar o refinado *Krug Grande Cuvée Brut*, devidamente posto num bojudo vaso prateado, rodeado de gelos, ou mesmo reparar com minudência no elegante fardamento azul-marinho, daquele magro e alto entregador, fez questão apenas de constatar ligeiro – mas de maneira discreta – o nome escrito no crachá. E lá estava, em letras visivelmente legíveis, agarrado ao bolso direito da blusa social: André. *O prenome André origina-se do grego. E quer dizer o corajoso, o viril... Talvez este nome fosse mais apropriado e cabível a mim mesmo, do que o meu próprio Lukas de Castro. Muito embora, seja um nome tão comum quanto Raimundo, sinto-me mais satisfeito e aliviado. Era só o que me faltava acontecer em vida! Depois do extraordinário dia que me proporcionei hoje, ter dialogado com um Raimundozinho qualquer antes de morrer!* – pensou inexplicavelmente, antes de agradecer-lhe:

– Muito obrigado!

– Não há de quer senhor! Deseja abrir agora? – inquiria-lhe o alto e esbranquiçado entregador:

– Sim! Por favor! – pedia-lhe De Castro, a fim de livrar-se rápido daquela incumbência, com a qual não tinha o menor jeito.

Num processo magistral, quase exibicionista, André, primorosamente, cobria todo o *Champagne* com um claro guardanapo de tecido, flexionava a base da garrafa contra a palma da sua mão, e, como um sutil passe de mágica, desatarraxava tranquilamente o cilíndrico tafulho de cortiça, sem nenhum tipo de ruído, estouro, ou derrame. Em seguida, colocava o *Krug Grande Cuvée Brut* devidamente aberto de volta ao prateado vaso com gelos, deixando-o sobre a mesa da sala de estar. Pondo ao lado, cuidadosamente, uma fina taça de cristal, indagando com a cortesia habitual de sempre:

– Mais alguma coisa?

– Não! Muito Obrigado! – tão logo aquele funcionário retirou-se da sala, batendo a porta da suíte com sutileza, sem pressa ou inquietude, apossou-se da garrafa do *Champagne*, da taça, regressando em passos lentos em direção do banheiro. Retirou o roupão, a cueca, e imergiu finalmente seu frívolo e transitivo corpo, entre as bolhas de espumas aromatizadas da deleitosa banheira de hidromassagem. Empolgado, banhou-se por duradouros minutos, sentindo-se, por efêmeras circunstancias – ao menos uma vez na vida – alguém excepcionalmente importante. E, dentre os mais diversos pensamentos onipotentes, projetados pelo seu imaginário aquela altura, um deles, chegou próximo à consecução.

Bastante entusiasmado, sentindo-se ilusoriamente poderoso, pensou bruscamente em telefonar para alguma dessas agências de prostituição, contratar a melhor garota de programa disponível e fazer sexo pela última vez. Num sobressalto, levantou-se molhado, colocou de volta o chambre, serviu-se de mais *Champagne* e ergueu a taça ao teto, dizendo ao eco de sua solidão:

– Um brinde a mim mesmo! Hoje eu posso qualquer coisa! – e seguiu caminhando com entusiasmados passos, em direção ao *Room Office*, de onde deduziu que, acessando a internet, encontraria – sem maiores dificuldades – algumas páginas contendo todos os tipos de mulheres disponíveis.

Acomodado na poltrona do gabinete, frente ao monitor do computador portátil, lá estava ele, percorrendo intermináveis listas de rufianismo virtual. E num gole e outro de seu *Krug Grande Cuvée Brut*, entre instigantes fotos vistas, revistas e criteriosamente analisadas, deparou-se com a imagem duma bela morena, de plástica irretocável, destacando-se pela simetria harmoniosa do corpo, agregada a expressividade do seu nome: *Marjorie... Marjorie... Marjorie... Certamente este seja um fantasioso apelido, e ela nem faça menor ideia da origem linguística ao batizar-se assim. Mas Marjorie origina-se do Francês, e quer dizer a suprema* – concluía sozinho, enquanto impulsivamente telefonava-lhe:

– Alô! – falava do outro lado da linha, num tom de voz doce, suave e macio. Divergindo de imediato, com o timbre firme que pré-julgou ouvir, por alguém de nome tão expressivo e de trabalho tão baixo.

– Quem fala? – perguntou desconcertado e surpreendido.

– Sou eu, a Marjorie! Quem é? – indagou a moça, numa entonação branda e agradável aos ouvidos.

– Lukas... – gaguejou e manteve-se afônico.

– Pois não! O que deseja?

– Foi engano. Perdão! – arrependido, desligou apressadamente o telefone.

Transar com ela, antes de lançar-me pelas janelas desse hotel? Seria desumano... Possivelmente, ela ainda permaneceria por algum tempo, como principal suspeita pela minha morte. E até que a polícia faça toda investigação, até que executem a perícia grafotécnica nas letras da minha carta, até que provém todo o contrário, ela seria acusada injustamente, teria que prestar depoimentos, comparecer em delegacias... Sei que não a conheço, mas não posso deixá-la com esta penitência. Não seria justo! Quero matar-me com dignidade. Não envolverei ninguém nisso! Muito menos alguém com voz tão afetuosa e delicada – inferiu resoluto, mas ao mesmo tempo encantado, por ter sido aquela doce e meiga voz, a última boa lembrança que levaria dentro de si, em mente ou espírito, para aonde seu corpo transcendesse.

Seu término aproximava-se com ímpeto e sagacidade. Coincidentemente, a estação de rádio sintonizada, tocava aquela mesma canção de *Billie Holiday*, que havia programado para tocar em sua casa por cinco dias consecutivos. Embalado ao som de *Please Don't Talk About*

Me When I'm Gone, deu o último gole na bebida. Como se celebrasse o seu término pôs a garrafa e a taça ao lado do computador portátil do *Room Office*, voltando para o quarto. As solas dos seus pés descalços tocavam no gelado piso da suíte, sem causar-lhe mais nenhum tipo de sensação. Nem prazer, nem incomodo.

Com a alma insensível a dor, na mais profunda abjeção e vislumbrando a morte, os temerosos medos purgatórios tornavam-se cada vez mais brandos, diante da imensa vontade de findar-se. Cuidadosamente, passou pelo banheiro, retirou o tapador da banheira – para fazer escoar toda aquela água espumenta. Afinal, queria morrer honrosamente, com dignidade, sem deixar muita sujeira, incômodos ou fazer estardalhaços. Trocou o elegante chambre pela morbidez de um traje de enlutado, e, induzido por obviedades pessoais, de que nada mais lhe restava a fazer nessa vida, pressentindo sensorialmente a efetiva chegada do seu limite, retornou ao quarto para – por fim – acender o cachimbo e concluir a sua lutuosa cerimônia.

Sentou-se novamente naquela mesma poltrona em couro, frente à enorme cama King – que sequer tivera deitado. Calçou de volta seus sapatos, largados ali antes de bisbilhotar, remexendo em cada detalhe daquela extraordinária suíte de luxo. Acendeu o abajur ao lado da televisão, apanhou na cômoda de madeira rústica e lustrosa, o Savinelli, o pacote com o *Borkum Riff Black Cavendish* juntamente ao isqueiro da Passatore. Apreciador de cachimbo e convencido de que aquele seria seu último prazer – ao menos nesta vida – tocou a administrar aquela derradeira ação, com primazia e destreza: zelosamente, colocou os três objetos com cuidado sobre seu colo. Primeiro, abriu a caixa na qual envolvia o precioso cachimbo, passou-o por entre as mãos, perscrutou seus magistrais acabamentos em roseira brava e o trouxe até as narinas, para sentir, mais uma vez, o forte cheiro de madeira virgem. Depois, abriu o pacote de *Borkum Riff Black Cavendish* e como esmerado cachimbeiro, agindo magistralmente para não entupir o fornilho interno, seguiu colocando pouco a pouco do tabaco, dentro da cabeça granulada e lisa, do incrementado Savinelli. Por fim, segurou-o firmemente pelo cabo retilíneo, prendeu a piteira de vulcanite entre os lábios, retirando o isqueiro dum delicado estojo acrílico.

Seu paladar já degustava a umidade do fumo, seus olhos miravam a claridade da chama acendida pelo Passatore e, no exato instante em que trazia, vagarosamente e com cuidado, o fogo para junto da cabeça do cachimbo, um estrondoso e inesperado ruído, rompia bruscamente a morbidez daquele silêncio:

“Trimmmmmmmmmm!!!” – tocava alto o telefone do vigésimo segundo andar da *Grande Suíte Brasiliana Premium luxo*. Diante do súbito e forte barulho, tremulamente, deixa escapulir o isqueiro de suas mãos, batendo sobre seu joelho, antes de ricochetear pelo chão, espalhando fumos e rolando para a parte inferior da cama. *Mas que diabos! Quem será?* – indagou-se desentendido e assustado:

– Senhor Lukas de Castro?

– Sim!

– Aqui é da recepção. Tem uma pessoa aguardando numa outra linha, desejando falar com o senhor. Posso transferir a ligação?

Mas quem seria? Ninguém, além de Messias, teria conhecimento de que eu estaria aqui. Certamente, ele jamais me telefonaria a uma hora dessas. Ou telefonaria? – tentava deduzir antecipadamente, porque, embora ponderasse a ideia de não atender, a curiosidade aguçá-lo-ia até mesmo nos últimos instantes que antecediam à sua morte:

– Sim, pode transferir. Mas quem é?

– Desculpe-me senhor, mas ela não quis se identificar.

Ela? Ela quem? Se ele disse mesmo ela como escutei, obviamente não haveria de ser o taxista. Seria a morte disfarçada de mulher querendo me dizer alguma coisa, ou Nossa Senhora, transfigurada de gente, viera me salvar? Teria minha mãe me descoberto aqui, por um daqueles seus sonhos premonitórios, ou seria Beatriz querendo dizer que sempre me amou? Quem seria? Quem me ligaria numa hora dessas? Quem? – refletia hesitante, embasbacado e afundado em delírios antes de pedir:

– Está bem! Transfira logo essa maldita ligação! – e, enquanto resmungava malquistado com intrigas, ouvia novamente, do outro lado da linha, aquela suave, afável e inesquecível voz:

– Alô!

– Quem é? – perguntou meio desajeitado, dissimulando. Reconhecendo de imediato quem falava.

– Sou eu, Marjorie – correspondeu como ele esperava, fazendo reforçar sua certeza.

Jamais esquecerei sua voz. Jamais esquecerei esse tom meigo, doce e delicado. Jamais! – meditou feliz, desfrutando da ligeira satisfação por escutá-la mais uma vez. Porém, se seus instintos mais egocêntricos clamavam por conhecê-la, o que restava de dignidade e honradez moral, coibiam com presteza todos os seus impulsos alheios à racionalidade. Preso àquele impasse angustiante decidiu por não envolvê-la de maneira alguma, naquela sua premeditada ação:

– Qual Marjorie? Não conheço nenhuma Marjorie! – preferiu despistá-la.

– Eu sei! – atestou a delicada prostituta. Justificando e explicando-lhe:

– É que você me telefonou mais cedo, achei-o meio evasivo. E já que o meu celular registrou este número, decidi telefonar-lhe. Fiz mal?

Mas que vontade absurda de confidenciá-la toda a verdade, de ser sincero, de afirmar que não, que ela não havia feito mal algum em telefonar-me. Muito pelo contrário, queria dizer que desejava muito conhecê-la, ao menos antes de me matar. Mas certamente ela não compreenderia nada disso, se assustaria e jamais compactuaria com minha insanidade. Isso sem esquecer as questões, nas quais, casualmente deixar-lhe-ia pendentes com a polícia. Ela como principal suspeita pela minha queda. Não! Definitivamente não! Não seria justo! Não farei isto com ela e ponto final! – contorceu-se, lutou contra sedentas manifestações instintivas, mas, deixou-se conduzir pela parcial sensatez de um insano suicida inofensivo:

– Ah! Claro! Lembro-me sim Marjorie... Mil perdões. Mas não fui evasivo não, de maneira alguma. Apenas fiquei desajeitado, porque estava certo de ter telefonado para um amigo, e repentinamente fui surpreendido por uma voz feminina. Desculpe-me! – mentiu, com astúcia, ocultando sua vontade de possuí-la por uma noite e nada mais. Porque absolutamente nada, ninguém, ou mesmo efêmeros instantes de prazer, o fariam renunciar da obsessiva ideia de matar-se. Do outro lado da linha, mesmo sem muito entender, pressentindo algo enigmático naquele sujeito, Marjorie – a suprema – achou melhor desligar. Não queria ser inconveniente, intrusa ou descortês:

– Está explicado! Perdoe-me então por ter retornado o telefonema...

– Sem problemas! Tenha uma ótima noite! – dizia com o coração partido.

– Boa noite senhor! – despedia-se com suavidade, numa surpreendente contradição por análogo vocal da firmeza rude e indelicada, que pressupôs ouvir, por uma libertina e devassa, garota de programa.

Essa é boa! Muito boa mesmo... Apaixonar-me por uma prostituta, antes de suicidar-me. É... Essa vida é realmente uma grande piada. Às vezes acho que Deus, vive sentado em seu trono me testando e debochando de mim o tempo todo. Só pode ser! – tomou por conclusões, na medida em que desligava devidamente o aparelho de telefone. Contudo, mesmo atordoado por aquela imprevisível ligação, encantado e fascinado pela doce voz da Marjorie, voltou à execução do seu último capricho...

CAPÍTULO 9

TENTANDO RESTABELECER O CLIMA – momentaneamente dissipado – e a fim de retomar ao lúgubre cenário elaborado meticulosamente, apanhou o controle remoto da música ambiente, elevou o volume da estação, improvisou alguns passos de dança, e concentrou-se inteiramente nas minúcias de sua ação. Fazendo-se ilusoriamente delirar de que, exceto a relevância de suas próprias intenções, trancafiadas ali dentro, outro mundo persistiria existindo fora daquele vigésimo segundo andar.

Retornando ao quarto, de costas para o abajur aceso sobre a cômoda, ajoelhou-se frente ao pé da enorme cama, no intuito de localizar com brevidade o isqueiro. Com a palma da mão direita, ergueu cuidadosamente o estampado edredom, comprimiu em seguida seu tórax contra o chão, e, na proporção em que o braço esquerdo, em movimentos circulares, tateava o curto espaço entre o colchão e o piso, surpreendentemente, reconheceu e sentiu um objeto de forma, tamanho e espessura desigual, e de nada semelhante ao *Passatore*. *Mas o que é isto?* – pensou rápido, enquanto num gesto esbaforido retirava ligeiramente a estranha peça dali debaixo.

À primeira vista, parecia-lhe um simples terço religioso, inclusive, coincidentemente idêntico, ao mesmo que havia visto pela manhã, enrolado na mão daquela beata, na Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Todavia, ao invés de um crucifixo, este possuía em sua interseção final, uma prateada medalha, com pequenas escritas douradas. Excepcional conhecedor de história, e bastante curioso, observando a peça com mais afinco e cuidados, não teve dúvidas ao afirmar perplexo e espantado: é um Komboloi! Mas como um Komboloi veio parar aqui? – ele mesmo respondia com suas deduções: Certamente, algum grego teria se hospedado aqui e o esqueceu, perdeu, ou o deixou cair.

Mesmo assemelhando-se a uma peça sagrada, De Castro sabia que aquele objeto não teria nenhum significado concernente às coisas divinas. Tratava-se dum comum artefato de tradição grega, uma espécie de rosário de cores, no qual muitos gregos – costumeiramente – enrolam-no entre os dedos e desfiam-no habilmente, fazendo-as estalar umas contra as outras. Com finalidade única de passatempo e divertimento, preenchendo o ócio e controlando o nervosismo. Embora os mais comuns fossem confeccionados de madeira ou âmbar, aquele –

ao qual segurava – além da sua atípica composição metálico, trazia ainda cravado na medalha de dourada: **Καλώς ήρθες στο Βέρτιγκο.**

Ainda que sua habilidade linguística fosse direcionada em particular à antroponímia, seu cérebro decodificava palavra por palavra daquelas pequenas letras douradas: **Καλώς** = Bem, **ήρθες** = Vindo, **στο** = À, **Βέρτιγκο** = Vertygo. Bem vindo a Vertygo! – concluiu bestificado, enquanto sentou-se perplexo na quina da cama. Estupefato, e ainda sem acreditar naquele emaranhado de absurdos, repetia atordoadamente*: Não! Não pode ser! Não é possível! Então é verdade? Vertygo existe mesmo?* – esqueceu-se do isqueiro, interrompeu seu ritual e protelou brevemente seu suicídio. Vagueava atonitamente para mais e mais longe, relembrando das histórias e – até então lendas – lidas, e estudadas em torno desta misteriosa ilha...

Um pequeno grupo de antropólogos, afirmava que ao sul do Mar Egeu, passando pelo arquipélago das Cyclades, e já próximo à costa sudoeste do território turco, ao invés das 12 ilhas enfileiradas que formam o arquipélago do Dodecaneso, existia ainda – mantida sob certo sigilo – uma Décima Terceira Ilha. Ninguém sabe propriamente a razão de não revelá-la, ou por que motivos a mantenham oculta de todos os mapas topográficos da Grécia. Muitos apostam que seria para preservar a paz, a harmonia e o perfeito equilíbrio de um cenário jamais visto, outros acreditam ser por questões políticas ou religiosas.

Parcialmente incrédulo – mas ao mesmo tempo intrigado – diante daquele inimaginável imprevisto ao qual vivenciava, deixou seu corpo cair lentamente sobre a maciez do edredom e acomodou sua confusão mental, recostando sua cabeça num dos dois travesseiros da cama. Fechou os olhos, respirou fundo, e após entrelaçar o Komboloi no punho, passou a conduzi-lo em movimentos sistemáticos por entre os dedos, buscando assim, relembrar integralmente, toda história conhecida sobre Vertygo (...)

(...) contam também que não se pode – qualquer pessoa – simplesmente, atracar, ou seguir viagem para conhecê-la. Faz-se necessário possuir uma espécie de convite. Dizem que para chegar a esse pequeno pedaço de terra, com aproximadamente trinta e dois quilômetros quadrados, rodeado pela imensidão azulada do Mar Egeu, já quase encostada na Ilha de Rodes, não é nada simples. Precisa-se de alguma maneira, ou por intermédios de alguém, receber um Komboloi dourado, com essa mesma escrita em ouro: **Καλώς ήρθες στο Βέρτιγκο**. Em seguida, o escolhido, deveria direcionar-se para Plaka (um dos bairros mais

pitorescos da parte velha de Atenas) e aguardar até que um dos guardiões da ilha localizasse-o, através do Komboloi, para somente assim, conduzi-lo...

Irrequietamente eufórico levantou-se num só salto questionando consigo mesmo: *então é tudo verdade?! Vertygo existe mesmo?! Mas porque justamente hoje, quando decido finalmente matar-me, encontro este Komboloi? Por que hoje? Por que comigo? Por quê? Por quê?*

Desatinado, voltou-se para baixo da cama, apanhou o isqueiro Passatore, sentou-se de volta na poltrona, e sem largar mão do Komboloi, acendeu finalmente o Savinelli. Todavia, enquanto seu paladar já degustava o requintado fumo com menos pressa e urgência de morrer, deixou-se perder em meio ao cinzento da fumaça e ao aroma suave do tabaco, revivendo em seus pormenores, passo a passo das coincidentes casualidades dentro daquele infausto domingo: pela manhã, antes de encomendar o seu próprio funeral, assistiu na Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, a missa de sétimo dia de uma criança morta num trágico acidente de carro, cujo prenome Catarina, deriva-se do grego pura, casta; a similaridade do terço daquela senhora, em cores e formas, ao Komboloi encontrado inusitadamente. Grécia também havia sido o primeiro lugar ao qual havia cogitado presentear sua mãe; lembrou-se ainda da incômoda sensação de incompleto, e a certeza lamentável do quão poderia ter sido uma pessoa melhor e mais humana, ao avistar, numa daquelas tantas sinaleiras da Avenida Brigadeiro Faria Lima, aquela criança pedinte – quase invisível – lançando seus malabares mágicos ao alto.

Atordoado, combinando cada fortuito acontecimento com o seu planejado destino, retirou brevemente o cachimbo da boca, segurou-o pelo cabo e indagou-se com certa crendice: seriam apenas meras coincidências mesmo, ou seriam verdadeiros sinais divinos? – Colou então a piteira do Savinelli de volta entre os lábios, inspirou pela boca mais fumaça do suave tabaco, e seguiu mentalmente aludindo cada inusitado imprevisto ocorrido*: pouco antes de iniciar o meu último ritual de pré-morte, por pura coincidência metafísica, a estação de rádio toca aquela mesma canção de Billie Holiday, programada para tocar em minha casa por cinco dias consecutivos. Sento-me na poltrona, e no exato momento em que vou acender o cachimbo, por razões ocultas e inesperadas, o telefone toca. E quem era? Marjorie, a suprema! Com o repentino susto, deixo cair o isqueiro justamente abaixo da cama. E o que encontro abaixo da cama ao invés do isqueiro? O passaporte de Vertygo!*

Boquiaberto – e não poderia ser diferente – diante de tamanhas casualidades, começava a conceber, crivelmente, que o obscuro lado desconhecido da vida, justificasse parte dos tantos mistérios inexplicáveis: *Não! Não pode ser! Seriam coincidências demais! Não sou nenhum excepcional matemático, mas a probabilidade disso acontecer, num único dia, e dessa exata maneira sequenciada, seria uma em duzentos trilhões talvez. Isso sem esquecer de que, passei o dia inteiro acompanhado por um taxista de prenome Messias. Messias origina-se do hebraico Mashiah e quer dizer ungido. Tem ampla conotação com o sagrado e quer dizer também, pessoa à quem Deus comunica algo de seu poder ou autoridade. Sendo assim, passei o dia inteiro ao lado do porta voz de Deus, e nem sequer me dei conta disso...* – lamentou-se profundamente, por ter se mantido cego e obcecado em suicidar-se, sem ter percebido, nem mesmo escutado, os concisos gritos que a vida lhe dava. Demonstrando-lhe, explicitamente, reservá-lo ainda algum propósito antes da morte.

Por conseguinte, na medida em que o conjunto das imponderáveis eventualidades ocorridas – embora subjetivas – mostrava-se cada vez mais claras, nítidas e óbvias, enquanto reunia todas as peças daquele domingo, encaixando-as devidamente como um quebra-cabeça simétrico e harmonioso, relembrou instintivamente, parte da antiga teoria da Sincronicidade, desenvolvida pelo psiquiatra e analista suíço *Carl Gustav Jung*: "Nela, acredita-se que nada acontece por acaso, e o universo é um lugar inteligente, que promove conexões entre tudo e todos. Acredita-se – mesmo sem comprovação científica – que estamos unidos numa grande teia invisível de acontecimentos, fatos, encontros, desencontros, e situações inusitadas, que trabalham em silêncio para um propósito maior do que simples casualidades".

Vendo-se envolvido por arbitrárias ligações, sentindo-se inoperante diante de uma magnitude maior do que a sua própria vontade, e testemunhando com provas invisíveis – embora indubitáveis – a prevalência verídica do "princípio de conexões acausais", desgrudou a piteira dos lábios e concluiu convictamente fascinado: *esse tal de Jung era mesmo um visionário!* – mas, mesmo através dessas obviedades heterogênicas, algo dentro dele, fez-se suficientemente capazes de reascender, pela primeira vez, depois de muito tempo, uma única vontade – racional ou intrigante – contraditória ao fatídico e funesto intento de matar-se. E duelando contra a eminente ânsia pelo próprio final, prevaleceu um considerável motivo de manter-se vivo por mais alguns dias. Afinal, se o suicídio já era um fato quase que peremptório, não hesitaria em procrastiná-lo para interpretar e compreender – ainda que parcialmente – quais mistérios escondia-se por de trás daquele obscurecido enigma no qual se

via rodeado. Então, apesar da irredutível certeza de pôr-se fim, não mais o desejava tão prematuramente assim. Ou pelo menos, não mais, antes de conhecer os segredos de Vertygo, e desvendar o que a vida havia lhe reservado por lá...

CAPÍTULO 10

Grande Suíte Braziliana Premium Luxo.
Segunda-Feira – 02h 37min.

AFLITO, SEM SABER AO CERTO POR onde começar – nem como proceder para desmantelar todos os vestígios daquele espalhafatoso culto em torno de seu final, passou a espreitar como se desfaria de todos os rastros*: primeiro, retornarei imediatamente para casa, antes que alguém desconfie de alguma coisa. Em seguida, rasgarei a carta escrita aos meus pais, na qual atesto toda minha intenção, e confirmo parte do meu plano; preciso apagar aquele estranho e mórbido recado de despedida, que tomado por ligeiro impulso, gravei na* secretária eletrônica*. Não posso jamais esquecer de desprogramar no aparelho de som, a canção de* Billie Holiday*, programada para tocar por dias consecutivos; preciso dar um jeito, inventar uma desculpa qualquer, para tomar de volta todos os presentes das mãos de Messias e guardá-los devidamente para minha volta. Isso é, se eu realmente decidir voltar. Apanharei algumas peças de roupas, arrumarei as malas; preciso também conseguir algum empréstimo financeiro para depois passar numa loja cambial e converter todo esse dinheiro emprestado por Euros.*

Aspirou fortemente até travar-lhe a garganta com bastante porção da fumaça do tabaco. Pensativo, seguiu bochechando-a e saboreando-a em movimentos sincronizados, entre os dentes e as membranas bucais. E, enquanto expirava lentamente, através da protuberância dos seus lábios, toda fumaça armazenada dentro da boca, lembrou-se daquilo – que talvez – viesse a ser o mais constrangedor em todo processo de desativação dos feitos: *mas com que cara agora, telefonarei para aquele vendedor, que sequer tomei o nome, do Grupo Funeral Paulistano? Como depois cancelarei todo aquele aparato do meu próprio funeral? O que lhe direi? Direi mentirosamente que desisti de morrer? Ou afirmarei ter apenas protelado o meu suicídio por mais alguns dias, porque resolvi repentinamente e por razões ocultas, fazer uma viagem para conhecer uma secreta ilha grega? Acreditá-lo-ia em* sincronicidade*? Aliás, quem, além de mim, acreditaria incontestavelmente nessas "coincidências significativas"?*

Ergueu-se, enfim da poltrona, retirou o Komboloi, colocando-o abaixo da claridade luminosa provinda da lâmpada do abajur. Bateu sutilmente e de modo emborcado o Savinelli sobre a cômoda de madeira, retirando todo fumo de dentro do fornilho do cachimbo, antes de guardá-lo. Cuidadosamente, pôs o isqueiro de volta ao mesmo estojo acrílico, e recolocou, providencialmente, toda aquela sua emergencial parafernália ritualística dentro da mesma pequena sacola da *Tabacaria Lenat*. Coagido por uma animosa empolgação, meio a coesiva possibilidade de desvendar dentro da misteriosa ilha de Vertygo, fragmentos do elo perdido de seu destino, resolveu telefonar imediatamente para o aeroporto.

Apressado, deslocando o ponto de apoio de um pé para o outro, dirigiu-se em passos firmes e decididos até o *Room Office*. Destemido, apossou-se resoluto do aparelho telefônico, e, à medida que dedilhava cadenciadamente os números, passava a desfrutar de uma prazerosa sensação de viver. Porque, embora o desajuste fisiológico do seu corpo permanecesse cronicamente depressivo, aquelas surpreendentes descobertas, intrigantes e místicas, causava-lhe um imenso bem-estar momentâneo, propiciando uma imensurável motivação de persistir vivo...

– Aeroporto internacional de São Paulo, Berenice, bom dia! – dizia-o uma atendente do outro lado da linha. Enquanto conduzido pelo hábito, sempre que ouvia um novo antropônimo, instintivamente, seguia fazendo alusão do nome com a sua origem: *Berenice deriva-se do grego, e quer dizer portadora da vitória. Não pode ser! O mundo está de conchavo comigo!* – Pensava consigo mesmo, antes de revelar prontamente sua intenção. Era como se o universo inteiro, passasse a ter uma ligação, um sentido, um simbolismo. Cada vez mais embasbacado com tamanhas casualidades interligadas, atingiu o ápice dos seus delírios, cogitando a absurda possibilidade, daquela atendente de prenome Berenice, também fazer parte dessa trama conspiratória. No entanto, preferiu dissimular, mantendo-se cético e agindo naturalmente. Afinal, poderiam ser – embora muito improváveis – apenas interpretações distorcidas, ou quiçá, meras eventualidades coincidentes:

– Bom dia! Eu preciso viajar imediatamente para Grécia e gostaria de saber quais seriam os próximos voos disponíveis – resumiu-se a enunciar.

– Aguarde um minuto senhor! – respondia a portadora da vitória, enquanto conferia, cuidadosamente, as diminutas opções de itinerários, daquele roteiro solicitado. Sendo informado sobre a não existência de um voo direto de São Paulo para Grécia, procurou tomar

conhecimento sobre todas as companhias aéreas e suas diferentes rotas, escalas e conexões, e, por impulso e urgência pessoal, optou em reservar o voo LH503 da Lufthansa. Assim, sem muito adiamento, com embarque previsto às 18h35min, através do Aeroporto Internacional de Guarulhos (GRU), partiria naquela segunda-feira, fazendo jus a sua azáfama. Após duas conexões na Alemanha, passando-se vinte e três horas e dez minutos, considerando-se o fuso horário de mais cinco horas, desembarcaria em Atenas (ATH) aproximadamente às 22h45min da noite de terça-feira.

– Em nome de quem devo registrar essa passagem senhor? – questionava-o a eficiente atendente, desejando dar seguimento e formalizar todo o processo de reserva do voo.

– Lukas de Castro. Lukas com **K** – respondia, vangloriando-se novamente pela letra **K**. Que, embora irrisória, naquela altura, voltava-lhe a ser inexplicavelmente significativa.

Consolidado essa primeira parte de seu novo plano, desligou o telefone bastante entusiasmado. Com impaciência de aguardar tranquilamente os primeiros raios de sol, consumando o novo alvorecer; eufórico para iniciar rapidamente a reestruturação, o desmanche e os reparos dos feitos lúgubres. Sem levar em consideração que era quatro horas da manhã, esbaforido, resolveu telefonar logo para seu amigo taxista. Retirou então, no fundo do bolso direito da sua calça preta, dobrado e amassado, aquele mesmo cartão – que Messias havia lhe entregue – contendo todos os seus contatos pessoais: desde números telefônicos, e-mail, fax, inclusive a placa do seu táxi.

Eu que havia guardado este cartão somente para não ser descortês ou deselegante, porém convicto de que nunca precisaria telefonar-lhe algum dia... Eu que jurei jamais tornar a ver aquele taxista... Essa vida é mesmo um obscuro labirinto imprevisível – refletiu só, relembrando das proféticas palavras de Messias, no exato momento em que se despediram na frente do hotel: “Assim que o senhor souber o dia e a hora de sua viagem, não hesite em telefonar-me para levá-lo ao aeroporto”. *Parece que este porta voz de Deus sabia mesmo das coisas* – vagueava mentalmente pensativo. E mesmo presumindo-se a obviedade, de que Messias certamente estaria dormindo àquela hora, não resistiu em ligar. Afobado, ouviu tocar uma, duas, três, quatro... Até que no quinto toque, atendeu uma voz assustada, com aspereza na fala, e com embargo nas cordas vocais – natural de quem estava sendo bruscamente acordado:

– Alô! – falava um homem do outro lado da linha, engasgando-se na secura da saliva noturna, atordoado no breu da escuridão do seu quarto. E com o sono violado, o coração palpitante, indagava ao mesmo tempo num sobressalto desorientado, de quem nada compreendia:

– Quem fala? Quem fala?

– Sou eu Lukas! Messias é você? – escutou uma respiração ofegante suspirar fundo, soprando-lhe ao ouvido, um expirante ar de alívio:

– Sou eu sim, senhor! – confirmou-lhe, recompondo-se do susto, e com a garganta semiobstruída.

– Desculpe-me, telefonar-lhe a essa hora, mas preciso novamente de você.

Aturdido, o motorista pensou por impulso em questioná-lo: "que horas seria". Contudo, cogitando o aspecto lucrativo que poderia rendê-lo mais um dia ao lado daquele excêntrico passageiro, venceu rápido, os sentidos da sonolência. Serpenteou suas deveras indignações, e conseguiu – por conveniências – agir com a sua maleabilidade habitual:

– Sem problemas senhor! Mas, do que precisa exatamente?

– Lembra que se prontificou a levar-me ao aeroporto, assim que eu soubesse o dia da minha viagem?

– Perfeitamente!

– Pois Bem. Irei viajar hoje à tarde. No entanto, tenho ainda algumas pendências para resolver e precisaria muito que me buscasse aqui no hotel agora. Algum problema? – e antes de ouvi-lo responder, relembrou dos presentes:

– Ah! Traga-me, por favor, aquelas encomendas, pois resolvi entregá-las somente na minha volta.

Embora pré-julgasse, a atipicidade comportamental daquele sujeito fora dos padrões, aproximando-se cada vez mais em seu íntimo, de sentenciá-lo com o veredicto de um louco desvairado, não criou nenhum tipo de empecilho, muito menos se importou em saber os motivos das suas repentinas mudanças de plano. Afinal, se a insanidade psíquica de Lukas,

era fato quase indisfarçável, em contrapartida, o visível desapego ao dinheiro, convencê-lo-ia das supostas vantagens financeiras.

– Dentro de mais ou menos meia hora estarei ai – confirmava Messias, à medida que já se levantava prontamente do frio de sua cama. Em seguida, tomou uma ducha fria para despertar, explicou para sua esposa os motivos daquela súbita e incomum saída, arrumou-se rápido, colocou a gargantilha de diamantes, o relógio Bvlgari, e o vestido de Beatriz no banco traseiro de seu táxi, e deixou sua casa na Avenida Celso Garcia, próximo a Estação Brás. Professor De Castro – por sua vez – pressentindo que nada mais lhe restava a fazer dentro da imensidão daquela Suíte, desligou a música, apanhou a sacola da *Tabacaria Lenat*, enleou cuidadosamente o Komboloi em seu pulso esquerdo, prendeu os óculos escuros na gola de sua camisa, e, sem olhar novamente para aquela sacada ao lado da sala de estar de onde ensaio se jogar, bateu a porta e saiu. Trancafiando ali dentro, suas mortuárias vontades afobadas de desvendar o "pós-vida".

Depois de tomar um daqueles quatro elevadores panorâmicos, e descer até o majestoso *Atrium Lobby*, teve a buliçosa curiosidade em espiar, pelo canto de olho, se o seu desafeto – por implicância linguística – permanecia ali por baixo. Todavia, antes de sair para aguardar Messias ao lado de fora do Hotel, surpreendeu-se mais uma vez ao constatar que, ao invés do tal indesejado Raimundo, quem o substituía, passando a ditar as ordens na recepção, era um senhor alto, de cabelos grisalhos e com o mesmo fardamento personalizado. Porém, estampado em seu crachá, uma peculiar e significativa diferença no nome escrito, elevava cada vez mais suas intrigas pessoais*: Diógenes... Diógenes... Diógenes também se deriva do grego, e quer dizer gerado por Deus* – vendo-se em torno de tamanhas similitudes sagradas, sentia-se intimamente contente. Levando-se a ampliar aquela crença, de que o universo inteiro ao seu redor, através de perceptíveis sinais, tentava de todas as formas, dissuadi-lo daquela mórbida perseguição pelo próprio fim.

Inevitavelmente, o ímpeto pertinaz em desvendar aquilo tudo, tornava-se muito mais preponderante do que, aquela ensandecida vontade de encontrar a morte [...].

CAPÍTULO 11

Frente do Hotel Maksoud Plaza.
05h 15min.

– **BOM DIA! DESCULPE ACORDÁ-LO** – dizia Lukas sem constrangimento algum, com manchas lívidas e fundas nas pálpebras inferiores, enquanto entrava pela porta dianteira do táxi, recobrindo a vermelhidão dos seus olhos insones, com apropriados óculos escuros.

– Não se preocupe! Este é o meu trabalho! É o que faço e estou acostumado. E garanto: o senhor não chegou sequer próximo de ser um dos passageiros mais inconvenientes que transportei – correspondia-o Messias com brincadeira, omitindo seus aborrecimentos e buscando fazer com que aquela troça, diminuísse um pouco do clima denso e maçante do inicio de manhã, de uma tediosa segunda-feira.

– Para onde iremos?

– Primeiramente para a minha casa. Lembra-se daquele lugar de onde lhe acenei ontem?

– Sim! Claro!

O sol parecia querer voltar a brilhar, mostrando-se timidamente resplandecente em meio à brisa e o plúmbeo céu vaticinando, depois de muitos dias, uma bela manhã desanuviada, coincidentemente sincronizada aos novos anseios e desejos do professor. Rapidamente deixaram a Alameda Campinas, dobraram a direita da Alameda Ribeirão Preto, contornaram a direita da Alameda Joaquim Eugênio de Lima, tomaram mais dois ou três quarteirões, e, sem congestionamento algum, passaram livremente ao lado da Estação Vila Olímpia. Chegando por fim ao Morumbi, em pouco mais de dez minutos.

– Importa-se em subir comigo? – questionou-lhe Lukas, presumindo que levaria longos minutos para fazer e desfazer tudo: reuniria todos os seus pertences numa mala,

procuraria pelo seu passaporte, e desarticularia todos aqueles esmiuçados rastros deixados na elaboração meticulosa de sua morte. Messias, sem pestanejar, estacionou devidamente o carro, retirou os presentes no banco traseiro, e caminharam juntos em direção da entrada principal do prédio.

– Seu Castro?! Bom dia! – escutava-se ecoar de dentro da guarita, antes de abrir-lhes o portão, uma voz num tom surpreendido.

– Como vai seu Afonso? – cumprimentava-lhe Lukas, fazendo mecânicas referências onomásticas*: Afonso deriva-se do Teutônico, e quer dizer guerreiro preparado... Será que ele faz parte de toda essa maquinação pairada ao meu redor?*

– Eu pensei que jamais tornaria a revê-lo, que se mudaria ou viajaria – confidenciava-lhe o porteiro, interrompendo sem saber, seus devaneios linguísticos.

– Eu também seu Afonso – respondia rindo sozinho, daquela piada unilateral, que somente ele poderia compreender o verdadeiro sentido procedente. Embora já soubesse que viajaria para um itinerário diferente e distante do céu ou inferno que pressupôs transitar, fez questão de reafirmá-lo com certa solidez:

– Irei viajar sim! – confirmou-lhe seguramente, continuando com suas explicações entreabertas:

– Porém, não mais para o mesmo lugar ao qual imaginei ir anteriormente.

– Entendo. Essa vida é assim mesmo, imprevisível e cheia de surpresas – dizia-o mediante suas experiências pessoais e suas crenças evangélicas. Complementando com misturas de profecias bíblicas e otimistas doutrinas filosóficas cristãs:

– Mas não se preocupe seu Castro. Deus sempre opera e intercede por nós. Tudo ocorre e ocorrerá no mundo do melhor modo possível. Mesmo que na maioria das vezes ou em grande parte delas, não possamos compreender, aceitar, nem desvendar isso.

Enxergando menos descoloridos, e mais significados em torno de si, Lukas assimilava com bastante atenção àquelas belas entrelinhas. Pareciam-lhe novos sinais divinos, palavras introjetadas, e provindas do próprio sagrado. Era como se aquele humilde porteiro passasse a

fazer parte contígua do “princípio de conexões acausais”. Sentia na pele, e na alma toda veracidade daqueles ditos:

– Você está coberto de razão – afirmou-lhe, pensando com plena convicção: *sou a prova viva disso! Parece que ele sabe de alguma coisa. Parece que essas palavras foram implicitamente direcionadas a mim...* – deliraria vagarosamente para mais e mais distante se não tivesse observado a imobilidade de Messias ao seu lado, mesmo sobre forte veleidade, resolveu não protelar mais a atrativa conversa:

– Tenha um bom dia seu Afonso! – desejou-lhe profundamente, entretanto, sem aquela resposta quase automática: “o senhor está lá no céu”. Talvez por pressa, esquecimento, ou por vivamente impressionado, passar a sentir-se mais distante, do espaço ilimitado onde se movem os astros, e para onde ambicionou precocemente ir.

– Os senhores também! – retribuiu o porteiro educadamente para os dois, a medida que ambos deixavam a guarita, passavam pelo Hall do prédio e tomavam o elevador para o quarto andar.

Messias nada entendeu quando Lukas, com chaves na mão, deu duas voltas na fechadura, abriu a porta de seu apartamento, e convidou-lhe para entrar. Não por verificar alguma espécie de desordem, dentro daquele pequeno quarto e sala. Muito pelo contrário. Entrevia, um cenário arrumado, limpo e não muito condizente para um homem solitário. Intrigava-se mesmo era com a morbidez de uma canção de Jazz, que se ouvia meio de longe, provinda de algum outro lugar ali por dentro, propagada acusticamente pelo estreitamento do corredor e amplificada pelas janelas fechadas. Contudo, sem desconfiar do quão simbolismo existia enrustida por de trás daquela música, sem imaginar a infinidade funesta que havia sido enclausurada em intenções ali dentro, não recusou o convide educado de seu passageiro:

– Aceita tomar um café comigo?

– Claro! Muito obrigado.

Sentaram-se em uma mesa da cozinha e compartilharam do improvisado desjejum: café solúvel com leite em pó, torradas com geleia de amora e algumas fatias de queijo branco com goiabada. Conversaram futilmente – por breve instantes – sobre coisas de pouca ou nenhuma importância. Ao final, açodado e ansioso, De Castro pediu licença e levantou-se ressaltando:

– Irei arrumar as coisas. Sinta-se à vontade.

– Obrigado!

Sem perder mais tempo, escovou os dentes, pôs pouco perfume, escolheu algumas peças de roupa, colocando-as aleatoriamente numa tradicional mala de viagem. Procurou – e por sorte logo encontrou – perdido numa das gavetas do armário o seu passaporte, pospondo-o devidamente junto aos outros documentos na carteira. Em seguida, agindo com discrição e destreza: desprogramou o som, apagou o enigmático recado na secretária eletrônica, desfez-se daquele triste bilhete de despedida, escondendo-o dobrado entre as páginas de uma bíblia sagrada. Por fim, recolocou o Komboloi no bolso da calça jeans que vestiu, e retornou ligeiramente para sala:

– Vamos? – questionou a Messias, mostrando-se ligeiramente pronto, com bagagens em punho. Manifestando irrefletida pressa.

– O senhor é quem manda!

CAPÍTULO 12

DEZ PARA AS OITO DA MANHÃ. Saíram pela mesma porta por onde entraram. Animado diante o conjunto de imprevisibilidades porvindouras, Lukas, sequer contemplou com saudosismo, lamúrias ou reflexões para dentro do seu conturbado mundo – aprisionado dentro daquelas quatro paredes. Desceram pelo elevador, despediram-se de Afonso, caminharam para o carro, ajeitaram cuidadosamente no banco traseiro a pequena mala de viagem, e partiram rumo ao *Grupo Funeral Paulistano*.

O fluxo ritmado dos veículos transitando pelas ruas paulistanas, começava a dificultar paulatinamente o tráfego, promovendo indesejáveis engarrafamentos. Por contrapartida, a hábil experiência de um bom taxista, faria a notória diferença. Conhecedor apurado da cidade, e já acostumado com aquele trânsito caótico, driblou o confuso amontoado de carros estagnados em vias e sinaleiras, improvisando sabiamente alguns atalhos: dobrou à esquerda da Avenida George Saville Dodd, cortou caminho pela Rua Aleutas, tomou à Avenida Prof. Francisco Morato, seguiu por mais duas ruas alternativas, e em poucos minutos chegou à Avenida Eusébio Matoso. Todavia, não conseguiu, durante todo percurso elaborado, em nenhuma curva por onde passou, ou em alguma estação de metrô ficada para trás, abandonar do lado de fora do carro, sua incivil bisbilhotice:

– Resolveu cancelar o funeral do seu amigo?

– Na verdade não! Digamos que irei apenas ajustar alguns detalhes – engabelava-o, desprovido de certezas, ao passo que batia a porta dianteira do táxi, e descia cabisbaixo em direção ao acesso principal do Grupo Funeral Paulistano.

– Bom dia! Lembra-se de mim? – perguntou desajeitado e retraído ao mesmo vendedor, que com expressão facial impressionada, retrucou-lhe assustado:

– Como poderia esquecer-se de alguém que encomenda o próprio enterro?

– Entendo! É que... É que... – ensaiava com tartamudez fônica suas dúbias e imprecisas explicativas.

– Desistiu de matar-se? – buscava interpretar a obscura intenção, fazer cessar a gagueira, e desvendar os novos anseios insólitos daquele macabro cliente.

– Mais ou menos – dizia Lukas mal jeitoso, sem saber precisamente por onde daria início para explicar o inexplicável.

Mais ou menos? Como alguém pode mostrar tamanho desdém quando o que está em questão é a sua decisão de viver ou morrer? – pensava o vendedor, sem conseguir de maneira alguma disfarçar as feições boquiabertas dum semblante pasmado. Professor De Castro, pressentindo por claras obviedades, que nenhuma justificativa tornaria aquela situação inteligível, optou – mesmo confuso e sem argumentos – em principiar de qualquer jeito, a desarticulação do seu funeral. Contudo, apesar do embaraço, por influência do hábito, começou educadamente pelo trivial:

– Eu estava tão perdido ontem, que sequer procurei saber o seu nome.

– Eraldo!

– Bem Eraldo! Imagino que não seja lá algo tão comum assim alguém vir aqui ainda vivo para comprar o próprio enterro.

– Confesso-lhe jamais haver visto, ou mesmo escutado falar em nada igual! – replicou-lhe o vendedor laconicamente. Porém, acumpliciando-se da incerteza visível daquele suicida, achou por bem, garantir-lhe novamente:

– Mas, conforme lhe prometi, não efetivei sua compra – assegurou-o, e continuou com afabilidade:

– Nunca passou pela minha cabeça a absurda ideia de matar-me. Ao menos não de forma concreta. Mesmo assim, desconfio ser uma decisão conturbada, dolorosa e sofrida. Imagino que o senhor possua suas razões, seus motivos e suas crenças. No entanto, mesmo sem conhecê-lo, ficarei imensamente feliz por todos os seus parentes e amigos, se resolveu tomar outra decisão.

– Muito obrigado! Na verdade, sinceramente, nem sei mais o que desejo para mim. Mas, por agora, não pretendo e não posso morrer. Não antes de desvendar alguns mistérios que surgiram de repente.

Eraldo nada quis saber sobre os dramas que atordoavam Lukas, tão pouco se interessou em decodificar os abruptos mistérios que o fizeram retroagir, muito menos se entristeceu pela boa comissão que perderia – mediante o cancelamento daquela dispendiosa compra. Ao contrário, sentiu-se relativamente afortunado. Afinal, de alguma maneira, não compactuaria – mesmo indiretamente – de algo tão macabro, tétrico e sinistro. Professor De Castro, mais aliviado e menos constrangido, atenuava parte dos seus embaraços, desencaixando ali, mais uma peça maquinada na construção do seu umbroso intento impulsivo de pôr-se fim.

Parcialmente regozijado, retornou ao táxi, e, antecipando-se a pergunta que certamente estaria por vir, com maior brevidade foi logo dizendo:

– Preciso ir agora à Avenida Paulista...

– Sim senhor! – respondia-lhe Messias, acionando a ignição, engatando a marcha e dando ligeira partida no carro. Entretanto, dessa vez, nada adiantaria toda a sua perícia e destreza no volante. Não teria como e nem por onde, desviar-se do extenso engarrafamento que se prolongava da Avenida Rebouças à Rua da Consolação, compelindo-os a fazer os breves seis quilômetros, em mais de trinta e cinco minutos.

CAPÍTULO 13

PARADOS EM UM DELIMITADO estacionamento, frente à parte dianteira da agência bancária, "o porta voz de Deus" permaneceu sozinho em seu táxi, enquanto o seu incomum passageiro, em largas passadas, atravessava o extenso calçadão urbanístico da Avenida Paulista, entrava por uma porta giratória de vidro, e saudava vigorosamente uma recepcionista:

– Bom dia!

– Bom dia! Como posso ajudá-lo?

– Preciso muito de um empréstimo – respondia com presteza, sem embromações, e sem rodeios de palavras. Mesmo afoitamente direto e esbaforido, respirou fundo, conteve sua urgência, e reiniciou pela sua mania obsessiva com os prenomes:

– Qual o seu nome?

– Eliane. E o seu?

– Prazer Eliane! Chamo-me Lukas de Castro. Lukas com **K** – enfatizou a letra **K**, e prosseguiu confidenciando-a outra vez, sobre suas reais necessidades:

– Sabe Eliane?! Preciso muito desse empréstimo. Tenho certa pressa... Irei viajar ainda nessa noite...

– O senhor possui conta nessa agência? É nosso cliente? – interrompia-o brevemente.

– Sim!

– Ótimo! – entoava a ressalva de uma vantagem, explicando em seguida:

– Sendo nosso cliente, facilitam-se os trâmites, diminuem-se as burocracias. Pode inclusive negociar diretamente com o Sr. Dário – concluía as abreviadas informações, ao tempo em que apontava na direção dum sujeito engravatado, bem-apessoado, sentado atrás de uma enorme mesa revestida por empilhamentos de papéis, e uma visível placa acrílica branca,

escrita em caracteres nítidos, num tom de vermelho bastante legível: Dário - Gerente financeiro.

Dário... O nome Dário origina-se do grego, onde quer dizer o rico, o poderoso. Quão perfeito antropônimo para um gerente de banco! – constatava Lukas em seus intempestivos pensamentos. Relembrando instintivamente de todos os outros nomes, fortuitamente transitados pelos seus novos anseios: *bem, se não estou equivocado, o vendedor daquela loja de serviços fúnebres, chamava-se Eraldo. E Eraldo, também se deriva do grego. Significando homem de origem nobre. Devo reconhecer que ele foi verdadeiramente nobre comigo* – extasiava-se mais e mais perante o conjunto presenciado de eventualidades interligadas, recusando-se ponderar sobre a triste probabilidade daquilo tudo não passar de simples coincidências:

Não pode ser! É óbvio que não podem ser meras casualidades! São múltiplos sinais divinos, acenos do desconhecido, telecomunicações do além – e, sem sedar suas fantasiosas impressões pessoais, atingiu o ápice do delírio, desconfiando como se todos ao seu redor – inclusive aquela atenciosa recepcionista – passassem a fazer parte contextual do seu mundo: *seu nome Eliane, da mesma forma dos outros, deriva-se igualmente do grego, e quer dizer sol, de beleza resplandecente. Tudo bem que ela não é lá, uma mulher tão bonita assim, muito menos reverbera tanto brilho quanto o simbolismo do seu antropônimo. Todavia, não deixa de ser mais uma incrível coincidência vinculada à Grécia... Algo me impulsiona e me move para Grécia, para Vertygo. Não posso evitar, nem fugir disso. Preciso seguir minha intuição atrás desses sinais, e descobrir o que o destino me reserva por lá...*

Determinado, atuando com precisão resoluta sobre o que almejava, agradeceu a não resplandecente recepcionista e caminhou pelos poucos metros do carpete azul, que o separavam do único responsável pela aprovação do seu empréstimo. Mesmo intrépido, controlou-se para agir cautelosamente. Afinal, o êxito de sua ambição dependeria subordinadamente do incógnito universo de outrem. Animado e estático frente ao avalista

indireto de sua viagem, cumprimentou-o num tom amistoso, agradável e astuciosamente estratégico.

– Sr. Dário? – indagou-o, mesmo convicto de que ele seria realmente o Sr. Dário.

– Pois não? – correspondia-lhe num semblante cortês. Mostrando-se prontamente aberto para ouvi-lo.

– Preciso muito conversar com o senhor. É sobre um possível empréstimo...

– Claro! Sente-se por gentileza. É nosso cliente?

– Sim! – e bastou professor De Castro confirmar que era cliente do banco, para tudo proceder na mais perfeita harmonia. Sr. Dário iniciava então todas as formalidades. Explicando-lhe sobre as diversas vantagens, os mais variados benefícios. Ofereceu-lhe café, chá e água, enquanto salientava sobre as baixas taxas de juros disponíveis restritamente, para os que ali possuíssem contas. Seguidamente, entregava-lhe em mãos um contrato, questionando-lhe sobre a finalidade do dinheiro, o valor pretendido, e em quantas prestações tencionava quitar a dívida.

Mesmo sem absoluta noção quantitativa – referente ao dinheiro que se faria necessário naquela imprevisível viagem – não resistiu em solicitar o maior valor possível. Afinal, estava explícito, transparente e muito bem expresso, destacado em uma das cláusulas contratuais, que em caso de qualquer tipo de morte, a dívida seria obrigatoriamente amortizada. Para sua felicidade, aquela promissora segunda-feira, em nada se assemelhava ao conturbado dia predecessor. As coisas seguiam condizentes, em conformidade simétrica, com suas ansiosas expectativas: sem contratempos, dúvidas ou empecilhos, assinou e rubricou entusiasmadamente, página por página de toda documentação protocolar necessária. Desatando ali mais um embaraçado nó na volubilidade de suas antecessoras vontades.

– Dentro de mais ou menos duas horas, esse dinheiro estará disponível em sua conta – asseverava-lhe o gerente.

– Muitíssimo obrigado! – exclamava Lukas, superlativando sua gratidão. Sentindo-se absolvido pelo hediondo crime não cometido contra si mesmo, ergueu-se intimamente feliz da cadeira, desfrutando de sensações, até então adormecidas, retornou mais ressuscitado ao estacionamento.

Passava do meio dia e, embora tivesse tempo suficiente para findar e reverter alguns afazeres incompletos, com redobrada pressa e incontrolável empolgação, pediu para que seu amigo taxista levasse-o somente para almoçar, antes de seguir direto ao aeroporto. Por conveniência, não muito se distanciaram da Avenida Paulista. E nas adjacências da Rua Barão de Capanema, degustaram um saboroso escalope de vitela à milanesa, tomaram uma garrafa de vinho tinto e conversaram futilidades no agradável terraço do Bistrô do Charlô. Logo após, sem mais nada o que fazer, enfrentaram com sofreguidão, no vagaroso trânsito daquele horário, os trinta e cinco quilômetros para Guarulhos.

– Quando retorna? – interrogava Messias, enquanto estagnava seu carro, após morosas duas horas na condução.

– Não sei exatamente – afirmava-lhe De Castro com a categórica franqueza de quem não mais poderia dispor de alguma idealização precisa sobre seu futuro. Sem sequer arriscar prever, se tornaria ou não a revê-lo, passando a considerar tudo possível e mutável, supersticiosamente, preferiu seguir acatando a teoria da Sincronicidade:

– Pode ser que logo eu volte, pode ser que demore um pouco, pode ser inclusive que eu não volte nunca mais. A vida é mesmo repleta de incertezas, mistérios, e nem sempre, aliás, quase nunca, procede do jeito idêntico ao que esperávamos.

– Entendo!

– Mesmo assim, caso retorne, prometo trazer-lhe uma bela lembrança da Grécia. Você foi um grande amigo e uma agradável companhia.

– Muito obrigado senhor. Espero realmente que volte.

– Eu também Messias. Eu também...

– Faça uma boa viagem.

– Certamente farei a melhor de todas elas.

– Até mais ver senhor.

– Adeus! – despediu-se, batendo a porta traseira daquele táxi pela última vez.

Avivado por intrigas, quanto aos novos mistérios enigmáticos do seu destino em Vertygo, caminhou ansiosamente por quase todo saguão térreo do Aeroporto Internacional de Guarulhos, entrou na agência do Banco Safra S/A, retirou de sua conta todo o dinheiro já disponível pelo empréstimo solicitado e, sem maiores complexidades, preencheu um formulário contratual de câmbio, convertendo todo o dinheiro para Euros. Mesmo sob forte entusiasmo, após deixar a agência bancária, teve ainda o cuidadoso zelo de telefonar para sua mãe, fantasiando uma esfarrapada mentira para encobrir sua repentina viagem, iludiu-a de que passaria alguns dias no litoral paulistano, acompanhado por um grupo de amigos.

Com ausência de toda ou qualquer tipo de opressão, retirou o Komboloi do bolso de sua calça, enroscando-o em seu pulso esquerdo. Posteriormente, com independência e autonomia, seguiu até um guichê, apresentou seu documento de passaporte, retirou o bilhete reservado, pagou o cartão de passagem, fez o check-in, despachou sua pequena bagagem, e, finalmente, às dezoito horas e trinta e cinco minutos, através do terminal de embarque 2-D, adentrou no devido voo LH503 da companhia aérea Lufthansa (...)

CAPÍTULO 14

Onze Horas Depois.
Frankfurt – Alemanha.

NÃO FEZ NADA DE EXCEPCIONAL durante as cinco diuturnas horas que teve de esperar para a conexão de aeronave, dentro da imensidão do Aeroporto de *Frankfurt*. Perambulou ociosamente de um lado para o outro, olhou vitrine por vitrine, subiu e desceu quase todas as escadas rolantes, utilizou o toalete em um dos pisos e, antes de embarcar no voo LH974, famélico, ousou pronunciar seu limitado conhecimento idiomático germânico, para pedir, no tradicionalíssimo restaurante *Schwarzwald Stübchen*, arroz de maçãs, assado de porco e batatas com manjerona. Em seguida, entretendo-se com intermináveis pensamentos variados, voando além das nuvens do lado de fora daquele enorme avião, sequer conseguiu sentir, passando despercebido em meio a tantas dúvidas, esperanças e otimismo, aqueles ligeiros sessenta minutos predecessores a penúltima parada em Munique.

Dezessete horas e alguns minutos duma exaustiva viagem, duas conexões na Alemanha, e nada, absolutamente nada, de cansaço. Disposto, experimentava apenas a afobação, a vontade e o incontido desejo de chegar logo a capital da Grécia. Disperso, sem coisa alguma para edificar, ou mesmo produzir, já no interior da vistosa modernidade arquitetônica do Aeroporto de Franz Josef Strauss, observou o cômico aglomerado de turistas no controle de passaporte, passeou alguns metros ao acaso, e após saborear uma xícara de café expresso na *Gosch Sylt*, no devido horário preestabelecido nos bilhetes, retornou ao setor de reembarque.

Aproximadamente quatro horas depois, sucedendo-se tudo sem inesperados contratempos, o voo LH3394, provindo de Munique, com o professor Lukas de Castro abordo, finalmente aterrissava na pista do *Eleftherios Venizelos*. Irrequieto, assistiu inerte da poltrona, concluírem todos os procedimentos de pouso. Mesmo com medíocres conhecimentos sobre aquele desconhecido país, sem saber articular vernaculamente nada naquele peculiar idioma, bastou desligarem as turbinas e abriram a porta para, intrepidamente,

ser um dos primeiros passageiros a deixar o aprisionamento do avião. Sem rumo – porém bastante arrojado – seguiu destemidamente em direção ao terminal de despacho das bagagens: apanhou sua pequena mala, e caminhou afobado em direção ao lado externo do nobre saguão do Aeroporto Internacional de Atenas.

Deslumbrou-se ao confrontar seus olhos com a beleza mística do estrelado céu ateniense. Enxergava mais que as visíveis montanhas e ruínas iluminadas ao alto do horizonte. Naquela pacata noite de terça-feira, via uma cidade sedutora, cercada de contos, lendas e mitologias de deuses, semideuses e divindades. Um lugar fascinante, com milênios de história. Pátria originária da política, da democracia, da medicina e da filosofia. Local onde nasceram as olimpíadas e surgiram as primeiras expressões artísticas e científicas da humanidade. E ali, solto naquela república do sudeste europeu, no berço da civilização ocidental, na fonte inesgotável de inspirações para pensadores, escritores e artistas, distante de todos, sentia-se energicamente de volta à vida. Era como se tivesse morrido e um novo mundo aguardasse unicamente por ele, e somente para ele pudesse ser revelado. Um mundo de recomeço, onde o que passaria a exercer valor e importância, seria tudo aquilo que estaria por vir.

Transcendeu a depressão, deixou para trás a tristeza, e o súbito anseio de morte, tornava-se uma cobiça secundária e cada vez mais imprecisa. Porém, enquanto excitava-se mais e mais com aquela sensação arrebatadora de renascença, sentiu uma mão tocar-lhe delicadamente ao ombro:

– Me synchoreite, xreiazomai ena Autokinito? – falava-lhe um sujeito desconhecido sem margem alguma para tradução.

– Desculpe, não entendo!

– Apo pou esastai? Miláte Anglika?

– Não lhe compreendo, não falo grego! Sou brasileiro! Entende?

– Oh! Sim, sim! És um brazilenho? Brasil, carnaval, futebol...

– Isso mesmo! Fala português?

– Um pouquito, um tiquinho! Perguntei donde és e se quieres táxi?

– Preciso chegar em Plaka.

– Pos se lene?

– Hã!? O que disse?

– Perdon! Como se chamares?

– Lukas de Castro. Lukas com **K**!

– Bien vindo lá Grécia senhor!

– Obrigado! Muito obrigado – agradeceu-o pela aparente receptividade e, sem conter sua mania pelos antropônimos, redarguiu-o:

– E você, qual o seu nome?

– Vassilis Moutsatsos!

– Como é que é? – indagou-o novamente num espontâneo semblante admirado. Não conseguindo omitir seu verdadeiro espanto de perplexidade.

– Vassilis Moutsatsos, seres esse meu nombre senhor.

– Ah sim!

_ Muito prazer Vassilas!

– Vassilis senhor, non Vassilas.

– Desculpe-me Vassilis. É que eu nunca ouvi falar em tal nome – e sem arriscar interpretar a etimologia, nem mesmo o significado daquele esquisito antropônimo, continuou com maior objetividade:

– Poderia levar-me para algum hotel em Plaka?

– Zertamente que sim! Eu conhecer uma porção deles. Siga-me!

Embora considerasse engraçado, o fato de sempre associarem a imagem do Brasil ao carnaval e ao futebol, sentiu-se mesmo foi aliviado. Afinal, mesmo improvisando uma

mistura de português com espanhol, aquele típico grego fazia-se de algum modo entendê-lo. O que possivelmente facilitaria as coisas, ao menos em referência à comunicação entre eles.

Caminharam juntos por um dos pavimentados estacionamentos do *Eleftherios Venizelos* até chegarem ao lado de um carro todo amarelo, com uma placa branca sobre o teto, escrito num tom de vermelho bem chamativo: *Ταξί.* E, embora não soubesse ler quase nada em grego, professor De Castro deduziu consigo mesmo o óbvio*: ταξί só pode mesmo significar táxi. Aliás, táxi é quase tudo igual em qualquer canto do universo. Mas, e quanto ao nome Vassilis? Será também que quer dizer porta voz de Deus como se traduz Messias? Faria ele parte dessa Sincronicidade? Teria enxergado o Komboloi, e seria o mentor da ilha secreta?*

O taxista, após guardar a sua bagagem na mala traseira, abriu-lhe a porta dianteira e convidou-o, educadamente, para entrar. Nesse instante, um cauteloso pensamento, surgiu o refreando*: creio eu, que jamais teria coragem de entrar num carro, com um sujeito estranho, em nenhuma outra ocasião* – todavia, a natural desconfiança se estaria ou não por fazer a coisa certa, sucumbia perante uma robusta sensação de poder. Era como se passasse a ser inatingível pelo mal e nada mais de nocivo pudesse lhe acontecer dali por diante.

– Seres essa sua primeira vez cá in Hellas?

– Hellas?!

– Hellas quieres dizer lá mesma coisa que Grécia.

– Ah... É sim, minha primeira vez!

– Pois bien, hoje serás miu convidado.

– Como assim?

– Deixa eu fazer las honrarias di meu país, ti pagando um dípno?

– Dípno?

– Perdon! Dípno seres jantar.

– Não, de maneira alguma. Não precisa! Além do mais, eu já jantei durante a viagem.

– Eu fazer questão. Tomares sumente una taça de krasí kókino ou una tulipa de mythos em mina companhia?

– Tomar o que?

– Krasí kókino seres uno delicioso vino tinto feito cá, e mythos seres nossa mpira, bira, cerveja... Entendeste?

Mesmo diante dum convite informal, incomum e relativamente perigoso, em momento algum ponderou recusá-lo. Embora a racionalidade metódica do seu bom senso mandasse, prudentemente, instalar-se num hotel antes de sair por aí peregrinando pela cidade desconhecida. Contrariando essa razão, seu íntimo gritava uma urgência de viver inconsequentemente cada minuto. Sentia-se mais que um simples andarilho desbravador, sentia-se um homem revivificado, sedento de respostas e ávido por descobertas. Portanto, não mais funcionaria tão previsível e pragmático como geralmente agia. Queria mesmo era agarrar aquela ocasião pela calva, e não perder tempo, para – antes de partir rumo à Vertygo – conhecer um pouco mais de perto, parte da tradição, dos costumes e dos hábitos daquele povo. Onde civilizações, culturas e épocas diferentes pareciam conviver contraditoriamente juntas. Desprovido de temores, e sem jamais imaginar o que estaria por acontecer, não hesitou em aceitar o convite. E conforme pregava o filósofo Heráclito de Éfeso: “As impressões dos sentidos são confiáveis”. Seguiu os seus instintos sensitivos:

– Está Bem. Vamos logo beber esse...

– krasí kókino senhor!

CAPÍTULO 15

REVELANDO-SE APRIMORADO ANFITRIÃO e aparentando excessivo orgulho por ser grego, Vassilis – naquele satisfatório portunhol – guiava seu taxi**,** explicando envaidecido sobre cada um dos principais pontos turísticos. Afeiçoado por História, sobretudo a greco-romana, professor De Castro, com a face do rosto quase toda voltada para fora da janela, fascinava-se diante do fabuloso contraste arquitetônico do velho com o novo: de um lado a permanência da antiguidade, revelada através de conservados restos arqueológicos, circulares anfiteatros, igrejas bizantinas e góticas, mercados helenísticos, muralhas erguidas anos antes de Cristo, esculturas em mármores, templos dóricos e ruínas pré-helênicas no topo de enormes morros. Do outro lado, o paradoxo do modernismo, evidenciado na reforma para voltar a sediar – cento e oito anos após terem-na inventado – as Olimpíadas de 2004. Presente em portentosos arranha-céus, bares, restaurantes e hotéis, espalhados pelos cantos do centro da cidade. Especialmente em volta da bela iluminação da Praça Omonoia, com sua majestosa fonte de água aos jorros, ou ao redor do arborizado e impecável Parque Nacional. Situado ao sul do elegante e suntuoso Prédio do Parlamento, com sua imponente fachada neoclássica voltada para extremidade dianteira da Praça Syntagma, e na frente do famoso Monumento ao Soldado Desconhecido.

Depois do breve *City Tour*, chegaram à parte inferior da Colina do Lykavittos (Colina dos Lobos). Abandonaram o carro na base do cerro e subiram por um plano inclinado, escavado dentro das rochas. Mesmo sem continuar a outra parte da subida (feita a pé), pararam na metade do trajeto, numa espécie de mirante, e ainda bastantes afastados dos mais de duzentos metros de altitude do cume, porém, a uma altura suficiente, na qual já se conseguia avistar grande parte daquela enfeitiçante paisagem da noite ateniense: preenchida por incontáveis prédios brancos e protegida por montanhas seculares, a cidade de Sócrates, Platão e Aristóteles, adormecia. Resguardada pelo caos de pontos celeste, mas abençoada pela claridade de uma lua cheia, brilhosa e mágica.

Emudecido, contemplando quase em lágrimas derramadas o esplendor daquele cenário, Lukas reconhecia cada vez mais a plenitude divina em sua essência e, no cerne do seu corpo, brotava uma vontade ensandecida de querer voar. Como se os extremos de seus

dois braços esticados pudessem, de uma só vez, abraçar junto ao peito, o embevecido visto pelos seus olhos. Ou como se a sua boca fosse capaz de engolir a imensidão daquela paisagem num único gole. Instintivamente, lembrou-se das lendas mitológicas que dizem terem os deuses e os grandes espíritos da arte, escolhido a Grécia para fixarem sua moradia eterna: *certamente as divindades fizeram a melhor e mais sábia de todas as escolhas. É realmente um lugar sagrado e único. Se por ventura, nada de tão especial encontrar em Vertygo, regressarei para matar-me daqui. Do cume alto dessa colina. Assim meu espírito deificará próximo a Zeus, Apolo, Dionísio, e, minha alma repousará eternamente à sombra de Hypnos, guardada pelos sonhos de Morfeu...*

– Tá cansado senhor? – interrompeu-lhe Vassilis, refreando seus recônditos e conclusivos devaneios.

– Nem um pouco. Além do mais, o que menos desejo agora é dormir.

Noites varadas planejando sua morte, recém-chegado de vinte horas de uma desgastante viagem, uma desconfortável perturbação mental, causada pelas cinco horas de diferença no fuso horário (Grécia-Brasil), mas, um vigoroso entusiasmo, tornava-o insopitavelmente bem disposto:

– Sabe Vassilis?!

– O quê?

– Devo ter adormecido por pelo menos quinze anos. Repousei por tempo suficiente não acha? – e pela primeira vez naquela noite, o grego desmanchava suas feições despreocupadas, para, sem conter o seu espanto, contorcer as sobrancelhas e replicar:

– Como disseres senhor? Como ser possível ficaste mais de vinte anos estando a dormir? Estavas a tá numa prisão todo esse tempo, foras detido por cometeres alguno crime? Ou estavas a tá doente, desmemoriado in profunda coma num qualquer hospital?

– É uma longa história e complicada de explicar. Mas não se preocupe, criminoso posso afirmá-lo que não sou. Pensei em cometer um crime sim! Um crime contra mim mesmo, e isso certamente não me levaria à prisão nenhuma, nem mesmo a lugar algum.

– Agora é que eu estas a entender mui menos. Como seres isso de crime contra si mesmo?

– Bobagem! Digamos que estive vivo em carne e morto em alma.

– Sei... Estavas a tá mui tristonho. Por isto vieres cá in Hellas?

– Mais ou menos... Não sou um viajante comum. Na verdade, eu vim aqui para pegar algo que me pertence.

– E o que teres cá que seres seu?

– Não sei ao certo. Vim neste lugar justamente para descobrir o que haveria de ser.

– Uno minuto! – refletia por segundos o grego, e conseguindo interpretar melhor parte daquele confuso desconexo, concluiu numa escandalosa gargalhada zombeteira:

– Eu entendi mui bien? Disseste que deixaste lo Brasil, las belas mulatas, lo futebol e lo carnaval, para vir cá in Hellas tomares algo que não saberes nem sequer o que ser?

– Exatamente! – asseverava-o, retribuindo as gargalhadas e achando graça na aparente falta de sentido daquela sua maratona peregrinante.

– Seres mei louco senhor?

– Se não sou, com certeza estou ficando.

– Então, serás mais uno dos meus tantos amigos doidos. Venhas, vamos celebrares sua nova vida, brindar noza loucura e selar noza amizade tomando alguma bebida numa boa taverna – decidia Vassilis, fazendo jus a toda fama conferida aos gregos: povo alegre, cordial, hospitaleiro, amantes da liberdade e demasiadamente festeiros.

A vida noturna, a todo tempo e em qualquer ocasião, é muito movimentada nas suas principais cidades e ilhas. Faz parte da cultura deles, a paixão pela música, pela dança, pela diversão, e, consequentemente, pelas bebidas. Não importa o dia da semana, é raro um grego, de qualquer idade, ficar em casa à noite. E talvez, para a pretensão deles, nenhum lugar viesse a ser mesmo tão apropriado, quanto aquele para o qual rumaram: o antigo bairro turco, Plaka. Também chamado de “vizinhança dos deuses”, é sem dúvida alguma, o local mais pitoresco e

boêmio de toda República Helênica. Coincidentemente, na mesma região na qual Lukas deveria permanecer até ser encontrado pelo seu mentor.

Em poucos minutos, a três ou quatro quarteirões da Praça Syntagma, passando por uma pequena vila de antigos casarios, com varandas e pátios decorados por jasmim e madressilva, estacionaram atrás dum conjunto de prédios velhos, sobrados e casarões. Seguidamente, prosseguiram a pé, caminhando por estreitas aleias repletas de cafeterias, lojas de souvenir, e escuras vielas apinhadas de gatos e cães lentiginosos. E, permeando os becos, calçadas e esquinas de Plaka, uma hipnótica consonância de acordes metálicos, fazia-se impossível de não serem escutadas. Propagando-se das bodegas ou orquestras de rua ao ar livre, eram os dedilhados ritmados e sedutores dos Buzukis: um instrumento musical que junto aos Toumberlekias, são quase obrigatórios em qualquer estilo da música grega, e o qual, não haveria de desfalcar, justamente, aquela animada taverna escolhida por Vassilis.

Dentro, a alegria mostrava-se muito mais contagiante: homens trajando preto, boinas de pescador e faixas na cintura, juntavam-se à mulheres com lenços e chapéus na cabeça. Todos dançavam em movimentos descompassados, acompanhados por gritos, aplausos e assobios. Por fim, ao término de cada canção, diferentemente das rotineiras quebras de pratos (proibido na maioria dos estabelecimentos), eram ovacionadas por uma linda chuva de pétalas de flores (nova maneira supersticiosa de espantar maus fluidos e desejar sorte). Mais ao canto, pouco afastado dessa fuzarca, alguns mais idosos dividiam garrafas de bebidas com a jogatina do gamão. Outros grupos formavam-se ao redor desses tabuleiros, e enquanto aguardavam as partidas subsequentes, desfiavam habilmente os rosários de cores dos seus kombolois, fazendo gastar o tempo de espera.

No centro daquela patuscada ruidosa, entre muitos bêbados e poucos sóbrios, o professor descortinou, numa linda mulher de pele alva, cabelos escuros, seios fartos e lábios encobertos por um fino véu de cor turquesa, um reconhecível amendoado olhar. Ela contorcia os quadris como uma ofídia venenosa, remexia a cintura pélvica como se prolongasse um orgasmo, e exibia sem pudor, o erógeno orifício do seu umbigo, trazendo-lhe uma estranha sensação de familiaridade. Delirou por instantes, como se todos sumissem dali, ficando apenas ele, a música e uma saudade inexplicável por aquela mulher: *como posso sentir tamanha saudade, se nem sequer a conheço? Como posso experimentar tanto ciúmes por ver outros homens desejando-a? Mas, esse corpo, esse amendoado olhar, esse jeito, esses seios...*

Tudo nela parece-me tão familiar... Quanta saudade! Que vazio! Que dor no peito! Eu poderia jurar...

– Lukas! O que quires beber? Lukas! Lukas! – despertava-o Vassilis, notando que ele viajava para muito além da mesa na qual sentaram.

– Desculpe-me amigo, eu estava um pouco distraído.

– Sei...Pra non dizer muito. Non?

– Como assim?

– Estavas era a tá olhando para las curvas de Eletra.

– Eletra?

– Lá bela moça di véu azul para qual tu non paras de olhara.

– Como sabe?

– Ora meu senhor! Pero simples facto de que quase todos hombres que cá vem, fazem la mesma coisa. Sempre olham para ela. E até donde sei, tu também seres hombre. Não?

– Mas é que senti uma coisa diferente, uma intriga de conhecê-la, de tê-la vista anteriormente. Ela se chama Eletra? É grega?

– Maria Eletra Di Afrodite. Seres una legítima grega, filha del Yiannis Aphros. Uno famoso padre de Plaka que largou la igreja ortodoxa para viver com una ex-libertina. Compreende?

– Espera só um minuto! – pausava-o, a fim de digerir melhor toda aquela informação: *Maria Eletra Di Afrodite... Maria Eletra Di Afrodite... O prenome Maria vem do hebraísmo. Quer dizer senhora, soberana. Eletra origina-se mesmo daqui do grego Elektra, e se bem recordo, significa resplandecente. Mas Afrodite? Afrodite vem da mitologia: nascida do mar, e é conhecida como a deusa do amor, do sexo e da beleza corporal. Nada adequado para uma filha de padre* – reflexionou correlacionando os antropônimos, antes de asseverá-lo:

– Compreendi! Quer dizer então que ela carrega o nome da deusa do sexo, e é filha de um ex-padre que se casou com uma prostituta?

– Sim! Sim! Ser isto!

– Quanta contradição, hein?

– Pois seres exatamente por questa contradiçon, além de toda sua beleza, que todos cá in Plaka a conhecem mui biem. Ser o sagrado i o profano num só cuerpo – dizia Vassilis. Sem desprezar suas escandalosas risadas.

Coagido pelo jubiloso ambiente, contaminado pela alegria excitante, entorpecido pelo forte aroma de rosas, seduzido pelo aprazível som do Buzuki, e intrigado com a dor da saudade e o ciúme latente por aquela mulher, deixou-se levar pelas circunstancias. Recolheu em si parte daquela felicidade, começou a sentir uma pequena inveja daqueles descendentes dos deuses, e desejou ardentemente – ao menos por aquela noite – ser um pouco grego:

– O que vocês bebem? O que vocês comem? Vamos! Dei-me algo de vossas vidas. Façam-me tão feliz quanto vocês!

Envaidecido pelo suplicante pedido, entusiasmado para apresentar as culinárias gastronômicas do seu povo, e interpretando um verdadeiro mestre cerimonialista, Vassilis logo acenou ao garçom. Pediu pipéri soúpa (sopa de pimenta), acompanhado de paidakia (costelas de carneiro), souflakia (um tipo de pão macio e recheado), e claro não se esqueceu de requerer, o tal Krasí kókino (vinho tinto). Sem demora, os pratos embelezavam quase toda dimensão da esverdeada mesa quadrada, e as apetitosas comidas exalavam o bom cheiro do puríssimo azeite de oliva. Lukas preparava-se para degustar dos fortes temperos de alcachofra e berinjela, quando, antes mesmo que desse a primeira mordida no pão, lascasse o carneiro nos dentes, ou provasse do apimentado da sopa, Vassilis empunhou na mão do garçom, uma garrafa de bebida licorosa, dois copos pequenos e disse:

– Não comas ainda senhor! Estás a ver?

– O quê?

– Questa garrafa in mina mão?

– Sim!

– Seres una garrafa de ouzo.

– Ouzo?

– O ouzo seres una licorosa bebida anisada. Una de las bebidas más famosas de toda Hellas.

– E por que é tão famosa assim? O que tem nela de tão especial?

– Seres mui mais que una bebida tradicional. Seres una bebida espirituosa. Compreende?

– Espirituosa?

– Muitos descobrem las suas verdades e seus mistérios num só gole. Contam que el ouzo conduz los que nunca a beberam, para mundos jamais vistos e explorados – explicava-o Vassilis. Seguidamente, fazendo questão de manter as tradições mais antigas do seu povo, encheu o pequeno copo cilíndrico, colocou duas pedras de gelo, entregou-o ao professor e brindou pela saúde, pela amizade e pelos deuses do Olimpo:

– Stin igeia mas! Ston filo, mas! O theos Dias tou Olympou – discursava num timbre de voz excessivamente alto. Aliás, como se expressam quase todos os gregos.

Apesar de nada interpretar daqueles indecifráveis palavrórios, o gesto de erguer a bebida ao alto, mostrava-se inteligível que propunha uma espécie de brinde entre eles. Lukas retribuiu com um largo sorriso, elevou seu braço até o vazio delimitado no ar, fez seu copo estalar na borda do copo dele e, sem jamais pressagiar que aquela bebida seria deflagradora para uma série de acontecimentos angustiantes, trouxe-a lentamente aos seus lábios. Bastou suas narinas perceberem a delicada fragrância de anis, a abertura estreita de sua garganta conhecer o travo gelado do licor, para o mundo simplesmente esvaecer de sua frente. Não enxergava mais nada, nem ouvia um só ruído. Restou apenas o silêncio dele mesmo, enterrado num breu de escuridão. Tentou gritar, mas a voz não ressoou com a intenção, assim como as pernas, que não corresponderam aos estímulos desesperados que fez para se mexer. Não estava embriagado, tão pouco desmemoriado. Gozava de sã consciência e de faculdades intactas. Sabia perfeitamente que estava num bar, no bairro de Plaka, no centro da Grécia. Seria capaz, inclusive, de descrever com minúcia, cada detalhe que sua mente havia armazenado antes do apagão: guardava o verde da mesa, a arrumação das comidas, o som da orquestra, o reconhecível amendoado olhar daquela mulher. Mas, do que lhe valeria saber de

tudo isso, se nem mais sentia a temperatura do seu próprio corpo? Queria era se livrar rápido daquele céu negro e infinito no qual havia mergulhado num único gole de ouzo.

Sabia que estava vivo e respirava, por pressuposições. Apenas porque percebia bem de longe, na cavidade lateral do seu tórax, os pulmões e o coração ainda funcionando. Desesperado, expirou todo aquele ar, que o penetrava sem mais nenhum tipo de cheiro, ou odor. Tentou reabrir as penumbras escuras que se fechavam sobre suas pestanas. Forçou as pálpebras, e até conseguiu abri-las. Mas constatou que tanto faria fechadas quanto abertas. Só desconfiou que os olhos estivessem mesmo entreabertos, porque um vento sombrio mexia os pêlos dos seus cílios. Não enxergava mais, um só vulto que fosse.

Permaneceu assim por efêmeros minutos, mas, suficientemente desagradáveis, para lhe parecerem um suplício. Até que, intermitentemente, algo lhe suplantava daquela severa punição e as luzes se reacendiam, aclarando-o para um estranho tormento: tudo havia se metamorfoseado como um delírio psicótico. À sua frente, Vassilis não era mais Vassilis. Transfigurava-se em Messias, o taxista paulistano. Postos na mesa, o carneiro, a sopa, o pão e o vinho, passavam a ser Chateaubriand ao Molho de Mostrada de Dijon, Terrine de Foie Gras de Pato ao Natural e um copo de *Whisky Glenfiddich* 21 anos. Afrodite não era mais a mesma mulher. Continuava dançando, linda e sensual, mas o véu cobria os lábios da face de Beatriz, seu primeiro amor.

A orquestra, que passava a ser regida por seus pais e mais quatro alunos, ao invés das tradicionais músicas gregas da *Mikis Theodorakis*, passavam a tocar Billie Holiday. O acorde fino dos Buzukis e as batidas percussionistas dos *Toumberlekias*, davam vazão a sopros de Saxofones com afinadas notas de piano. Os perfumes das rosas espalhadas pelo chão eram substituídos pelos tabacos queimados do seu cachimbo. Os idosos jogando partidas intermináveis de gamão, não eram mais tão velhos quanto antes, transformaram-se em seus jovens confrades e alguns amigos cachimbeiros.

Tinha noção parcial que suas retinas não transmitiam exatamente o que se passava por ali. Seu corpo era dominado por impulsos contrários aos seus intentos e, sem autoridade sobre si, foi transportado ao aglomerado de pessoas que dançavam – num ritmo fora de sincronia duma canção jazzística que somente ele ouvia. Em transe, sem saber o que fazia guiado por aquela força, começou a executar os movimentos do zebékiko. Conhecida como a dança dos bêbados, é uma dança típica grega, cujos passos são ditados pelas batidas do coração.

Acreditam que nesse momento, põe-se a alma pra fora e não se devem interromper por motivo nenhum, quem a dança. Conforme ensina a tradição, todos esvaziaram a pista e ficaram ajoelhados ao seu redor, para que ele dançasse o *zebékiko* sozinho. Conduzido pelas cadenciadas batidas do seu coração, começou a mover-se em giros e saltos. Fechou os olhos e seguiu rodando, movendo-se circularmente em torno de si. Girou, girou, girou... Enxergou a taberna transformar-se no restaurante francês, *Le Coq Hardy*. Avistou também, sentados numa mesma mesa: Afonso, o porteiro do seu prédio; Dário, o gerente financeiro do seu banco; Eraldo, o vendedor de serviços fúnebres, e o menino da sinaleira lançando para cima seus malabares mágicos. Preso naqueles invencíveis delírios, escutou uma voz berrando forte:

– Raimundo! Raimundo! Raimundo!

Mas que porcaria é essa? Ao invés de Nikos, Giorgos ou Yiannis, tão comuns na Grécia, surge alguém com essa droga de nome? Era só o que me faltava acontecer! Até mesmo aqui existem Raimundos? Mas que diabos!– irritou-se, e foi só. Antes de desfalecer.

CAPÍTULO 16

SUFOCAVA-SE COM SEU PRÓPRIO VÔMITO quando despertou confuso*: que lugar é esse? Onde estou? Como vim parar aqui?* – o forte cheiro de anis impregnava o pequeno espaço daquele desconhecido quarto, e uma súbita sede era adiada por uma atroz incontinência urinária. Levantou-se azafamado e logo encontrou a porta de um banheiro. Quase sem conter-se, abriu o zíper e desesperou-se ao sentir aquele ardor. Antes de esvaziar toda a bexiga, sua uretra lançava dolorosos jatos de sangue. Preocupado ao ver aquela vermelhidão no vaso sanitário, voltou-se para cama e verificou que havia golfado coágulos sanguíneos*: por que estou sangrando assim? Será que estou doente?* – apesar de assustado, preferiu não dar importância.

Desnorteado, buscando localizar-se, tentou ligar uma pequena televisão, mas a mesma não estava funcionando. Ao lado da cama e dos dois travesseiros, apossou-se de um telefone sem sinal algum de linha. Numa mesa de madeira, com um castiçal de três bocais vazios, encontrou uma espécie de cardápio escrito: Omiros Hotel Athenas. Em seguida, certificando-se que o Komboloi permanecia entrelaçado em seu pulso, e sua bagagem – sabe-se lá como – havia parado em cima duma poltrona, concluiu com certo alívio: *pelo menos não foi um sonho ou uma alucinação! Estou realmente na Grécia!*

Todavia, foi alargando as janelas daquele cubículo, que suas minúsculas dimensões e suas instalações precárias fez-se de pouca ou nenhuma importância. E perante a plenitude estonteante do que alcançou com a vista, sua falta de orientação logo foi situada. Se na precedente noite havia se impressionado tanto com a fascinante paisagem da Colina dos Lobos, defrontava-se agora com toda imensidão de Acrópole (do grego acro: alto, elevado - polis: cidade), é o mais antigo e importante monumento histórico da civilização ocidental. Trata-se de uma espécie de fortaleza natural, em cima dum cerro que chega a atingir cento e cinquenta e seis metros de altitude sobre o nível do mar, que se estende por mais ou menos três hectares de superfície.

Do ângulo da sacada, avistava também o Parthenon. Ponto central do conjunto de prédios que formam a Acrópole é um dos maiores monumentos culturais do mundo. Foi edificada no século V. a.C. para abrigar a estátua gigante da deusa Atenas (divindade venerada pelos gregos) e servia como tesouraria, onde se guardavam as reservas de moedas e os metais preciosos da cidade. Mesmo relativamente afastado, seu mediano conhecimento histórico, permitiu-lhe localizar ainda, por entre aquelas muralhas e ruínas antológicas, algumas das colunas de mármore das seis jovens que compõem o Erechtheion e um pequeno pedaço do templo do Nike de Athena (deusa da vitória).

Sem reprimir a irresistível atração de explorar mais de perto um pouco do magnetismo daquela cidade, e percebendo que havia reabilitado todos os sentidos do seu corpo físico, não demorou em abandonar as quatro paredes do incógnito quarto. Irrefletidamente, largou a janela entreaberta, banhou-se, colocou novas peças de roupa, e, sem saber se alguém – além dele – entraria ali, cuidou-se em dobrar toda a imundice do lençol e as manchas vermelhas dos coágulos sanguíneos, ocultando-os abaixo da cama. Livre dos vestígios do vômito, dos tormentos perturbadores da noite anterior e convencido de que retornaria àquele lugar, apanhou sua carteira na bagagem com algumas cédulas em Euro e bateu a porta.

Descendo por dois andares, através dos degraus ruidosos de uma velha escadaria, deu de cara com uma senhora dormindo sentada, recostada atrás de um balcão. Um ventilador com três hélices em vagarosas voltas soprava seus cabelos grisalhos, refrescando-a do insuportável calor; condizente com o abafado ar do verão mediterrânico. Ponderou acordá-la, entregar-lhe a chave do seu apartamento, pedir alguma informação, ou somente cumprimentá-la por pura educação. Mas, convicto de que não seria compreendido em português, tampouco entenderia o vernáculo que ela certamente responder-lhe-ia, preferiu deixá-la quieta. Mesmo curioso por desvendar como havia chegado ali, quem o havia levado, deu-se por satisfeito em constatar, por evidências contundentemente vistas, onde estava: *eu estou em Atenas! Com o komboloi de Vertygo. Se não estiver em Plaka, devo estar bem próximo. Que mais preciso saber? Resta-me apenas aguardar o mentor da ilha. Enquanto isso, andarei por aí...*

Eximido de itinerários precisos, seguiu caminhando sem rumo, direção e a passos indeterminados, por ruas revestidas de pedras e barro batido daquela desconhecida localidade. Sem bússola, relógio ou mapa e sem intervenção de ninguém, casualmente, chegou a uma espécie de praça pública, ladeada por um conjunto de prédios residenciais velhos, com aspecto de descuido e abandono. Descompromissado com o tempo e sem pressa alguma,

sentou-se sozinho num banco de madeira. Atento a tudo, a todos e em cada detalhe presenciado naquele breve percurso, começou a notar algumas esquisitices durante seu solitário passeio. Existia uma quantidade excessiva de gatos e bicicletas espalhados por todos os cantos da cidade, e, contradizendo a naturalidade de suas expectativas, não havia enxergado, nem mesmo pedalando nos biciclos, ou brincando com algum daqueles tantos animais felídeos, uma única criança. Nem berros do choro de recém-nascido, ou prantos distantes de algum bebê resmungando escutava-se.

Ainda assim, suas intrigantes cismas, por mais anormais e esdrúxulas que lhe parecessem, não foram suficientes para fazer cessar sua andança. Descolou suas costas do encosto, contraiu os músculos da perna, levantou seu glúteo da rigidez do assento e, deixando na praça sua desconfiança, voltou a caminhar aleatoriamente. Atravessou ajardinadas aleias, percorreu amuralhados quarteirões, e, seguindo por quase uma hora, abaixo do escaldante sol que se fazia, não teria como neutralizar o desejo imperioso de ingerir líquidos. A secura de sua boca, junto ao excessivo suor eliminado pelos poros da sua pele, fazia mais que denunciar seu cansaço corporal. Fazia-lhe brecar por um momento seus insólitos anseios por novas descobertas.

Fatigado, usou um dos braços para subtrair o peso do seu corpo, inclinando-o com a palma da mão encostada num poste. Reparando à sua frente, no meio duma movimentada alameda, que muitos gregos suavizavam o cálido clima, ingerindo a todo instante, um atípico creme de café batido com gelo e leite. Não procedeu exatamente igual a eles. Adentrou em uma simpática cafeteria, e sem vaticinar que aquela estranha sensação iria acometê-lo novamente, decidiu saciar sua sede, pedindo um copo médio de frapê de café. Porém, enquanto deleitava-se com o penetrante amargo gelado da inofensiva bebida, voltou a ser possuído por aquela indelével sensação de descontrole...

Teleguiado por essa energia, seu espírito sob forma de matéria, era conduzido, outra vez, por uma força desconhecida e alheia aos seus domínios. Repentinamente, desvaneciam-se todas as pessoas da apinhada alameda, a cidade tornava-se erma. Delirou pairando-se dali, ressurgindo em *Mitropoleos Street* (no lado oeste do bairro que rodeia Plaka). Sem nem mesmo sombra de gente perambulando pela desertificação que se fez à sua volta, viu-se desacompanhado, num imprevisível paradeiro. Feito alucinação hipnótica, apareceu diante da esplendorosa Catedral de Mitrópolis.

Desprovido de estímulos voluntários, suas pernas fizeram-lhe entrar através das imensas portas escancaradas e convidativas. Sem autocontrole, governado por aquela ação operante, sobrenatural e desobediente às suas vontades, atravessou por um tapete vermelho, e próximo ao sacrossanto altar, defronte de uma incomum decoração em estilo neogótico, ajoelhou-se. Aturdido, sentiu seus olhos secretarem dolorosas lágrimas de sangue. Atrelado ao sofrível choro, começou a reviver ali dentro, detalhes da missa de sétimo dia – assistida fortuitamente no domingo precedente. E em meio a uma indecifrável sensação de déjà vu, enxergou a Catedral de Mitrópolis, tomar a forma da Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Nitidamente, tornou a ver, sentada ao seu lado direito, aquela beata contando suas orações naquele mesmo terço.

Um pouco mais afastado, mirou os enlutados familiares de uma menina, confortando-se com os dizeres dum homem jamais visto: *"Oremos aqui hoje pela alma de nossa irmã Catarina, que nos deixou mais tristes há sete dias. Que Deus a receba...".* Essas palavras reproduziam-se com clareza de som para afora do interior de sua aflitiva mente e, mesmo sem reconhecer o dono daquela voz, sua imaginação deliriosa, fazia-o pensar que seria a fala de *Yiannis Aphros*, o tal padre ortodoxo, pai de *Maria Eletra Di Afrodite*.

Assustado, sem nada compreender sobre o que acontecia consigo, experimentou uma súbita dor física. Em seu âmago brotava uma amargura, uma aflição e um dissabor inconsolável: *quanta saudade de Catarina! Que falta! Que vazio! Quanto sofrimento! Que dor! Por que meu Deus? Por quê? Foi tudo culpa minha!* – lamentava-se e culpava-se profundamente, mesmo sem saber por quê. Até que de repente, avistou entrando pela igreja, a figura difusa e intricada de um menino. Trajando apenas um short e carregando alguns objetos ilegíveis, ele palmilhou descalço pelo tapete, e ajoelhou-se serenamente ao seu lado.

Perplexo, zonzo e tentando enxergar melhor o semblante do garoto, limpou rápido o turvamento aquoso de suas pálpebras manchadas de sangue, passou a palma da mão pelos cílios, enxugou todo o plasma acumulado neles, e conseguindo observar, aqueles malabares brancos justapostos no chão, não restaram dúvidas sobre quem era. Era ele, o mesmo menino pedinte, de uma das tantas sinaleiras da Avenida Brigadeiro Faria Lima.

– Calma! Não sofra assim! Logo, logo essa dor passa. Passou das outras vezes. Catarina era muito especial, mas foi um acidente. Não se culpe tanto – consolava-lhe o garoto como se soubesse de alguma coisa.

Mas o que ele faz aqui? O que quer dizer com isso? Porque esta me confortando? O que está havendo comigo? – e quando fez menção de indagá-lo, sua fala não propagou além da sua intenção. Tamanho foi o esforço para pronunciar algo, que ao invés de palavras, expeliu pela boca novos coágulos sanguíneos. Ao instante em que vomitava no luzido piso da catedral, sem decodificar aquela mensagem e sem entender o motivo da pavorosa reação fisiológica do seu organismo, o menino, a beata e os enlutados parentes de Catarina, desmaterializavam-se dali. E, através duma nuvem de ectoplasma, formada ao pedestal do sacro altar neogótico, testemunhou o padre, metamorfosear-se num sujeito desconhecido, vestindo uma manta amarronzada de lã, com um espesso cordão amarrado na cintura e um comprido rebuço na cabeça, sombreando as laterais do seu rosto e escondendo seus traços primitivos e andrógenos. Apoiando-se num cajado de madeira, ele desceu dois degraus em mármore, caminhou alguns metros arrastando uma alparcata de couro e antes de interromper suas penduladas passadas, lacerou o fúnebre silêncio que se fazia, perguntando numa entonação de voz roca:

– De Castro!?

– Quem é você? Como sabe o meu nome?

– É uma longa história meu rapaz. Logo, logo, vai compreender melhor tudo isso.

– Você fala português?

– Claro! Aqui todos falam português.

– Como é que é? – redarguiu-o embasbacadamente pasmo, levantando-se do chão na mesma hora.

– Calma meu jovem. Não gaste todos os seus questionamentos agora.

– Quer me assustar? É algum tipo de brincadeira? Estou enlouquecendo?

– Calma! Assim, não poderei ajudá-lo.

– Vamos! Diga-me de uma vez. Quem é você?

– O seu mentor talvez.

– O que vai me conduzir até Vertygo?

– Digamos que sim!

– Mas como pode saber o meu nome?

– Sei o nome de todos que foram e de todos aqueles que ainda irão à nossa ilha.

– Mas como pode ser possível saber o meu? Eu encontrei o Komboloi casualmente.

– Você que pensa que foi uma mera casualidade. Foi tudo premeditado.

– Premeditado?! Como assim? Que brincadeira é essa?

– Não é brincadeira alguma. Disse que não é esse o momento de responder suas perguntas. Imagino que possua mesmo muitas dúvidas. Espero conseguir explicar-lhe sobre boa parte delas, mas na hora certa. Por enquanto, vim até aqui apenas para levá-lo à Vertygo – acentuava-lhe sobre sua missão, despindo o rebuço de sua manta, exibindo um longo cabelo maltratado e quebradiço, uma barba malfeita com entremeados de fios brancos, um nariz achatado e um trepidante olho de vidro azul, sobressaindo permeio as cravadas marcas rugosas de expressão, que entregavam sua ancianidade.

– Qual o seu nome? Como devo chamá-lo? Porque tanto mistério? – indagava-lhe sem conseguir disfarçar o seu espanto diante daquele azulado globo ocular.

– Chamo-me Hermes! E, antes que busque mentalmente a antroponímia do meu nome como sempre faz com todos que conhece, posso eu mesmo revelá-la se você me permitir...

– Como pode ter conhecimento até sobre minhas manias? Como sabe que faço isso?

– Já lhe disse. Sei sobre todos que vão e que foram à ilha. E com você não haveria de ser diferente.

– Só falta dizer-me agora, que também consegue ler pensamentos. É algum tipo de mago, bruxo, vidente?

– Bem, mais ou menos. Posso ser muitas coisas na verdade. Em todo o caso, devo admitir que todas elas dependerão constantemente de seus próprios pensamentos.

– De meus pensamentos? Como assim? Como é possível?

– Muitas coisas não são possíveis, no entanto são indomáveis, inopinadas e acabam tornando-se realidade. Não é mesmo?

– Como essas coisas que estão acontecendo comigo?

– Sem perguntas, está bem?

– Mas...

– Combinado?

– Está bem! – achou inválido travar discussões, e mesmo impressionado e estarrecido com todo aquele emaranhado de fatos sucedidos em torno de si, preferiu concordar.

– Excelente! – correspondia-lhe Hermes, exibindo seus poucos dentes esverdeados num sorriso sem graça, mas aparentando certa satisfação com aquele breve acordo firmado entre eles. Em seguida, agindo com absoluta naturalidade, retirou, cuidadosamente, com os dedos médios e o polegar da mão direita, seu quebradiço olho, cuspiu nele pouca saliva a fim de umedecê-lo, poliu-o esfregando no antebraço esquerdo e, enquanto encaixava-o de volta ao buraco que se fez abaixo dos poucos pelos de uma das suas sobrancelhas, reportou ao significado do seu próprio nome:

– Sou Hermes, filho de Zeus (Deus supremo dos gregos), o arauto dos deuses e fiel mensageiro dos mortais. Sou protetor dos rebanhos, dos ladrões, dos oradores e dos escritores – deu uma pausa, aproximou-se mais um pouco, retomou fôlego e prosseguiu:

– Sou também o guardião de todos os viajantes, mas preciso que você confie em mim.

– Eu teria outra escolha?

– Claro meu jovem! Todos possuem o livre-arbítrio, que é a liberdade de indiferença, e como conheces bem, o *Jus eundi* (direito de ir e vir). A incumbência que me foi conferida é a de conduzi-lo são e salvo à nossa ilha, mas não poderei jamais cumpri-la, se porventura não mais desejar seguir adiante. Tens todo o direito de desistir, aqui e agora.

Retroceder àquela altura, abdicando dos seus anseios pessoais, das suas expectativas eufóricas por descobertas, e talvez da única chance de obter algumas explicações para suas lacunas internas, seria, absolutamente, aquilo que Lukas nem sequer cogitaria fazer.

Convencia-se cada vez mais, que todas aquelas coisas, por mais esquisitas que pudessem parecer a outrem, para ele faziam todo sentido: sabia que a tradução etimológica e a explicação mitológica daquele prenome estavam exatas. Assim como tudo se profetizava perfeitamente fiel à história conhecida sobre Vertygo.

Sabia inclusive que o olho de vidro azul ou *Nazar Bancugu* como é conhecido na Turquia, coincidentemente ou não, é um símbolo de proteção bastante respeitado na Grécia, e representa um poderoso talismã contra energia negativa, inveja e mau olhado. Mas, embora se persuadisse com o incomum conjunto de casualidades, foi por conseguir avistar na velha mão que segurava o cajado, um reluzente anel, cravado com as mesmas escritas do seu Komboloi que ele se lançou integralmente na invisível teia da Sincronicidade.

– Qual o nosso primeiro passo? – inquiriu-o mostrando-se resoluto, confiante e denotando certa pressa.

– O primeiro passo é você conter suas perguntas – replicou-lhe caçoando.

– E o segundo?

– Deixarmos essa catedral e seguirmos rumo à Piraeus.

– Piraeus?

– Sim, a cidade portuária de onde partiremos.

– Está bem. Preciso somente apanhar os meus pertences no hotel.

– Os seus pertences? Quais pertences?

– As minhas roupas, as minhas coisas e todo o meu dinheiro.

– Mas agora não precisará de mais nada disso!

– E quanto à minha bagagem? – fazendo brecar esses inoportunos contestamentos, Hermes construiu um semblante sério, pôs delicadamente a mão sobre o seu ombro e, enquanto aquele azulado globo ocular, apontado para cima, emitia sonoros estalos de vidros chacoalhantes, sacudindo solto em uma das órbitas, o outro olho arregalado, negro e em perfeito estado, encarava-o a fundo, em linha reta, ao instante em que proferia num tom desafiador:

– Sou o seu guardião. Confia ou não em mim?

– O mais estranho é que confio.

– Pois bem. Preciso aplicar-lhe essa injeção – alertou-lhe, e foi logo desenrolando, preso à corda que amarrava a sua manta, uma pequena bolsa escura de couro sintético. Dentro dela, retirou uma seringa e duas ampolas.

– Para que serve?

– Calma! Não vai doer nada. São vacinas.

– Vacinas? Mas contra o quê?

– Todos que viajam para a Grécia, sobretudo aqueles que seguem para as ilhas gregas, precisam tomar a tríplice viral e a vacina contra a febre amarela – explicou-lhe abreviadamente.

Lukas havia sido instruído sobre a precisão daquelas vacinas, ainda no check-in do Aeroporto Internacional de Guarulhos. Contudo, sua afobação precipitante, fez aquela importância prescindir, não a tratando com muita seriedade. Por consequência lógica, sabia naquele momento, que o fiel mensageiro dos mortais não estava lhe faltando com a verdade. Porém, mesmo que aquilo não estivesse em conformidade harmônica com o real, àquela altura, pouca diferença faria. Nada, por mais absurdo que se mostrasse, lhe causaria novas estranhezas. Tudo já era demasiadamente estranho, e coisa alguma, de modo nenhum, o faria desistir de ir até as últimas consequências. Sem opor-se e sem imaginar que aquela paranoia pioraria cada vez mais, permitiu que Hermes quebrasse o plastificado gargalo dos recipientes, unisse os líquidos numa mesma seringa e na posição intramuscular de uma das suas pernas, perfurando o tecido da sua calça, aplicasse a espessa haste de aço da agulha.

– Pronto! Agora você está preparado para ir. Vamos. Siga-me! – disse imperativamente, após introduzi-lo toda solução daquela mistura.

CAPÍTULO 17

Mitropoleos Street.
Atenas –14h 17min.

DO LADO DE FORA, A CIDADE retornava à normalidade antecedente ao solitário delírio do professor De Castro: as ruas eram novamente povoadas, abundavam motocicletas, táxis, carros, bicicletas e pessoas. Recompondo aquele cenário agitado e ruidoso do tráfego ateniense. Perto da catedral, subiram numa espécie de ônibus elétrico e em pouco mais de quinze minutos desceram numa espécie de mercado ao ar livre, no tradicionalíssimo bairro Monastiraki, a oeste da Praça Syntagma. Caminharam juntos pela movimentada Rua de Ermou: Hermes com o rebuço de volta sobre a sua cabeça, sem enunciar uma só palavra, tentava sem muito efeito, alargar suas dificultosas passadas. Enquanto Lukas, a par daquela lentidão, seguia um pouco mais afastado, perquirindo cada detalhe.

– Desde que desembarquei aqui, não vejo uma única criança – comentou cismado, com crível esperança de entender porque diante de seus olhares observadores, passavam adultos, jovens e adolescentes, mas criança não havia visto nenhuma. No entanto, sua intenção não funcionou como esperava. E ao invés das explicações que supôs ouvir, surgiam-se novas incertezas:

– Posso lhe garantir que elas estão aqui, espalhadas por todos os lugares.

– Como podem estar em todos os lugares, se não as vejo?

– Calma meu nobre viajante. Logo, logo entenderá tudo isso.

– Tudo isso? Tudo isso o quê?

– Todas essas perturbações. Seus transes, suas visões, seus surtos. Seja lá como queira chamá-los.

– Que diabos está acontecendo comigo?

– Não veio de tão longe para desvendar essa estranha manobra do seu destino?

– Sim...

– Tenha paciência. Eu lhe prometo que tudo vai terminar bem.

– Mas porque vejo pessoas, coisas e lugares se transformando? O que está havendo? Estou enlouquecendo por acaso?

– De maneira alguma.

– Sou algum tipo de médium sensitivo, clarividente? É isso?!

– Também não! Não tem ligação alguma com espiritismo.

– Então porque você mesmo disse que as crianças... Que elas estão em todos os lugares e somente eu não as enxergo? – refletiu mais um pouco e desentendido continuou:

– Como pude sentir tanta angústia e saudade daquela menina? Nem sequer a conheço.

– Está falando de qual menina? De Catarina?

– É... Mas... Você... Como pode saber o nome dela? Quem é ela? O que aquele garoto da sinaleira fazia na catedral e na taverna? Porque sinto culpas e mais culpas quando o vejo? Porque ele me consolava tanto? Quem é ele? Quem são essas pessoas? Elas existem? Vamos! Diga-me!

– Algumas existem de fato. Outras...

– Outras... Outras o quê?

– Apenas você consegue ver.

– Somente eu?

– Calma. Procure manter a calma.

– Essa é boa! Muito boa mesmo! Vejo pessoas que não existem, e você me pede calma? Quem você pensa que é? É Deus por acaso!? O que é isso? O que esta acontecendo?

Quem é Catarina? Quem é aquele menino dos malabares? Você não tem o direito de me esconder a verdade – berrava furiosamente desesperado no meio daquela feira barulhosa, bradando mais alto que os gritos dos muitos vendedores anunciando suas mercadorias. E, na medida em que a sua cólera interna elevava, começou a sentir o líquido gelado da vacina penetrando-lhe como agudos cortes de gilete. Em seguida, seus membros inferiores eram arrebatados por uma dilacerante câimbra, suas pernas adormeciam e, no auge duma súbita tontura, uma síncope fez seu corpo desabar.

✡ ✡ ✡

– Lukas... Meu rapaz... Ande... Acorde... Levante-se daí – ouvia longinquamente essa voz reboante, acompanhada por suaves tapas nas bochechas do seu rosto e do cheiro forte dum algodão, que encharcado de álcool, buscava reanimá-lo pelo olfato.

– O que aconteceu? O que estou fazendo aqui? Quem é você? – indagava com dificuldade, com embargos nas vistas, zonzeando e estirado no chão imundo.

– Você desmaiou. Não lembra? Estamos em Atenas indo para Vertygo.

Embora reconhecesse com presteza aquele trepidante olho azul, a primeira aparição menos turva ao seu derredor, não foi propriamente a da capital grega. Tão logo se colocou de pé e recompôs-se da queda abanando com ambas as mãos toda poeira que havia grudado em sua roupa, ao invés das sofisticadas lojas da Avenida Ermou, ou do famoso Mercado de Pulgas de Monastiraki, professor De Castro sentiu-se a grande equidistância dali. Transtornado, fora de si, e naquele processo alucinatório de converter lugares ignotos, enxergou-se instantaneamente, através de clarões de flashes rápidos, no meio duma via enladeirada, no centro da Rua 25 de Março em São Paulo.

– Você está bem? – perguntava-lhe Hermes, procurando despertá-lo com maior rapidez, e intuindo que ele mergulharia numa nova adulteração introspectiva da realidade.

– Um pouco enjoado e tonto.

– Deve ser algum efeito adverso da injeção.

– Da vacina?

– Pode ser – reafirmou-lhe o guardião dos viajantes, tentando despistá-lo.

– Não, não acredito que seja. Na verdade, eu não venho me sentindo nada bem.

– Por que diz isso? O que sente?

– Esses dias... Vomitei coágulos sanguíneos algumas vezes.

– Não era sangue.

– Como pode afirmar que não era sangue? Nem comigo você estava?

– Engano seu meu nobre viajante. Estava ao seu lado o tempo todo.

– O que você está dizendo? – inquiria-o atonitamente e um tanto quanto assustado.

– Estou dizendo é que o vi vomitando na cama do Omiros Hotel e no piso da Catedral de Mitrópolis.

– Deus do céu – clamou estupefato. – como pode ser possível uma coisa dessas?

– Digamos que a sua mente está fantasiando um universo que não existe.

– Como é que é?

– Você criou uma dimensão paralela a realidade.

– Uma fantasia inexistente? Em uma outra dimensão? Que conversa é essa?

– Sua imaginação está criando um mundo falso. Um mundo assistido unicamente por você.

– Como uma ficção?

– Como uma ficção vista apenas por você.

– Por isso vejo essas pessoas, esses lugares?

– Exatamente!

– Mas por qual motivo? Por que comigo?

– Talvez seja uma espécie de escapatória inconsciente.

– Escapatória inconsciente?

– É! Uma fuga psíquica, causada em decorrência de algum acontecimento traumático.

– Um trauma?

– Sim! Uma agressão emocional grave, uma crise angustiosa capaz de desencadear sérias perturbações mentais. Por isso via-se vomitando sangue.

– Como assim?

– Aquele sangue, somente você conseguia enxergar. Seria como uma manifestação psicológica de algum ferimento incurável, um corte em seu imo, uma dor interna. Ele expressa sofrimento. Como se você estivesse sangrando por dentro – Hermes suspendeu por breve instante suas explicativas, construiu uma expressão desafiante, um ar misterioso, e com autonomia pertinente de quem conhecia algo a mais, prosseguiu:

– Não se recorda mesmo de nada?

– Não!

– Não se lembra de um acidente?

– Um acidente? Que acidente?

– Deixa pra lá.

– Deixar pra lá? Você está me omitindo alguma coisa? O que aconteceu? O que quis dizer com acidente?

– Compreenderá melhor tudo isso, assim que chegarmos à ilha.

– Mas...

– É preciso que tente manter a calma. Tenha paciência. Ainda não é esse o momento.

– Muito bom! – resmungava irritado. – E quando será o momento?

– Quando você estiver preparado para saber da verdadeira história.

– Mas que droga! Que maldita história é essa? Porque tanto segredo? Porque não me conta logo o que está acontecendo?

– Eu não posso. Sinto muito. Por enquanto, tente relaxar. Respire fundo. Temos uma longa jornada pela frente. Você precisa recuperar os sentidos. Caso se exalte ou fique nervoso...

– O que é que tem?

– Poderá sofrer novos súbitos desmaios.

– Por quê?

– Bem...

– Vamos! Diga-me algo, por favor – pedia-o desesperadamente.

– Percebe que foi acometido por vertigens todas as vezes em que ingeriu alguma substância na Grécia?

– Você tem razão! – consignou numa entoação sobressaltada e incompreendida. – Primeiro foi com um gole daquela bebida espirituosa, em seguida entrei em transe com o frapê de café. Agora desmaiei após tomar essa vacina

– Acha mesmo que um inofensivo licor de anis, um creme batido de café gelado, ou uma simples vacina, poderiam lhe causar tamanhas alucinações?

– Espera um pouco... – temeroso e absorto em pensamentos variados, não respondeu de imediato. Aquela altura, já não conseguia mais minorar, nem disfarçar seus abalados desentendimentos. E com a pasmacidade estampada na palidez do semblante que edificou no seu rosto, alheado em infinitas hipóteses, embasbacado com aquela situação quase fantasmagórica, indagou amedrontado e receoso pela resposta que estaria por vir:

– Se aquela bebida na taverna não era ouzo, se o creme gelado não era frapê de café e se a vacina que tomei não era mesmo vacina, o que seriam todas essas coisas então?

– Foram combinações de diferentes tipos de medicamentos.

– Como é que é?

– Isso mesmo que ouviu. Você desenvolveu um surto histérico, e seu estado de obscurecimento da consciência fazia-o pensar que tomava ouzo, frapê e vacina. Mas eram remédios fortíssimos, doses cavalares.

– Remédios?! Mas pra quê?

– Estamos dentro duma clínica psiquiátrica, tentando encontrar uma fórmula, um antídoto, uma droga capaz de lhe trazer de volta pra cá.

– De volta?

– Sua imaginação lhe trai, fazendo-lhe pensar que está na Grécia. Mas você não está aí.

– Eu não estou aqui? Que maluquice é essa?

– Digamos que você se dividiu em dois.

– Em dois?

– Sua mente e seu corpo. Sua mente viajou sozinha, mas seu corpo não lhe acompanhou.

– Como espera que eu possa acreditar num absurdo desse? É loucura...

– Você precisa confiar em mim. Sou o seu único ponto de ligação com a realidade. Você inventou esse mundo semilunático, evocou personagens, criou esses lugares e sustentou essa paranoia para fugir de algum trauma. Sou a única pessoa que pode ajudá-lo a encontrar uma saída. Tenha fé. Tudo irá terminar bem – garantia Hermes, encerrando a prosa e reiniciando suas penduladas passadas. Enquanto Lukas, atordoadamente, creditava sua esperança nessas palavras de otimismo e protelava suas dúvidas para o desfecho daquilo que entendeu ser o seu fadário: chegar logo à Vertygo.

✡ ✡ ✡

Segundos depois, um pouco mais equilibrado e denotando maior serenidade, conseguiu processar todas aquelas informações como verdadeiras e regressou para o realismo da sua desacompanhada fábula. Com a sua focagem virtual de volta ao bairro do Monastiraki, repôs-se ao encalço das alparcatas de couro e do cajado de madeira daquele arauto dos deuses: atravessaram uma via pública loteada de mercadores africanos e indianos que vendiam imitações genuínas de marcas famosas. Passaram rente as diversas lojas de souvenirs, armarinhos, butiques de miudezas e numa amontoada estação de comboios, próximo ao mercado de antiguidades da Praça Avissinias, tomaram um metrô.

Silenciosos, sentaram-se lado a lado, e suavizando a monotonia daquele ligeiro percurso, distraindo-se com as belas paisagens coloridas que se revelavam pelas janelas laterais, sequer notaram a passagem dos quase trinta minutos de viagem até chegarem a um dos terminais de desembarque da imensa cidade portuária de Piraeus (Πειραιάς Peiraiás).

Impacientes e tomados por incontida pressa, ergueram-se juntamente do rijo assento, caminharam pelo estreitado corredor e desceram por uma das portas dianteiras do vagão. Do lado de fora, os raios dourados dum estupendo pôr do sol resplandecendo em tons índigos sobre a cristalina água do Mar Egeu (Αιγαίο Πέλαγος), e uma prazerosa brisa com aroma de algas, lambiam-lhes a testa dando-lhes boas vindas e causando-lhes enganosas sensações de revigoramento.

Empolgados, andaram alguns metros pela vasta extensão beira-mar, daquela terceira mais populosa metrópole grega: seguiram através da *Pasalimani* (uma das maiores marinas do mediterrâneo), passaram abaixo do monte de *Kastella*, e na beira da margem de relevo rochoso de um pequeno cais acostável em *Mikrolimano* – ou *Tourklimano* – antes de subirem num dos seus ancoradouros, deixaram-se fascinar brevemente com aquele cenário exuberante: uma interminável enseada marítima, sendo efervescida pelo alvoroço de navios cargueiros, gigantescos transatlânticos, luxuosos cruzeiros e modernos ferry boats que se espremiam, atracando e partindo ininterruptamente. Atrás deles, a igreja do *Prophet Elijah* e o *Theatre de Veakeio*, não o fazendo esquecer, um só instante, de que estavam num lugar especial, cercado de mistérios, lendas e histórias.

Incomodado com seu mazelento globo ocular – que desprovido de umidade e ressecado pela maresia do salitre, arranhava-lhe as pálpebras como minúsculos ciscos de pedra – Hermes parou frente ao molhe, e sem-cerimônia, repetiu aquele gesto com a mesma espontaneidade anterior: retirou o envidraçado olho com a ponta dos dedos, umedeceu-o com a saliva de um cuspe seco, roçou-o limpando no antebraço esquerdo, e encaixou-o de volta a cavidade escura que se fazia entremeio aos cílios e pregas da sua orla palpebral.

Seguidamente, dirigiu-se a um perfilamento de *yachts* e barcos pesqueiros, subiu pela popa duma reduzida fragata, sem mastro, sem vela e com a palavra όνειρο escrita ao boreste do convés. Acomodou-se na posição de comando, arriou sua bengala sobre o colo, fez funcionar com as mãos o êmbolo comprimido dum ruidoso motor de combustão, deslocou para si uma pesada âncora de ferro, e após certificar-se de que Lukas já havia se instalado devidamente dentro da precariedade daqueles quatro metros de madeira incrustada de sargaço, manobrou o barco de ré, ajustou a proa para a linha do horizonte, e, lentamente, seguiu cortando as ondulações de marolas, desviando-se dos inúmeros tipos de embarcações que chegavam e saiam das muitas marinas costeiras da baía de Falera.

CAPÍTULO 18

Arquipélago do Dodecaneso.
11h 23min.

AS ESPUMAS EDIFICADAS DO EMBATE da água no casco do barco, junto às submersas hélices do motor escapando querosene, marcavam um longo rastro oleoso e esbranquiçado no anilado mar Egeu. A bordo, nem mesmo a robusta ânsia pela chegada, ou o incomodativo balanço das ondas, amplificando o barulho irritante de vidros trepidantes no olho de seu guardião, faziam-lhe despertar dos seus desvairados e imprecisos pensamentos. Oscilando entre o inquieto cochilo e a vigília desassossegada, Lukas prosseguiu dormitando por mais de dezessete horas.

Quando deu por si – a mais de trezentos quilômetros ao sudoeste de Atenas – a embarcação já havia ultrapassado todo o arquipélago das Cyclades, costeado o litoral norte de Karpathos (Κάρπαθος), e próximo à costa sul do território turco, quase encostado na ilha de Rodes (Ρόδος), adentrava através de paredões rochosos, dum inexplorado corredor marítimo. Com cuidado para não encalhar a fragata na baixa maré vazante, e com atenção redobrada para não chocá-la contra uma das pontas dos corais à mostra, Hermes seguiu vagarosamente abaixo das enormes montanhas avermelhadas que ladeiam o ermo canal de Zealyon, até finalmente avistar o pequeno píer daquela secreta décima terceira ilha do Dodecaneso.

Tão logo saíram do convés e pisaram no molhe que ligava a praia calma de águas límpidas à areia grossa e preta (natural das regiões vulcânicas), foram recebidos por um gregário desnudo de nativos. Além do dialeto semi-indecifrável, e do incomum aspecto semelhante a indígenas, eles traziam, puxados pelas mãos e preso por uma rédea ao pescoço, dois estranhíssimos animais de seis pernas. Batizado de jantós: uma espécie normal do cruzamento de cavalo com mula, se não fossem aquelas duas pernas a mais, entre o tórax e a cauda.

Mesmo extasiado, tomado por um arrebatamento íntimo e saboreando uma mistura de alegria, alivio e medo, professor De Castro conseguiu conter-se. Refreou a sua robusta euforia e restringiu-se a repetir os movimentos do seu guia: acenaram com a cabeça agradecendo aos nativos, montaram nas vértebras dorsais daqueles diferentes sexdrúpedes, e deixaram para trás os altos pinheiros que embelezavam a beira duma praia quase virgem.

Cavalgaram algum tempo por um atalho íngreme de barro batido, seguiram por uma trilha de plantas rasteiras e depois de oito quilômetros, num caminho declivoso, cercado de oliveiras e zimbros, chegaram a uma despovoada aldeia de casinholas com portas e telhados vermelhos. Tal como Santorini (Σαντορίνη) e outras muitas ilhas gregas, Vertygo também havia se formado dum acidente geográfico. E, na consecução primorosa de seus casarios, a cobertura dos telhados, ao invés dos tons azuis ou brancos – comuns em Mikonos e Paros – eram todos pintados de rubi cintilante, em homenagem a intensa cor da larva do vulcão que o originou: Nea Βέρτιγκο.

Simultaneamente, desceram pelo compacto dorso dos jantós. Hermes retirou o rebuço da cabeça, caminhou com sua bengala apontada na direção de uma das casas, e, daquela mesma bolsa em couro presa na corda que amarrava sua manta amarronzada, de onde primeiro havia retirado a tal vacina, fez sair uma reluzente chave de ouro. Encaixou-a no orifício esférico da maçaneta, girou-a em duas voltas completas, sustentou sua expressão misteriosa e abriu a porta:

– Bem vindo a Vertygo! – anunciava alto, enquanto fazia cumprir a lenda atribuída ao Nazar Bancugu, seu globo ocular trincava em miúdos fragmentos. “Dizem que quando a missão ou a vontade do seu dono se realiza, o olho de vidro azul se quebra em muitos pedaços”. Em seguida ele recolocou a capa que cobria os traços primitivos de sua face, retornou vagarosamente ao lombo daquele animal de seis membros inferiores e partiu em meio aos verdes pés de azeitonas e aos escuros gálbulos dos genebreiros.

Isolado, completamente só, e sem intervenção de mais ninguém, professor De Castro convencia-se de que era chegada – enfim – a hora de desvendar parte daquele obscuro enigma em que se via envolvido. Um incontido frisson fazia-o tremular dos pés a cabeça, e no exato instante em que seu corpo ultrapassou a avermelhada porta de madeira e suas pernas apreensivamente pisaram no interior daquela casinhola, seu temor foi suplantado por um pânico inesperado. Inexplicavelmente, a gargantilha de diamantes que havia comprado para

sua mãe estava ali dentro, reprisando uma novela colorida qualquer, mas com o áudio corrompido pelo seu aparelho de som, que justaposto ao lado dela, reproduzia aquela mesma canção de Billie Holiday que ele havia programado em sua casa para tocar por cinco dias sequenciados: Please Don't Talk About Me When I'm Gone.

Mais ao canto, reconheceu ligeiramente seu sofá, revestido pelas pilhas das provas de antroponímia, os porta-retratos com fotos da saudosa infância, e os mesmos livros que jurou não mais tornar a abri-los. Dividindo espaço numa das cômodas, as caixas de antidepressivos, um copo de *Whisky* pela metade, o isqueiro banhado a ouro da Passatore e o legítimo cachimbo italiano da Savinelli, que ainda aceso, espalhava a fumaça do tabaco da *Borkum Riff Black Cavendish*. Reparou também que na articulação de seu pulso esquerdo, o Komboloi convertia-se no Bvlgari Solotempo – o mesmo relógio que havia comprado para presentear o seu pai. Procurou e encontrou dentro daquela mesma bíblia, o bilhete deixado aos seus pais, com suas desculpas e intenções suicidas – mas – com uma assinatura que reconheceu não ser a sua.

Agoniado e quase entregue ao desespero, mal conseguia acreditar na emaranhada alucinação que seus olhos transmitiam-no. Era como se detalhes partidos do quarto e sala onde ele morava, tivesse se transportado para aquela pequena casa na Grécia, como se tivesse viajado para tão longe, durante dias, e sequer saído do lugar. Alheado naquela psicose tormentosa e prisioneiro da sua própria paranoia, apenas a manchete avistada num jornal de domingo espalhado sobre sua cama, foi capaz de resgatá-lo momentaneamente do desvairamento. E a notícia impressa nele, destacando um grave acidente de carro, fazia-o tentar percorrer na lembrança memorial, fatos que pudessem – de alguma maneira – interligar-se com aquela informação tresvariada que passava a ver.

Primeiro relembrou da missa de sétimo dia assistida na Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, e do breve diálogo com aquela atenciosa beata de roupagem de freira: *"Todos morreram na hora, exceto Catarina, que deixou o local com vida, mas não resistiu aos ferimentos, morrendo no hospital na manhã do dia seguinte. Tinha apenas quatro anos de idade... Pobre criança..."*. Seguidamente, recordou do delírio que teve próximo a Plaka, na Catedral de Mitrópolis, quando tornou a ouvir dum padre: *"Oremos aqui hoje pela alma de nossa irmã Catarina, que nos deixou mais tristes há sete dias. Que Deus a receba..."*.

Veio-lhe novamente à memória, aquelas palavras de consolo enunciadas pelo menino pedinte de uma das tantas sinaleiras da Avenida Brigadeiro Faria Lima: *"Calma! Não sofra assim! Logo, logo essa dor passa. Passou das outras vezes. Catarina era muito especial, mas foi um acidente. Não se culpe tanto"*. Por fim, as perguntas codificadas e as explicações evasivas de Hermes deixavam-no ainda mais atordoado: *"Não se lembra de um acidente?... Você criou uma dimensão paralela a realidade... Sua imaginação está criando um mundo falso. Um mundo assistido unicamente por você.... É! Uma fuga psíquica, causada em decorrência de algum acontecimento traumático... Uma agressão emocional grave, uma crise angustiosa capaz de desencadear sérias perturbações mentais..."*

Deus do céu! O que está acontecendo comigo? Quem era essa menina? – clamava aos berros de desespero. E o eco funesto do silêncio que se instalou mediante a ausência esperançosa duma resposta que não veio, foi violado pelo repentino susto de uma delicada batida na porta:

– Lukas?!

– Quem é?

– Sou eu, a Marjorie.

– Marjorie? Que Marjorie?

– O senhor telefonou-me do hotel Maksoud Plaza em São – Paulo, não lembra?

– Espera um pouco... Que maluquice é essa agora? O que você quer? O que fazes aqui?

– Vim lhe ver.

– Não pode ser. Eu sequer a chamei.

– Mas certamente desejou chamar-me.

– Desejei... Mas... Desisti na última hora.

– Sim, desistiu, eu sei. Mas a sua vontade foi imensamente maior.

– Como me encontrou aqui? Como veio parar na Grécia?

– Seguindo os rastros dos seus pensamentos.

– Dos meus pensamentos?

– Exatamente!

– Não entendo...

– Nem procure entender agora. Tenha calma, você vai ficar bem.

– O que você quer de mim?

– Vim de longe, estou cansada, não vai convidar-me para entrar?

Freneticamente agitado, cada vez mais confuso, e sem nunca prognosticar o que descortinaria do outro lado, Lukas abriu a porta para uma nova insanidade visual. Defrontou-se com a mágica esplendorosa da junção de três mulheres: as lascivas silhuetas de Maria Eletra Di Afrodite com a fala afável da voz de Marjorie, coberta pelo vestido preto que ele havia comprado para Beatriz presenciar o seu velório, ela parou diante da perplexidade dele. Seu singelo sorriso causava-o um estranho saudosismo, seu perfume tinha o aroma duma íntima sensação de familiaridade e seu olhar amendoado trazia a certeza nostálgica de já conhecê-la anteriormente.

– Quanta saudade meu amor! Estarei esperando você voltar – sussurrava-lhe docemente aos ouvidos, acariciando com delicadeza as laterais da sua face, entregando-lhe para um beijo, as bordas carnudas dos seus lábios suavemente molhados. Beijaram-se ardorosamente, numa mistura de desejo e melancolia.

Coagido pela fúria daquele incompreendido sentimento e com a volúpia urgência de possuí-la, despiu-a afoitamente, arrancando-lhe o vestido, rasgando-lhe as peças mais intimas. Apressado, retirou a camisa, arriou a calça abaixo do joelho, segurou-a pela cintura pélvica enquanto penetrava-a com força, amor e saudade. Seus corpos entrelaçaram-se na comunhão dum movimento desgovernado que desfazia toda cama, suas respirações ofegavam no compasso de uma excitação recíproca, e seus poros trocavam gotículas de um suor quente e aquoso.

Tudo parecia sublime: a interação era plena, a cumplicidade harmoniosa, e o prazer mútuo transcendiam para muito além do sexo. Mas, após juntos atingiram o acme dum gozo

prolongado, Lukas foi bruscamente acometido por uma súbita fadiga física e uma espécie invencível de esgotamento mental. Seu coração desacelerou, suas pálpebras decaíram, ofuscando a imagem daquela linda mulher gemendo nua à sua frente e sua consciência envolvia-se num estado de privação das atividades perceptivas e voluntárias. Mergulhou num sono profundo.

CAPÍTULO 19

Sexta-Feira – 09h 14min.
Salvador – Bahia.

PERMANECEU ENLEVADO, COM SUA MENTE suprimindo todas as intenções espontâneas e seu corpo em estado parcial de inércia. Quando acordou, horas e mais horas depois – ainda zonzo e desnorteado – avistou seus braços e pernas amarrados nas laterais de uma cama reclinada. Percebeu que vestia uma espécie de larga bata branca e que uma solução liquida, no interior de um recipiente preso à uma haste de ferro, interligava um fino cano com uma agulha na sua outra extremidade perfurando uma de suas veias do antebraço.

– Doutor Novaes. Corra aqui! O Raimundo acordou – escutou alguém gritando.

Logo, aproximou-se um sujeito alto, com cabelos grisalhos, barba bem feita, vestindo um jaleco alvo e, com uma pequena lanterna, examinou seus dois olhos, observou sua garganta, e enquanto aferia a sua pressão arterial, perguntava-lhe denotando certa preocupação:

– Consegue me ver?

– Sim, perfeitamente.

– Sente alguma coisa?

– Um pouco de tontura e enjoo. Onde estou?

– Procure acalmar-se.

– Eu não entendo. Estava na Grécia agora a pouco. Como vim parar aqui?

– Na verdade você nunca saiu daqui de dentro. Está preso nessa cama por quase uma semana.

– Quem é você? Que lugar é esse?

– Você está numa clínica psiquiátrica e eu sou o seu médico.

– Não pode ser...

– Do que lembra? Até onde lembra?

– Lembro-me desde o domingo, quando resolvi me matar.

– De mais nada antes disso?

– Não, de nada mais.

– Percebe que sua vida somente existiu a partir daquele dia? Consegue notar que sua lembrança foi extinta antes do domingo?

– Você tem razão! Eu não consigo mesmo lembrar-me de mais nada. O que aconteceu comigo?

– Bem, na noite de sábado, você sofreu uma ruptura parcial com o mundo e desenvolveu uma interpretação falsa da realidade.

– Como assim?

– Você foi afligido por uma psicopatia rara.

– Uma psicopatia?

– Sim! Existem pouquíssimos registros de outros pacientes com esses mesmos sintomas. Você teve o que chamamos de fuga de amnésia psicogênica. Seria um esquecimento de memória em decorrência duma agressão emocional grave. Um acontecimento traumático, mas que se agravou porque veio acompanhado de transtornos dos cinco sentidos. Você sofreu alucinações da audição, visão, tato, olfato e gustação.

– Como um esquizofrênico?

– Não! Ao contrário da esquizofrenia e de outras doenças cerebrais, onde as ideias delirantes são desconexas, as suas se uniram num determinado contexto lógico para formular um sistema delirante rigidamente estruturado e organizado. Por isso, tudo lhe parecia inteiramente real.

– Mas como isso acontece?

– Os indivíduos que sofrem essas perturbações, combinam mentalmente elementos, informações, pessoas e objetos que haviam percebido isoladamente em diferentes ocasiões, interligam-nas e desenvolvem uma história fantasiosa.

– Está dizendo que a partir de domingo nada existiu?

– Exatamente! Ou melhor, existiu somente para você. Na verdade você nunca foi paulistano, fez apenas algumas viagens esporádicas a trabalho e possivelmente sua mente registrou algumas informações de lá. Você é baiano, seu nome é Raimundo, e não existe uma décima terceira ilha no arquipélago do Dodecaneso.

– Meu nome não é Lukas? Não sou paulistano? Vertygo não existe?

– Isso mesmo! A pessoa possuída por esse tipo de alucinação, normalmente assume uma nova identidade e passa a fabular o seu envolvimento em missões e aventuras instigantes. Por isso você inventou Vertygo, e quiçá por nunca apreciar muito o seu próprio nome, sua mente, coagida por essa aflição desvairada, fez-lhe pensar que se chama Lukas de Castro. Também não é, nem nunca foi professor de antroponímia.

– Não sou? E como posso saber tão perfeitamente a etimologia de muitos nomes?

– Não sabemos o motivo exato, nem a razão do cérebro reagir desta maneira, mas, os poucos pacientes acometidos por este distúrbio, desenvolvem aptidões e habilidades extraordinárias. Uns viram feras em matemática, xadrez e química. Outros debandam para arte, transformam-se em grandes pintores, escritores ou músicos. No seu caso, você foi capaz de externar conhecimentos impressionantes referentes à antroponímia, sem nunca ter ao menos, estudado sobre esse assunto. Assim como foi capaz de conhecer muito a respeito da Grécia sem jamais ter estado por lá.

– Mas Doutor, tudo me parecia tão verdadeiro. Eu tocava coisas, ouvia sons, e enxergava as pessoas como lhe vejo agora. Sentia cheiros, sabores...

– Entendo, e até era verdade, mas dentro duma realidade exclusivamente sua. Como lhe disse, você sofreu perturbações nos cinco campos dos sentidos.

– Quem eram aquelas pessoas? Como e porque elas surgiam para mim?

– Algumas eram frutos criativos dessa sua psicose visual, outras eram conhecidas de algum lugar e inseridas por você mesmo, inconscientemente, no contexto da sua fantasia.

– Inseridas por mim?

– Por exemplo: o porteiro do seu prédio, a beata da igreja, o vendedor de serviços fúnebres, o gerente do banco... Possivelmente você já os teria visto em diferentes ocasiões, seu subconsciente as armazenou e aleatoriamente introduziu-as nessa sua paranoica.

– Não entendo porque eu experimentava fortes sentimentos por alguns desses personagens? Uns pareciam mais reais... O menino da sinaleira, Catarina, Beatriz...

– Veja bem, você esteve aqui amarrado nessa cama. Sequer levantou-se dela, existia o sério risco de sofrer graves convulsões epiléticas. Então, durante este período inteiro, por todo momento eu fiquei ao seu lado, cuidando de sua saúde e lhe monitorando atentamente. Talvez, por você sempre me sentir próximo, na sua fantasia, eu fui incluído de maneira mais presente.

– De qual maneira?

– Digamos que fui um pouco do Messias, do Vassilis e do Hermes.

– Como seria possível? Eu nem o enxergava comigo.

– Mas, sentia a energia da minha presença. Em alguns momentos inclusive, você conseguia ouvir a minha voz e seguir os meus conselhos, enquanto me esmiuçava toda essa sua peregrinação alucinatória.

– Então era a sua fala me amparando do desmaio no Monastiraki?

– Isso aí! Lembra em seguida quando Hermes lhe disse: *"Estamos de dentro duma clínica psiquiátrica, tentando encontrar uma fórmula, um antídoto, uma droga capaz de lhe trazer de volta pra cá". "Sua imaginação lhe trai, fazendo-lhe pensar que está na Grécia. Mas você não está aí". "... Você se dividiu em dois... Sua mente viajou sozinha, mas seu corpo não lhe acompanhou".*

– Lembro sim. Eu ainda o questionei: *"Como espera que eu possa acreditar num absurdo desses?".*

– Exatamente! Naquele instante era a minha voz que você ouvia, porém, na imagem física de um homem que você casualmente havia inventado.

– E quanto aquele menino pedinte, carregando seus malabares mágicos. Porque eu sentia tanta culpa sempre que delirava vendo-o?

– Não tenho certeza, mas, pelo que pesquisei sobre sua vida, tudo me leva a acreditar que seja uma culpa recolhida em seu subconsciente por algum aborto que tenha feito ainda na sua juventude.

– Isso realmente aconteceu... Mas eu era tão jovem, tão imaturo...

– Pois é! Eu não estou aqui agora para julgá-lo, mas jamais nos livramos integralmente desses nossos erros irreparáveis. Eles ficam armazenados em forma de culpa e adormecidos na escuridão de nossa intimidade mais sigilosa. Tentamos até esquecê-los, contudo, muitos deles, voltam a atazanar-nos o juízo, como fantasmas e dolorosos arrependimentos. Por isso, sempre quando você avistava em seus delírios aquele menino, tão desprotegido e frágil, sentia-se imensamente culpado.

– E porque somente agora despertei dessas alucinações?

– Por que finalmente encontramos a droga certa de reanimá-lo. Introduzimos-lhe uma dose de 2,3 mililitros de Elevation.

– Quem me garante que eu não regressarei mais à Vertygo?

– Infelizmente não podemos assegurar isso. Nem sabemos se a dosagem foi suficiente para resgatá-lo de vez, nem por quanto tempo permanecerá lúcido. Mas, quem sabe, quando você descobrir exatamente o que aconteceu naquele sábado, você fique livre desse tormento para sempre.

– O que aconteceu doutor?

– Recorda que no meio dessa sua viagem fictícia, você constantemente enfatizava que seu nome era Lukas com **K**?

– Claro que lembro!

– Pois bem, você desenvolveu uma obsessão pela letra **K**, porque, apesar de chamar-se mesmo Raimundo, embora deteste esse seu nome, e ainda que tenha permanecido dias abstraído e desmemoriado do mundo real, você transportava a lembrança de sua filha através da letra **K** do nome dela.

– Então **K**atarina era mesmo a minha filha?

– Era não. Ela é! Continua sendo. Ela está viva! Vivinha e linda. Ela e sua esposa Beatriz.

– Eu não me recordo...

– Vocês viajavam juntos para uma praia no litoral baiano. Só que no caminho, bateram contra um veículo desgovernado e sofreram um acidente grave. O carro tombou e após capotarem algumas vezes, seus corpos foram ejetados para fora. Você bateu forte com a cabeça e ficou desacordado por segundos. Quando acordou enxergou sua filha e sua esposa ali, desfalecidas naquele asfalto, pensou momentaneamente que elas haviam morrido. O medo de perdê-las foi tamanho que sua mente não suportou a possível dor daquela perda e seu imaginário desenvolveu esse mundo inexistente para suprir seu sofrimento. Logo, logo, você vai relembrar de tudo isso. Só espero que seja breve, pois elas estão aqui na clínica, bem na sala ao lado, e ansiosas para vê-lo.

Azoinado, sem saber ao certo em qual história acreditar: em toda verdade vista transparentemente através de seus olhos, ou na explicação crível daquele desconhecido sujeito, Raimundo de Castro ergueu com dificuldade a parte superior do seu corpo, reclinou o tórax com os dois cotovelos apoiados na cama, mirou a fundo o estranho médico, tomou fôlego, e, antes que a sonolência o vencesse novamente, perguntou com uma relutância desconfiada:

– E quem me garante que você também não faz parte desta minha paranoia? Quem me assegura que você existe realmente? Como posso ter certeza que você não é mais uma criação do meu imaginário? Como posso acreditar nisso tudo? Como posso?

Sobre o Autor

Marcus Deminco (Salvador/BA, 28 de Setembro de 1976). Psicólogo; Escritor; Prof. de Educação Física; Doutor Honoris Causa em Transtorno do Déficit de Atenção / Hiperatividade (*Brazilian Association of Psychosomatic Medicine*); *Practitioner* e Tutor de Programação Neurolinguística (PNL); Subscritor do Newsletter Psicologia.pt - O Portal dos Psicólogos, e Autor Dos Livros:

1. EU & MEU AMIGO DDA – Autobiografia de Um Portador do Transtorno do Déficit de Atenção / Hiperatividade.
2. HELEN PALMER – Uma Sombra de Clarice Lispector.
3. VERTYGO – O Suicídio de Lukas.
4. Mensagens para Postar, Curtir & Compartilhar. Vol.1
5. Mensagens para Postar, Curtir & Compartilhar. Vol.2

Fale com Marcus Deminco

E-mail: marcusdeminco@gmail.com

Website: http://marcusdeminco.com/

Blog: http://marcusdeminco.blogspot.com.br/

Twitter: https://twitter.com/marcusdeminco

Facebook: https://www.facebook.com/marcus.deminco

Pinterest: https://www.pinterest.com/marcusdeminco/

CRÉDITOS

Capa: Erick Cerqueira (Marketing & Design)
http://esc3d.com.br
Produção do e-book: Fernando Barreto
http://www.comopublicarebooksnaamazon.com/